

# PÍLULAS DE **BOM SENSO**

USE SEM MODERAÇÃO



*Por Rudá Ricci*

**De Temer ao Poder  
Hegemônico do Centrão  
Parte II: 2020 a 2021**

**afipea 10**

Sindicato Nacional dos  
Servidores do Ipea | Associação dos  
Funcionários do Ipea

**DE TEMER AO PODER  
HEGEMÔNICO DO CENTRÃO  
PARTE II: 2020 A 2021**

# DADOS CATALOGRÁFICOS

## DE TEMER AO PODER HEGEMÔNICO DO CENTRÃO PARTE II: 2020 A 2021

*Rudá Ricci*

### PROJETO GRÁFICO

Matheus Natan Martins Dutra e  
Henrique Euzébio Alves

### EDITORAÇÃO

Maria Luíza Diniz, Henrique Euzébio e Marina Rito

AFIPEA-SINDICAL

*De Temer ao Poder Hegemônico do Centrão Parte II: 2020 a 2021. / Rudá Ricci*

Brasília: Afipea, 2021.

1. Governo. 2. Democracia. 3. Políticas Públicas. 4. Planejamento Governamental. 5. Economia.

**CDD:**

2021 por Associação de Funcionários do Ipea

**ISBN:**



*Mestre em Ciência Política e doutor em Ciências Sociais, Rudá Ricci é presidente do Instituto Cultiva. Condecorado com a medalha do Grande Mérito Educacional de Minas Gerais, ex-consultor da ONU e avaliador de projetos de desenvolvimento territorial financiados pelo Banco Mundial. É o coordenador nacional da Economia de Francisco e do Pacto Educativo Global, projetos do Papa Francisco. Autor de "Lulismo" (Editora Contraponto), "Nas Ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013" (Editora Letramento) e "Conservadorismo Político em Minas Gerais" (Editora Letramento), entre outros.*

# SUMÁRIO

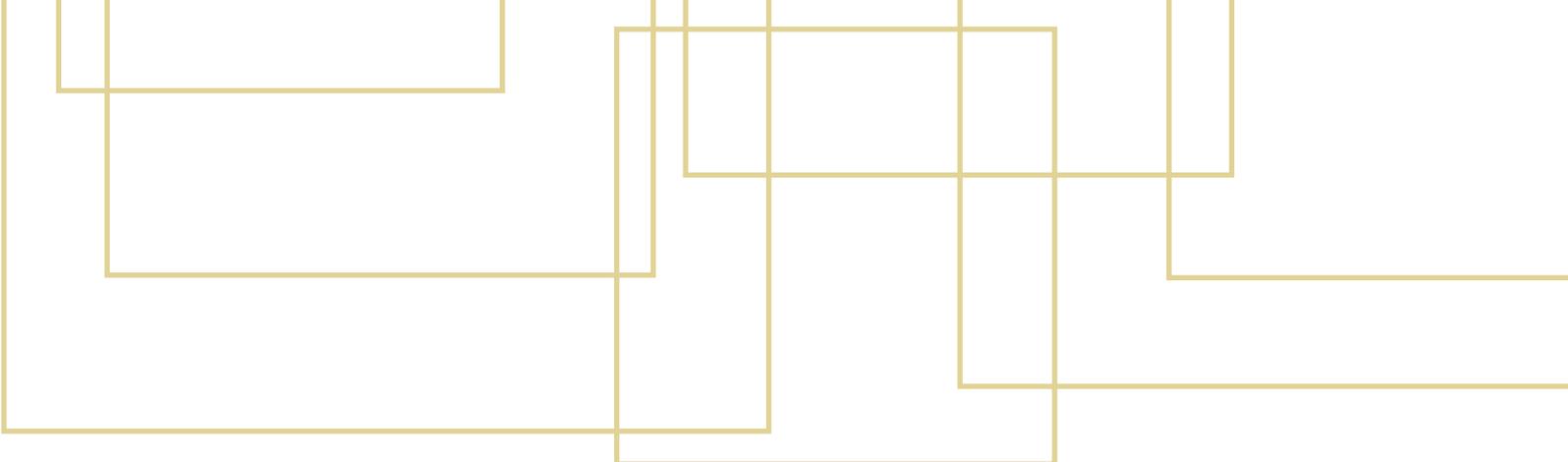
## **APRESENTAÇÃO** **7**

## **ANO 2020** **11**

1. SOBRE OPULÊNCIA E POBREZA 11
2. O ENCONTRO DE LULA COM INTELLECTUAIS MINEIROS 13
3. COMO SE ENCHE A CABEÇA DE UM POVO COM BOBAGENS E MENTIRAS 16
4. ESQUERDA E NEOFEMINISMO DE CONVENIÊNCIA 17
5. 8 DE MARÇO: O FEMININO E O FEMINISMO WICCA 19
6. A DESMONTAGEM DO BOLSONARISMO E A NECESSIDADE DE CRIAÇÃO DE UM GOVERNO PARALELO 21
7. A POLÍTICA DE CICLO CURTO OU A CRISE DO SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA 23
8. O QUE FAZ BRASILEIROS DUVIDAREM DA EPIDEMIA? 25
9. O COTIDIANO DOS ISOLADOS EM CASA 29
10. BOLSONARO, MORO E GLOBO NOS TRATAM COMO MANADA 31
11. EPIDEMIA REVELOU A ALMA DO POVO BRASILEIRO 32
12. GOVERNOS PARALELOS OU COMITÊS TERRITORIAIS: A URGÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DO CORONAVÍRUS E NA GARANTIA DA VIDA 34
13. BOLSONARO EM FRITURA COM FOGO BAIXO 35
14. GOVERNO FEDERAL NA ENCRUZILHADA 37
15. O DAY AFTER 39

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 16. | EM COMPASSO DE ESPERA   | 41 |
| 17. | FELIPE NETO VAI AO PARAÍSO  | 44 |
| 18. | POR QUE ESTAMOS ERRANDO TANTO? A SOCIOLOGIA EXPLICA?  | 45 |
| 19. | UMA REUNIÃO EM MEIO AO CAOS   | 47 |
| 20. | A JUVENTUDE É MUTÁVEL   | 49 |
| 21. | SOBRE A DEMOCRACIA E SEUS LIMITES   | 53 |
| 22. | UM GOVERNO DE EXTREMA-DIREITA NUM REGIME DEMOCRÁTICO  | 58 |
| 23. | SOBRE O BOLSONARISMO COMO VALOR DESVIANTE   | 60 |
| 24. | AS NOVAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL  | 62 |
| 25. | 2013 É AQUI   | 64 |
| 26. | O CAMINHO DO CAMPO PROGRESSISTA BRASILEIRO  | 66 |
| 27. | JAIR, O TIOZÃO DA FESTA DO VIZINHO  | 68 |
| 28. | UMA SOCIEDADE SEM CARÁTER?  | 69 |
| 29. | A APROPRIAÇÃO ESTÉTICA DAS PALAVRAS, VESTIMENTAS E PRODUÇÕES CULTURAIS HISTÓRICAS PELOS GRUPOS IDENTITÁRIOS | 72 |
| 30. | POR QUE BRASILEIROS NÃO RESPEITAM O ISOLAMENTO SOCIAL?  | 73 |
| 31. | BOLSONARO MUDA O ESTILO E COMEÇA A FAZER POLÍTICA COMO GENTE GRANDE   | 75 |
| 32. | A AUSÊNCIA DE OPOSIÇÃO FORTALECE O BOLSONARISMO   | 76 |
| 33. | A AUSÊNCIA DE UMA DIREITA CIVILIZADA E UM CENTRÃO POLÍTICO NO BRASIL  | 79 |
| 34. | UM LIVRO-BÚSSOLA PARA SE ENTENDER TEMPOS CONTURBADOS  | 80 |
| 35. | O DESLOCAMENTO DOS BOLSONARISTAS PARA MORO  | 87 |
| 36. | O XADREZ DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020  | 90 |

|     |   |            |
|-----|---|------------|
| 37. | O DESLOCAMENTO IDEOLÓGICO DO PETISMO                                | 91         |
| 38. | PT ENVELHECEU   | 93         |
| 39. | A TRANSIÇÃO INACABADA DE 2015                                       | 96         |
| 40. | NORDESTE SEDIA O MELHOR JOGO DE XADREZ DO BRASIL                    | 98         |
| 41. | SEM DIREÇÃO, PETISTAS SE VIRAM NOS 30 NESSAS ELEIÇÕES<br>MUNICIPAIS | 100        |
| 42. | O PT NA ENCRUZILHADA, COMO EM 1983                                  | 101        |
| 43. | A HEGEMONIA DO CENTRÃO E A CAPTURA DE FUNDOS DA<br>SAÚDE E EDUCAÇÃO | 103        |
|     | <b>ANO 2021</b>   | <b>106</b> |
| 44. | A CAMINHO DO CENTRÃO  | 106        |
| 45. | A INESPERADA OFENSIVA CONTRA BOLSONARO                              | 109        |
| 46. | A “MANSIDÃO” POLÍTICA DA MAIORIA DOS BRASILEIROS<br>POBRES          | 112        |
| 47. | A SINA DO BRASIL  | 114        |



# APRESENTAÇÃO

RUDÁ RICCI

*Belo Horizonte, fevereiro de 2021.*

Esta é a segunda e última parte de uma coletânea de textos que escrevi, quase diariamente, sobre desencontros da política brasileira.

São pequenos textos que analisam cada momento do conturbado jogo político nacional, narrando e analisando os acontecimentos entre 2020 e início de 2021, apresentando algumas pinceladas conceituais ou dados de pesquisas recentes.

Nesta segunda parte, a angústia do impasse político toma conta de vários artigos. A razão dessa angústia se deu na medida em que a realidade nacional apresentava um paradoxo infernal, composto por sinais trocados e contraditórios:

1. O enfraquecimento do bolsonarismo, tendo alguns de seus suportes – o protagonismo dos filhos do Presidente; os grupos ultrarradicais, como o liderado por Sara Winter; a queda da repercussão de postagens bolsonaristas nas redes sociais; a diminuição da relevância dos ministros “ideológicos” – e a queda dos índices de aprovação do governo federal no início de 2021;
2. A desorganização da esquerda nacional e as mobilizações sociais erráticas, que não se sustentam por mais de um mês ou dois;
3. A explicitação nítida de uma cultura política popular e nacional que oscila entre uma

fuga da realidade – a dificuldade para enfrentamento das adversidades – e uma espécie de fatalismo em que nada pode alterar significativamente a dinâmica política inaugurada com o impeachment de Dilma Rousseff;

4. E a ascensão do bloco político de direita, autodenominado “Centrão”, que se consolida como força hegemônica do campo institucional brasileiro com as vitórias eleitorais municipais (novembro e dezembro de 2020) e eleição de seus líderes mais conservadores para as presidências do Senado e da Câmara de Deputados (fevereiro de 2021).

Esta dinâmica, em que parece se diluir a energia moral da mudança, contradiz tudo o que ocorreu desde 2002: um ímpeto do cidadão-eleitor em enfrentar a política tradicional a partir da votação de Lula – o líder operário de esquerda –, e de Jair Bolsonaro – o outsider, membro do baixo clero da Câmara de Deputados. Dois personagens políticos que estampam no imaginário popular o enfrentamento do *establishment*.

O que teria sugerido à maioria dos brasileiros alterar este ímpeto?

Os artigos que se seguem procuram compreender este fenômeno. Apresentam hipóteses explicativas, ten-

tativas de entendimento desta alma atormentada nacional.

Possivelmente, vivemos um esgotamento. Talvez, um respiro nacional. Afinal, o lulismo melhorou a vida dos pobres, mas acabou preso. Acabou preso após a derrubada do governo de sua sucessora, a petista Dilma Rousseff. A dúvida se instalou. Lula perdeu quase 50% de sua popularidade com a queda de Dilma no período logo após sua prisão.

O brasileiro médio – pobre, trabalhador e desconfiado em relação às intenções das elites nacionais – duvidou de suas convicções recentes. E apostou em outro outsider, mais radical que Lula e que defendia o oposto do líder operário petista. O resultado foi ainda mais desanimador.

O problema é que a revelação da incompetência de Bolsonaro em governar uma das maiores economias deste planeta coincidiu com uma espécie de estresse pós-traumático da base do lulismo. Uma onda derrotista embalou este segmento que desde os anos 1980 se revelava aguerrido e determinado. O catastrofismo passou a ser uma marca da narrativa de grande parte da base petista e do lulismo – uma camada social mais ampla que a petista –, sugerindo uma articulação internacional e nacional irresistível, pautada pela *guerra híbrida* motivada por teorias militares oriundas dos EUA.

Nessa narrativa, as mobilizações de 2013 teriam iniciado uma ofensiva avassaladora que jogaria todo esforço

de melhoria social do país, realizado na primeira década deste século, numa vala sem fundo. Nada explicava o porquê de no intervalo entre 2002 a 2013 nada ter acontecido, ou porque em 2014 não houve continuidade das mobilizações do ano anterior. Enfim, a ofensiva de direita, que foi engolida rapidamente pelas forças e discurso de extrema-direita, parecia fruto de uma articulação exógena ao campo hegemônico da política nacional que, pela primeira vez em toda história da república brasileira, venceu quatro eleições nacionais consecutivas e permaneceu elegendo a maior bancada federal, além de permanecer como o partido com maior número de brasileiros o apoiando em todo este período (oscila entre 15% e 20% o total do eleitorado que declara preferência no Partido dos Trabalhadores, sendo que o segundo partido com maior preferência não supera 5% dos eleitores do país).

A combinação da desorientação da maioria dos eleitores nacionais com a desorientação de parte significativa das lideranças da esquerda nacional criou as condições perfeitas para a ascensão da direita tupiniquim, apresentada como oposição moderada ao bolsonarismo.

O Centrão procura, desde então, se apresentar como uma espécie de poder moderador focado nos interesses das bases eleitorais de seus pares. Pragmatismo puro, sugerem como seu ideário básico. Com tanta força adquirida, a disputa passou para seu interior. Foi o que demonstrou a divisão na eleição da presidência da Câmara de Deputados

que ocorreu nos primeiros dias de fevereiro de 2021. A violência só não foi maior porque Rodrigo Maia, então presidente da Câmara de Deputados e padrinho da candidatura de Baleia Rossi (líder do MDB), não sustentou as ameaças que passou a distribuir nos últimos dias da peleja. Mas, a fissura estava exposta.

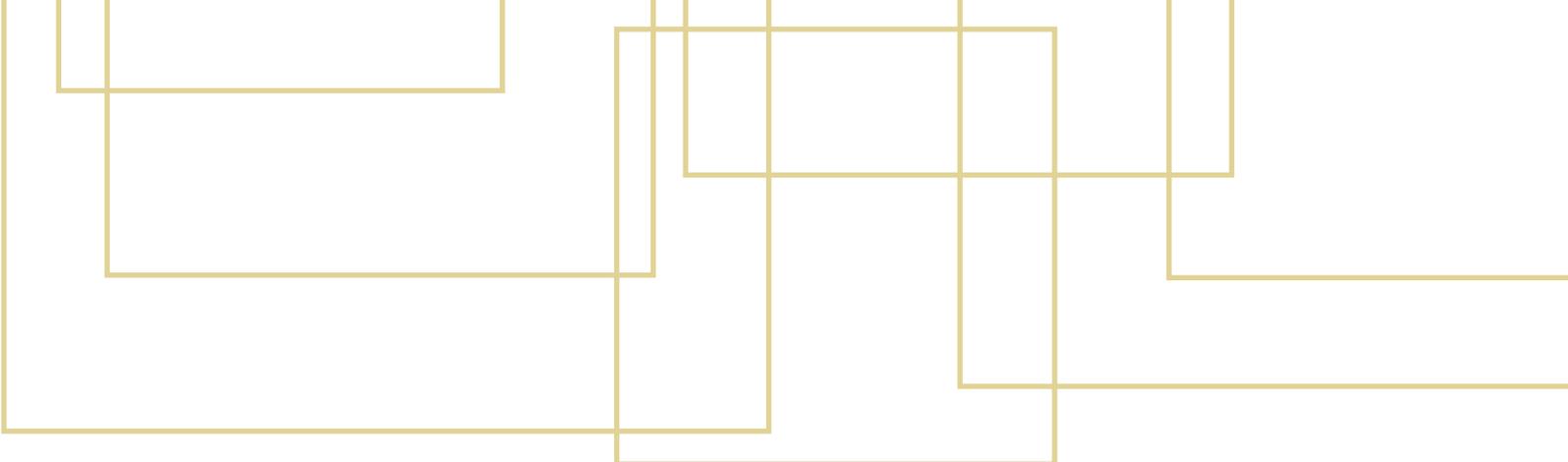
Muito já se disse que o Brasil não é país para amadores. Para políticos e analistas amadores. Por isso, compreender a dinâmica da política nacional exige jogo de cintura, tranquilidade para não fazer apostas e para tentar interpretações. Apressado, neste caso, não apenas come cru como acaba tendo que se justificar o tempo todo, dado o eterno movimento errático do país.

O brasileiro procura, afinal, algo que lhe dê segurança. Foram poucos os momentos em que viu suas esperanças se projetarem no horizonte. Nesses momentos, as elites econômicas, militares e políticas se revoltaram. Disseminaram que a melhoria de vida foi maior para os governantes que estavam governando o país. Disseminaram que a melhoria de suas vidas era uma miragem. E disseram que o remédio seria amargo, principalmente para os trabalhadores e pobres do país.

O intrigante é que parte significativa dos trabalhadores e pobres do Brasil acreditou nessa narrativa das elites. E pior: não raro, as forças reformistas ou membros dos governos progressistas acabaram ficando em dúvida sobre o que realmente estavam fazendo.

Este é o Brasil.

O Brasil que os artigos publicados em seguida procuram narrar e interpretar. Um esforço árduo que pode levar o leitor a um transe. Como é o caso do nosso país.



# ANO 2020

## 1. SOBRE OPULÊNCIA E POBREZA

Estamos sob o signo do Papa Francisco. Uma espécie de Francisco de Assis do século XXI. O Papa retoma, surpreendentemente, o que em religião se denomina “carisma” (o toque divino que nos distingue) franciscano: uma relação especial com a natureza e com a pobreza.

Francisco de Assis adotou uma percepção muito próxima da que nossos indígenas (como os Krenak) têm em relação à identidade de animais, plantas, rios e montanhas. Os Krenak chegam a dar nome às montanhas e identificam suas “famílias”.

Mas, hoje, gostaria de comentar a relação com a pobreza. E não exatamente a partir de um olhar sociológico ou econômico, mas sob a perspectiva do ideário social contemporâneo sobre a pobreza.

Para mim, foi Clara de Favarone, a Santa Clara, que mais ousou neste tema. Vale a pena recordamos, ainda que brevemente, seu arrojo que, hoje, escandalizaria como escandalizou naquela Idade Média do século XIII.

Este foi o período em que as cidades se impunham sobre os feudos. Era assim em Assis, no século XIII. A pobreza campeava. Assis, com seus 3 mil habitantes, se dividia entre a parte dos “maiores” (a nobreza) e dos “menores”

(os pobres e os desvalidos, como os leprosos). Talvez, justamente em função desta transição social, começaram a se multiplicar pequenas comunidades cristãs (aliás, o conceito de comunidade se opunha ao de feudos naquela quadra da nossa história), totalmente à margem da estrutura oficial eclesiástica. Retomavam a tradição das comunidades cristãs primitivas, onde a caridade se plasmava na partilha com todos. Jovens, filhos de nobres ou comerciantes, abandonavam sua vida privilegiada, em especial, na Itália e Alemanha, e partiam para uma vida sem bens. Algo que já havia ocorrido com Sidarta, 400 anos antes de Cristo.

Aos 18 anos, Clara abandonou sua vida de luxo. Vivia num castelo, filha de um nobre. Se juntou à comunidade de Francisco e, em seguida, formou em São Damião (uma antiga capela próxima de alguns hospícios, em Assis) uma comunidade cristã feminina. Desde o início, rompeu com diversos cânones. Resistiu a assumir a função de abadessa. Se negou à viver em clausura plena porque queria ter contato com os pobres e com a vida social. Vendeu sua herança e distribuiu o dinheiro arrecadado aos pobres, para não gerar qualquer dote que compraria seu ingresso num monastério beneditino (o único caminho para a vida consagrada feminina). Uma mulher forte e decidida.

Clara dialogava com o “movimento pauperístico” que alimentou muitos leigos no século XII. Um retorno ao ideal das primeiras comunidades cristãs: vida comunitária, vida apostólica, a identifica-

de com a pobreza. No caso das mulheres, dialogava com a experiência do movimento das beguinas (possivelmente, o nome se relaciona com a vestimenta de cor bege), que se espalhou pelo norte da Itália, Bélgica e Alemanha. Um movimento totalmente à margem da estrutura eclesial, que se orientava por uma vida sóbria e que instalava suas comunidades próximas a leprosários ou hospitais. No século XIII, este movimento chegou a envolver 6% da Bélgica e 10% da população de Colônia.

Toda esta história para refletir sobre nossa relação contemporânea com a pobreza. Vivemos um período de transição social como a do período de Francisco e Clara, em Assis. Contudo, ao contrário daquele período, o ideário social rejeita a pobreza como se rejeitava a lepra ou a peste negra. Pobres desejam ser empreendedores; filhos de classe média se escoram na meritocracia para saltar degraus no sucesso pessoal. Não há qualquer questionamento em relação ao absurdo de existir bilionários neste mundo, uma condição de vida que vai muito além do necessário e que, para se manter, necessita produzir mais, destruindo a natureza e as relações humanas.

Parece estranho que, à beira do abismo, tenhamos a convicção que o melhor é dar um passo à frente.

Enfim, neste domingo de Carnaval, acordei com esta inquietação: por que, afinal, não ter uma vida de opulência ou ostentação é sinal de fracasso pessoal?

Por qual motivo nos orgulhamos de viver na era da sociedade do desempenho?

## 2. O ENCONTRO DE LULA COM INTELLECTUAIS MINEIROS

Lula esteve na região metropolitana de Belo Horizonte para participar de alguns encontros e atos do MST e MAB, este último, encerrando o seminário internacional sobre o modelo de mineração adotado no Brasil que finalizou a programação da Marcha dos Atingidos que marcou o primeiro ano do crime socioambiental da Vale em Brumadinho.

Lula decidiu ampliar sua agenda. Participou de uma reunião com dirigentes partidários no hotel onde esteve hospedado em Belo Horizonte e, em seguida, durante mais de três horas, se reuniu com intelectuais (ao redor de 50) mineiros. Fomos informados que Lula desejava se reunir periodicamente com intelectuais e, em outro encontro, com ativistas da área cultural de diversas capitais brasileiras.

Tive o privilégio de ser um dos convidados para este encontro com intelectuais. Fomos recepcionados por Márcio Pochmann, que preside a Fundação Perseu Abramo, e pelo ex-ministro Luiz Dulci. A metodologia foi bem objetiva: Lula queria ouvir ponderações e leituras da realidade brasileira e, ao final, faria alguns comentários.

Como se sabe, intelectual gosta de falar. Faz longas digressões para justificar e fundamentar uma opinião. Faz parte da etiqueta profissional: o fundamento que faz sua opinião ir além do mero palpite. No encontro com Lula não foi diferente. O que fez com que um pouco mais da metade dos presentes conseguisse expressar seus pontos de vista. Foram 29 exposições. Lula ouviu como um monge: em silêncio, um olhar reflexivo que, em algumas vezes, cheguei a pensar que estava em outra dimensão. Ao final, percebi meu engano: sua fala costurava os 29 comentários. Não se trata de um ouvinte inexperiente ou incauto e eu deveria ter imaginado seu autocontrole. Recordei da época que coordenei a montagem do seu plano de governo na questão agrária, em 1989. Lula ouvia e, de repente, fazia perguntas inusitadas sobre um aspecto, focando em algo que teria um vínculo direto com a capacidade de gestão (como o caso de querer saber em quantas safras colhidas o valor do ICMS correspondente poderia pagar os custos da reforma agrária num determinado território).

O encontro foi reservado e, por este motivo, não citarei os nomes dos participantes. Farei um apanhado das diversas falas, agregando temas recorrentes.

Seria possível dividir os temas em quatro grandes eixos: educação, projeto de desenvolvimento, impacto e enfrentamento das fake News e desafios e pautas a serem enfrentadas. Também foram apresentadas reflexões sobre os desa-

fios da esquerda brasileira, articulando com a radical mudança de organização social pela qual passamos neste início de século: algo como “todo o processo de vida social do século XX está se desfazendo e é preciso repensar todo diagnóstico e projeto estratégico”.

O diagnóstico da realidade brasileira não é simples. Houve quem destacasse dados de pesquisas recentes em que se verifica que de 50 mil pessoas que compunham um painel (uma base de pessoas que são consultados periodicamente através de enquetes online) em 2019, 43% afirmaram acreditar em fake News disseminadas, mesmo depois do desmentido formal e amplamente divulgado. A fake News não está no campo da razão, vários comentaram, mas da emoção e da ideologia. Este foi um tema que reapareceu em várias falas. Discutiu-se como o combate às fake News se relacionam com uma forte afetividade entre quem dissemina e quem recebe, envolvendo famílias, amigos e igrejas.

Outras pesquisas foram citadas, como a que indicou, recentemente, que 35% dos mineiros entrevistados se dizem lulistas (ou apoiadores do ideário lulista) e 28% bolsonaristas. Nem todos os presentes concordaram com esta realidade ou que ela seja definitiva.

Também foram citadas pesquisas recentes, como a patrocinada pela Central Única de Favelas, que indica certa mansidão popular: a maioria dos moradores de favelas brasileiras se apresenta otimista em relação ao seu futuro e que

as melhorias previstas se darão exclusivamente por seu esforço pessoal. Ou a série histórica construída por pesquisa patrocinada pelo CDL BH que revelou que a maioria dos belorizontinos acredita que o governo Zema vai mal e que a situação econômica deve piorar, embora acreditem que se trate de um governador esforçado e bem-intencionado. Mais uma vez, a emoção e uma certa fé cega se sobrepondo à razão.

Houve falas mais agudas, sugerindo que o diagnóstico da derrota de 2018 ainda não foi feita e que seria preciso discutir não apenas a ofensiva de extrema-direita e direita, mas também os erros cometidos. Lula confirmaria, mais tarde, esta necessidade, embora reforçasse a construção do discurso de direita como uma montagem que evoluiu nos últimos dez anos.

Uma fala que convergiu com esta crítica foi a de um economista que criticou a forma como a esquerda conduz o debate sobre modelo de desenvolvimento. Em sua leitura, se a agenda social (em especial, educacional), de renda e geração de trabalho fica nas mãos de dirigentes e intelectuais de esquerda, a agenda de desenvolvimento e investimentos invariavelmente cai nas mãos do empresário ou assessores e formuladores que poucas afinidades têm com o ideário de esquerda.

Houve uma série de intervenções relacionadas à agenda pública educacional. Educadores formavam o maior bloco entre os presentes. Um dos des-

taques foi a política educacional para a infância. Outra, para a educação universitária. Uma fala contundente destacou que talvez seja a hora de repensar as políticas e estratégias educacionais pensadas pela esquerda porque o que está em jogo é a criminalização dos movimentos sociais, ou seja, lideranças sociais e grandes educadores que se vinculam aos movimentos sociais. Esta fala foi ainda mais sofisticada, destacando que as próprias lideranças sociais se apresentam como liderança pedagógicas. É neste sentido que a cultura e a educação estão sendo atacadas, muito menos por uma substituição de projetos.

Outro tema abordado foi o diálogo com as massas populares. Muitos reforçaram que só há desenvolvimento ou política social se for para as massas. E que a esquerda ainda sente dificuldades em articular esta agenda com a questão ambiental. Foi recordado que a agenda ambiental é nitidamente de esquerda porque não interessa à direita ou empresariado. Contudo, a concepção de desenvolvimento ainda engatinha nesta direção. Um dos presentes sugeriu que, inclusive, a questão ambiental se relaciona diretamente com a miséria: destacou que as regiões mais afetadas pelo dilúvio que atingiu nos últimos dias a região metropolitana de BH foram as mais pobres e sem infraestrutura pública. Foi sugerido que a agenda do momento envolvesse a) questão ambiental; b) as diversidades (no plural); c) as mentalidades e ideologias; d) o diálogo e comunicação com o povo.

Sobre este último item, foi destacada a necessidade de se repensar a comunicação com as massas. Um Pai de Santo disse: “nós somos da feira, popular e democrática, não somos do mercado”, aludindo à certa contradição entre a cultura e identidade popular brasileira e a estranha noção de empreendedorismo (muito comentada por Lula) que se dissemina nos últimos anos. Novamente, as instituições mais vinculadas à intimidade e projetos pessoais (família e igrejas, em especial) foram muito citadas. Também foi destacada a necessidade de abrir uma forte discussão e reaproximação com setores progressistas da classe média brasileira.

Ao final das falas, Lula fez um arremate. Dialogou com as críticas apresentadas. Reconstruiu os passos para fortalecimento da Petrobrás, a concepção estratégica de desenvolvimento pensado pelos governos petistas e o aumento das críticas, inclusive dos movimentos sociais, em certo momento do governo Dilma. Mas, focou nas dúvidas atuais e no pedido de ajuda ao grupo presente. Disse que é preciso compreender o que é trabalho nos dias de hoje. Recuperou como, nos anos 1970, se falava nas portas de fábrica usando o termo “peão”. Logo depois, passou a ser utilizado o conceito de “trabalhador”. O conceito se popularizou de tal maneira que professores passaram a se chamar de “trabalhadores da educação”, médicos se nomeavam “trabalhadores de saúde” e assim por diante. Hoje, tudo mudou e um entregador de pizza que se desloca pela cidade em dia de chuva numa bicicleta se intitula

“empreendedor”. No estilo Lula de ilustrar de maneira irônica seu diagnóstico, ficava nítido sua preocupação com a mudança em curso no mundo do trabalho.

Finalizou pedindo para pensarmos três agendas: juventude, desigualdade social e soberania nacional.

Foi um primeiro encontro desta natureza. Não havia apenas petistas – embora fosse a imensa maioria – mas analistas de esquerda. Lula parecia cansado, mas continua arguto. Ao final, a tietagem foi explícita. Após a foto protocolar com todos os presentes com Lula, um cerco ao ex-presidente multiplicando selfies transformou o ambiente num fim de feira. Lula, atento, deve ter registrado que grande parte dos presentes era vinculado à educação. Não titubeou: em meio aos pedidos de selfie, gritou: “agora, foto somente com o pessoal da educação”. E lá se foi para um canto sob aplausos da maioria... de educadores.

### **3. COMO SE ENCHE A CABEÇA DE UM POVO COM BOBAGENS E MENTIRAS**

A cultura política brasileira é rasa, opinativa. Raramente é embasada em fatos ou dados. Pior é quando se comenta algo relacionado às políticas sociais ou orçamento público. Uma ilustração pode ser pescada das conversas que os enclausurados do BBB entabulam. Não as-

sisto BBB. Se é para ouvir conversa sem pé nem cabeça, prefiro um boteco.

Hoje, publicaram num dos grupos de Whatsapp que participo uma fala de alguém que está confinada no BBB e que comentava como lhe dói ouvir “bandido bom é bandido morto”. Estava indo numa boa linha até que desanda a falar sobre corrupção. Mais uma que caiu no conto do vigário.

Corrupção não é problema brasileiro. É fenômeno mundial. E há estudos às pencas para compreender o fenômeno. As causas mais citadas são: profunda desigualdade social e Estado capturado por elites. Esta é a tese funcionalista norte-americana, por exemplo. Entretanto, no Brasil, o tema é tratado como um velho amigo que enveredou para o crime. É sempre uma fala genérica e raivosa, sem um mínimo de preocupação com as causas ou os verdadeiros efeitos desta prática. Parece dialogar com um sentimento atávico, de quando éramos bebês e um primo folgado nos surrupiou um brinquedo sem que nossos pais percebessem.

Uma rápida análise sobre os males que afligem nosso país levaria a qualquer um perceber que o problema brasileiro não é a corrupção, mas a desigualdade social. Thomas Piketty sustenta que somos o país mais desigual do planeta. A ONU acaba de publicar que somos a sétima nação mais desigual. Contudo, é consenso que somos a segunda nação em sonegação de impostos. Então, desigualdade e sonegação parecem forjar

uma relação muito mais significativa que desigualdade e corrupção (dentre os 200 países do mundo, estamos na metade, no ranking mundial de percepção deste fenômeno).

O Banco Mundial revela que só perdemos em sonegação para a Rússia. Ricos e empresários parecem não ter muito apreço à nação. E fazem de tudo para armarem campanhas que nos façam legitimar a sonegação com frases como "se fizessem algo de bom com este dinheiro, eu até pagaria".

A sonegação custa ao país sete vezes mais que a corrupção, sustenta o pesquisador Gabriel Casnati. Mas, a menina confinada do BBB dizia que a corrupção rouba recursos da educação e saúde. Percebem como os sonegadores fazem a cabeça de gente incauta?

Não é menos interessante saber que a menina confinada do BBB não citou a Emenda Constitucional que congelou gastos públicos, mas não congelou pagamento da dívida externa (que consome quase 50% de toda riqueza que produzimos neste país). Na época da votação da PEC do congelamento dos gastos sociais especialistas de todo mundo a condenaram. Cito a relatora especial pelo direito à educação, Koumbou Boly Barry; o relator especial pelo direito à alimentação, Hilal Elver; a relatora especial para moradia adequada, Leilani Farha; o relator especial para pobreza extrema e direitos humanos, Philip Alston.

Vários estudos apontavam que seríamos tomados por epidemias já supe-

radas (por falta de recursos à saúde pública) e aumentaria o número de suicídios. A desgraça que a Emenda Constitucional que congelou gastos sociais no Brasil implantou em nosso país já era prevista por David Stuckler, de Oxford. Mas a enclausurada do BBB não citou nada disso.

A menina enclausurada no BBB também não citou a reforma trabalhista e a lei que radicalizou a terceirização do país. Na época, o professor Ruy Braga, da USP, afirmou que em cinco anos chegaríamos a 75% dos brasileiros na insegurança da terceirização. Já estamos perto de 50%.

Então, para não me alongar, fico me perguntando o que faz uma tese tão rasa (a da corrupção como principal problema brasileiro) ganhar as mentes e corações de brasileiros incautos. Como podem esquecer de tantas causas mais significativas?

#### 4. ESQUERDA E NEOFEMINISMO DE CONVENIÊNCIA

Ontem foi dia de sinais trocados relacionando esquerda e a luta pelo poder. Os casos envolvendo Michelle Bolsonaro e Gleisi Hoffmann merecem um comentário.

Algo de muito errado acomete toda nossa sociedade.

Primeiro, Michelle Bolsonaro. Ter a vida íntima devassada nas redes sociais

é de dar náuseas. Chegar a ser o tema mais citado nas redes sociais já é sinal de doença causada por esta necessidade de total transparência.

A necessidade doentia de transparência para alguns significa honestidade e legitimidade, um livro necessariamente aberto até romper com a costura que une as suas páginas. Trata-se de um ataque ao humano. A intimidade faz parte das incertezas humanas, muitas vezes, da fuga da “persona” que se apresenta em público. Tem alguma relação com os avatares que protegem a identidade real nas redes sociais. Mas, hoje, há quem tire fotos até quando está no banheiro ou segundos depois da relação sexual. Qual o motivo de tamanha exposição? O fim do mundo privado? Pior: o fim da intimidade?

Nossa legislação define como invioláveis a intimidade, a honra e a imagem das pessoas. Mas, há quem acredite que o importante é devassar tudo, o que transforma suas dúvidas e relações com os outros numa peça de teatro realizada em praça pública. Ao expor seu relacionamento amoroso para todos, a relação é destruída porque se transforma num espetáculo que busca apenas sua valorização pessoal. O outro que se dane, a relação que se dane. O importante é a hiperexposição para que você se saia bem na fita. No fundo, estamos falando em marketing pessoal.

Tal narcisismo é ainda piorado quando se devassa a intimidade de outra pessoa que você nem mesmo conhece.

Qual o sentimento mórbido que preside este expediente? Sua autovalorização em detrimento do outro? E se a pessoa for uma figura pública? A intenção não explícita é de destruição de tudo o que é público?

A intimidade passa a ser usada como ameaça: “se não fizer o que desejo e espero, apresento o que lhe é mais caro a todos”. Seria este o desejo íntimo dos trolls? A situação piora quando alguém de esquerda sugere que devassar a vida íntima da primeira-dama faz parte do jogo. Quem assim pensa sustenta uma visão maniqueísta onde a sujeira da extrema-direita valida a sujeira da esquerda. Algo como um discurso que valoriza a realpolitik. E, assim, nossos valores vão para a lata do lixo. O que vale é a disputa infantil e a busca da vitória certa.

Mas, o que nos faz de esquerda, afinal? Justamente a luta pela dignidade humana. Este é o valor essencial de todos de esquerda. A direita é que sustenta o sucesso individual a qualquer custo. Ao não nos horrorizarmos com a exposição da vida íntima de uma mulher, chafurdamos na lama da direita.

Mas, ontem, o neofeminismo - este, vindo dos EUA e que é hiperindividualista e pensa, no máximo, o interesse grupal, mas nunca a igualdade na espécie - também deu sua escorregada: defendeu Michelle e se esqueceu de Gleisi.

A presidente do PT foi hostilizada por hóspedes quando fazia o checkout do hotel onde se hospedou no Rio de Janeiro. Não houve a mesma reação pelas

neofeministas. Por qual motivo? Porque o neofeminismo não se pauta pela ética, mas pela estética. É pós-moderno. Por ser pós-moderno, suas reações são performáticas. Falam mais de si que da luta pela igualdade. O neofeminismo é autorreferente. No fundo, o neofeminismo não defendeu o direito de Michelle Bolsonaro (justamente porque não luta por direitos que são universais, de todos e todas), mas sua própria cartilha.

Lembremos: a necessidade é individual; o interesse é grupal; o direito é universal. Se falamos em direito, falamos em toda humanidade, sem distinção. Algo que o neofeminismo pós-moderno rejeita: a humanidade seria uma abstração, segundo sua cartilha: o que vale é a caixinha. Em outras palavras: para o neofeminismo, Gleisi estaria no mundo dos machos, dos "esquerdopatas". O neofeminismo pós-moderno, enfim, pensa o mundo em bolhas. A antítese da luta por direitos.

Nada menos esquerda que a que devassa a intimidade de qualquer um como meio da luta política; nada menos feminista que os que escolhem que opressão rejeitar, fazendo uma seleção do que lhe convém.

Vivemos um tempo de sinais trocados.

## 5. 8 DE MARÇO: O FEMININO E O FEMINISMO WICCA

Anteontem, recordamos aqui em casa que participei de uma banca inusitada, no Paraná, alguns anos atrás. A tese era de uma amiga que pesquisou mulheres bem-sucedidas no mundo empresarial e que eram absolutamente livres sexualmente. Todas Wiccãs. Fiquei impressionado.

Hoje, resolvi – sobre efeito desta recordação - escrever sobre as wiccãs como uma maneira de refletir de um ângulo diferente sobre o 8 de março (um dia de luta, no nosso caso, contra Bolsonaro e os históricos de extrema-direita).

Embora exista uma corrente monoteísta, a maioria das wiccãs é duoteísta ou politeísta. O livro “As Brumas de Avalon” trouxe esta lógica celta para a literatura de massas.

Vou dar uma ou outra informação sobre esta religião pagã, considerada por muitos como a mais antiga da humanidade (por outras, como fortemente influenciada por seitas pré-cristãs).

Originalmente, a palavra wiccian, do inglês antigo, se referia aos feiticeiros e wicce às feiticeiras. Estima-se que esta religião congregue, hoje, mais de 800 mil adeptos, com uma curiosidade: 1.434 pilotos da Força Aérea dos Estados Unidos se identificam como wiccanos. No Brasil, estima-se que esta comunidade congregue 50 mil pessoas.

As wiccas celebram os ciclos da vida e integram as dimensões feminina e masculina. As celebrações mais conhecidas são os sabás, festas que ocorrem oito vezes ao ano. Mas, há outros rituais. Os sabás são conhecidos como assembleias de bruxos e bruxas, realizadas aos sábados. A bruxaria, contudo, envolve outras práticas para além das práticas Wiccanas. Segundo Michel Valim, os Sabás que “marcam os solstícios e equinócios são conhecidos como Sabás Menores e os que acontecem entre uma estação e outra são conhecidos como Sabás Maiores, são eles: Samhain, Imbolc, Beltane e Lammas/Lughnasadh. Eles eram antigos festivais de plantio e colheita celebrados pelos povos celtas da Irlanda e Grã-Bretanha. Os Sabás celebram o ciclo do sol, o Deus, onde mitologicamente ele nasce da Deusa, torna-se amante Dela, fecunda Ela, morre e renasce novamente Dela. Esse conjunto de festivais é conhecido como A Roda do Ano. Os Esbás são os rituais feitos nas fases das Luas (nova, crescente, cheia, minguante e negra) ou apenas da Lua cheia. São ritos de conexão com a Deusa e suas marés cósmicas e ritos onde trabalhamos feitiços para renovação, crescimento, plenitude, purificação e banimento e autoconhecimento.”

As Wiccas praticam wiccanig, onde se pede aos deuses que protejam o nascimento de uma criança. Seus cultos relacionam-se com os ciclos de fertilidade da terra que celebram uma Grande Mãe. A Deusa tem mais importância em virtude da vida ser gerada pelo feminino, como vimos na explicação de Valim. Não

por outro motivo que as wiccas cultuam práticas sociais que confrontaram o poder masculino e normas que cerceavam a liberdade feminina de tal maneira que foram punidas com a morte, queimadas em fogueiras ou enforcadas.

O que parece mais interessante é que seus cultos forjam uma moralidade liberal, típica das estruturas matriarcais. A Deusa Mãe (Virgem Eterna e a Feiticeira Primordial) relaciona-se ao amor pela vida e à regeneração e ao renascimento das almas dos mortos. Para a maioria dos Wiccanos, o Deus e Deusa são vistos como polaridades complementares no universo, existindo um equilíbrio entre um e outro, e desta forma têm sido comparados com o conceito de yin e yang, encontrado no Taoísmo, equilíbrio não promovido em religiões cujo ideário é patriarcal. Em várias vertentes Wicca, todos os deuses são considerados um deus, e “todas as deusas são uma deusa”, de tal maneira que se unificam – numa importante tolerância religiosa - Eostre, Kali, e Virgem Maria como manifestações de uma Deusa Suprema.

Um “pit stop” para um registro sobre a estrutura matriarcal analisada pela antropologia.

Malinowski, antropólogo polaco, se surpreendeu com esta estrutura quando de sua famosa pesquisa realizada nas Ilhas Trobriand, no início do século XX. O antropólogo polaco percebeu que nestas ilhas, seus residentes não apresentavam complexos sexuais agudos. Percebeu uma “livre sexualidade”

incluindo a homossexualidade. A origem desta liberdade, relata estupefato, se dá em função da estrutura matriarcal da família. Não existe a figura do pai repressor, justamente porque o pai biológico não é considerado efetivamente o pai da criança. O pai é o irmão da mãe, o principal provedor da sua família. O tio materno é a figura a quem o menino recorre justamente porque se trata, observou Malinowski, de família matrilinear. A mãe, assim, pode ter vários namorados e seus filhos terão sempre seu irmão como protetor e provedor.

Retornemos às Wiccas.

Existem diversas linhagens Wiccanas, como a gardneriana (de Gerald Gardner), a alexandrina (de Alex Sanders) ou a cochranaiana (de Robert Cochrane). A gardneriana é a mais difundida e afirma recuperar a antiga tradição religiosa da bruxaria com raízes pré-cristãs.

No livro “As Brumas de Avalon”, a criação das nações, o uso da força no comando do mundo e o foco na concentração do poder como sucesso político são apresentadas como fruto da destruição das religiões politeístas e da crença no equilíbrio entre o feminino e o masculino.

O que é inovador – e, acredito, seja resultado de uma lógica feminina da experiência Wicca – é o código moral em que “sem ninguém prejudicar faz o que tu quiseres”. Uma articulação da liberdade e generosidade. Generosidade tão marcante que as wiccas creem que

qualquer ação malévola ou benéfica retornará ao autor três vezes mais forte.

Pode ser uma crença ingênua de minha parte, mas aqui parece existir a chave de uma possível política ou organização social feminina. Não uma mera negação do masculino ou um oposto – de tal maneira que sempre estaria vinculada e projetando o masculino como fonte de sua elaboração -, mas como algo distinto, diferente, uma outra lógica social.

De qualquer maneira, esta é minha contribuição ao 8 de março deste ano: lembrar práticas sociais femininas que nos fazem refletir sobre outras maneiras possíveis de viver e de nos relacionar para além da objetividade agressiva masculina.

## **6. A DESMONTAGEM DO BOLSONARISMO E A NECESSIDADE DE CRIAÇÃO DE UM GOVERNO PARALELO**

A notícia do momento político nacional é a decomposição da base social do governo Bolsonaro. Pesquisa realizada pelo Atlas Político divulgada ontem indica que 74,1% consideram o governo ruim, péssimo ou regular. A pesquisa indica, ainda, que quase metade dos brasileiros deseja o impeachment do atual presidente: 44%. Havia uma forte especulação, entre os cientistas políticos, sobre o piso do apoio à Bolsonaro. Muitos

sugeriam 25%. Os mais radicais, sugeriam 15%.

Pouco antes da liberação do 13º salário e do emprego sazonal de final de ano começar a abrir suas portas, o índice de aprovação de Bolsonaro já indicava queda (ao redor de 28%)<sup>1</sup>. Recuperou um pouco na passagem do ano, mas agora despenca.

São dois fatores conjugados que contribuem para a desmontagem da base social bolsonarista: a paciência para as reformas darem resultado positivo evaporou; e a falta de responsabilidade para enfrentar a pandemia vem corroendo o apoio social. Na pesquisa do Atlas, 64% dos entrevistados reprovam a forma como Bolsonaro gerenciou a chegada da Covid-19.

Com a divulgação do PIB<sup>2</sup>, o índice dos que acreditam que a nossa economia vai piorar subiu para 49,7%. Bolsonaro revela por inteiro sua incompetência administrativa. Mais: em tempos de crise mundial, propostas liberais não funcionam. É preciso a intervenção segura do Estado, o que faz com que Paulo Guedes se torne rapidamente uma figura decorativa, mesmo tentando

recuar e parecer um velho amigo do keynesianismo.

Para nós, cientistas e analistas políticos, o que fica agora é como Bolsonaro e sua trupe reagirão. Tentaram sustentar certa coesão de seu bloco convocando, de última hora, o panneloço desta semana 30 minutos após a manifestação do "Fora Bolsonaro". Perderam a aposta.

A cartilha dos "engenheiros do caos" (faço alusão ao livro de Giuliano Da Empoli)<sup>3</sup> da extrema-direita sugere que o grau de excitação da sociedade deve ser alimentado diariamente. E que um exército - pequeno, admitem - de fanáticos deve atingir a franja da opinião da maioria, sempre mais ponderada que os fanáticos. A tentativa é de criar uma onda de fake news e postagens agressivas, atacando um "inimigo externo", no estilo "água dura em pedra mole, tanto bate que a contamina". A franja começa a titubear e acaba facilitando o avanço dos fanáticos.

Este expediente parece ter perdido eficácia no caso do bolsonarismo. Um estudo elaborado pela FGV revelou que desde o dia 12, a base pró-Bolsonaro no Twitter perdeu metade do espaço na

---

1 Situação similar ao que ocorre no início de 2021, quando da revisão desses textos, em que o apoio popular ao governo Bolsonaro chega a 26%. Vários analistas sugerem que a queda de popularidade – por mais uma vez – se deve ao fim da ajuda emergencial de 600 reais (ou a segunda versão, de 300 reais) e ao aumento das mortes por COVID19 (superamos, por duas semanas, mil mortes/dia) agravado pela lentidão para vacinar os brasileiros (no ritmo de vacinação neste início de ano, a população brasileira só será toda vacinada em 2026).

2 O Produto Interno Bruto (PIB), divulgado pelo IBGE, fechou 2019 com crescimento de 1,1%, totalizando R\$ 7,257 trilhões.

3 EMPOLI, Giuliano Da. Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições”, São Paulo: Editora Vestígio, 2019.

rede no debate sobre coronavírus, caindo de 12% para 6,5% de participação no dia 17. Uma situação como esta, em que se forma uma onda de rejeição, debela as tentativas de criação de fatos políticos. A onda gera uma "vacina", ou seja, passa a refutar tudo o que lhe é apresentado pela frente. Bolsonaro começa a ficar sem opção alguma.

Sua sorte é que, até o momento, a esquerda não se lançou numa tarefa básica: orientar a população sobre como agir frente a crise e apresentar um site ou plataforma que explique os riscos e as alternativas (incluindo as já implantadas no exterior).

Contudo, se a oposição avançar sobre a montagem de um "governo paralelo", criará rapidamente uma dualidade de poder em nosso país, dada a fragilidade moral e técnica do governo Bolsonaro. Aí, teremos uma virada de página nesta quadra da vida política de nosso país.

Esta deveria ser a aposta da esquerda brasileira.

## 7. A POLÍTICA DE CICLO CURTO OU A CRISE DO SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

Zygmunt Bauman faz uma interessante distinção entre a dimensão social (e que configura uma persona) online (nas redes sociais) e a offline (no mundo real). Bauman sugere: "Nem tenho tanta certeza sobre a existência de dois universos quando vejo uma pessoa atravessando a rua e digitando ao mesmo tempo (...). As fronteiras entre as vidas online e offline estão ficando mais nebulosas."

Esta análise da transição em termos de conduta social em que estamos metidos se encontra em autores de distintas linhagens. Em meu livro sobre o conservadorismo político mineiro<sup>4</sup>, agreguei os diversos autores em vertente nominalista e vertente sistêmica.

Na vertente nominalista, encontramos Richard Sennet (para quem vivemos a explosão do ressentimento individual em relação à projeção de todo homem público) e Peter Sloterdijk (para quem vivemos a demanda da horizontalidade desejada pelos medíocres).

Sennet sugere que a única saída para a política - em meio à corrosão gerada pelo ressentimento social - seria a figura do demagogo, que finge ser igual a qualquer um, embora tenha muito mais poder e participe de uma oligarquia.

4 RICCI, Rudá. Conservadorismo Político em Minas Gerais: os dois governos Aécio Neves. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Trata-se de um domínio político focado na habilidade retórica.

Sloterdijk é mais ácido. O autor conservador sustenta que os meios de comunicação impedem que cada participante não veja o outro, gerando um individualismo de massa ou, em suas palavras um “abandono organizado”, presa fácil de movimentos totalitários e da negação da política.

Já na vertente sistêmica, encontramos John Keane e Luciano Canfora, dentre tantos.

Keane, sugere que a desconfiança sobre a representação política vem gerando um conjunto de experiências extraparlamentares de controle e formulação de política públicas. O autor australiano, apresenta uma extensa lista de experiências deste tipo, que denomina de monitória (de monitorar): júris de cidadãos, assembleias biorregionais, orçamento participativo, conselho consultivo e grupos de foco, comissões de peritos, conferências de consenso etc. Keane sustenta que há um elemento central nesta inovação social: a reafirmação dos grupos de interesse, dos grupos locais, da atomização da participação social, fundada no fracionamento de identidades coletivas.

O autor italiano Luciano Canfora questiona se a democracia contemporânea se sustenta efetivamente no princípio da maioria. Sugere que a formação de maioria está mais vinculada ao

marketing político e manipulação das informações (caso bem conhecido dos brasileiros).

Canfora apresenta em seu livro *Crítica da Retórica Democrática*<sup>5</sup> quatro teses:

Tese 01: a dinâmica democrática não se relaciona exatamente ao desejo da maioria, mas aos mecanismos de formação de consenso.

Tese 02 de Canfora: todos sistemas de representação tendem a formalizar políticos profissionais oriundos das classes médias mais abastadas.

Tese 03 de Canfora: as democracias forjam elites dirigentes que, na prática, criam padrões oligárquicos de comando político.

Tese 04: há um deslocamento do *locus* de tomada de decisão política para fora dos parlamentos, com nítida influência de grandes corporações empresariais.

Luciano Canfora entende que o mundo político atual é dominado por estruturas oligárquicas, numa visão pessimista que se distancia de Keane.

Essas teses dos 4 autores aqui apresentados indicam que o ciclo de domínio político parece fadado a ser cada vez menor, já que sua legitimação se apoia numa imensa desconfiança social. Estaríamos ingressando numa etapa da vida política em que um governante per-

---

5 CANFORA, Luciano. *Crítica da Razão Democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

de empatia. A perda de empatia leva ao desgaste progressivo, num espaço curto de tempo (dois a três anos), terminando seus mandatos em frangalhos. Este parece ser o caso de Trump, que tira da cartola uma guerra com o Irã para compensar seu esfacelamento político.

Mas, a "política de ciclo curto" também gera a ciranda de sucessão, caso, possivelmente, brasileiro da última década em que Dilma perde musculatura (por erros próprios, é certo), sucedida por Temer, que nunca ganhou musculatura e, finalmente, chegando à Bolsonaro.

Bolsonaro, por seu turno, já perdeu mais de 50% do apoio que tinha em dezembro de 2018 (IBOPE)<sup>6</sup> e continua apresentando queda, chegando a 29% de apoio na última pesquisa apresentada no final de 2019.

Se a tese da política de ciclo curto tem sentido, uma suposta derrota eleitoral de Bolsonaro em 2022 geraria uma outra mudança de rumos políticos nacionais que se desgastaria rapidamente, chegando ao final do mandato em profundo desgaste.

Para finalizar: a política de ciclo curto corrói qualquer representação. Então, na base desta crise está o sistema formal de representação. Um tema pouco popular, mas que define a instabilidade do sentimento popular.

## 8. O QUE FAZ BRASILEIROS DUVIDAREM DA EPIDEMIA?

“Eu temo o coronavírus

E zelo por minha vida

Mas tenho medo de tiros

Também de bala perdida,

A nossa fé é vacina

O professor que me ensina

Será minha própria lida”

Este é o início de um cordel criado por Moraes Moreira. Deu o nome a ele de “Quarentena”. Singelamente, interliga educação com fé e coragem. Talvez, aí esteja a chave para entendermos o motivo para tantos brasileiros negarem o risco evidente que corremos com o coronavírus. A fé se foi e, com ela, a coragem de parte dos brasileiros. O discurso agressivo de alguns - é uma tese - encobre seu imenso pavor em relação ao futuro e ao passado. Encobre a certeza pálida que o futuro dourado que projetaram para si parece cada vez mais distante.

O psicanalista Christian Dunker, destaca três perfis de comportamento diante da ameaça: o tolo, o desesperado e o confuso. Em entrevista à BBC News Brasil, Dunker afirma que o tolo tende a negar a situação dramática como maneira de enfrentar o medo; o perfil deses-

6 Ver “Dez/2018: Para 75% dos brasileiros, Bolsonaro está no caminho certo”, Revista Exame, Publicado em 13/12/2018 às 10h41 e alterado em 22/02/2019 às 14h31. Disponível em <<https://exame.com/brasil/para-75-dos-brasileiros-bolsonaro-esta-no-caminho-certo-aponta-ibope/>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2021.

perado se angustia ainda mais com a situação; já o confuso transita entre esses dois polos, sem saber direito como deve agir e pensar<sup>7</sup>.

Parto desta sugestão de Dunker, mas gostaria de ir além. Por muito tempo, dizíamos que os brasileiros eram por demais ansiosos e que não conseguiam enfrentar grandes desafios. Lembro de ouvir isso desde criança, principalmente durante os jogos olímpicos. Éramos um país gigante, com população fisicamente forte e com ginga e malícia suficientes para nos destacarmos em qualquer esporte, principalmente os coletivos. Mas, na prática, a promessa não se realizava. Diziam que amarelávamos numa decisão. Ouvi essa cantilena, na minha adolescência, durante os jogos internacionais de basquete em que a seleção brasileira fazia espetáculo, mas não se consagrava como campeão.

Então, teríamos esta marca em nosso caráter.

Tantos outros apontaram alguma falha em nosso modo de ser. Na sociologia, transitamos entre o “homem cordial” que necessitava do afeto e que não tolerava o compromisso para além dos objetivos egoístas, até a incapacidade de formularmos um projeto de classe (seja ela qual for), passando pela “carnavalização da política” que se traduzia pela transgressão dentro da ordem. Nossas insti-

tuições e regras parecem fadadas a uma pantomima interminável que não resiste ao primeiro gracejo de um Macunaíma.

Nossas elites adoram a conciliação. Desde que saiam ganhando. Nunca conseguiram pensar no próximo. Só praticam as técnicas ou relatórios de planejamento até a página 2. O imediatismo é sua bússola.

Este traço de personalidade parece nos transformar em ostras, em mônadas ensimesmados, adoradores de grupos de intimidade e do descaso com o público.

Pode ser.

Mas, prefiro a sugestão sartreana: não temos essência; como humanos, fazemos escolhas. Se é assim, então fica a questão: por qual motivo fazemos estas escolhas da fuga à responsabilidade? Por que sempre escolhemos a fuga para o futuro?

Poderia desenvolver muitas teses, mas prefiro me concentrar numa que me afeta diretamente: nosso inacabado, insuficiente e superficial projeto educacional.

Educação, para a linhagem mais tradicional, é processo de socialização, de convencimento à “submissão consentida” para deixarmos de sermos guiados pela pulsão de momento e ingressarmos

---

7 Ver MACHADO, Leandro. Coronavírus: alguns sentem tanto medo que precisam negar o que está acontecendo, diz psicanalista, BBC News Brasil em São Paulo em 4 abril de 2020. Disponível em <[https://www.bbc.com/portuguese/geral-52160230?at\\_custom2=twitter&at\\_custom4=10897814-7807-11EA-B805-DF20933C408C&at\\_custom3=BBC+Brasil&at\\_medium=custom7&at\\_custom1=%5Bpost+type%5D&at\\_campaign=64&fbclid=IwAR0QKxycaJKiae4UVGM05vqKKWwL9VQPSmls2xamHORbQ9g3CyERL6TZrqE](https://www.bbc.com/portuguese/geral-52160230?at_custom2=twitter&at_custom4=10897814-7807-11EA-B805-DF20933C408C&at_custom3=BBC+Brasil&at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_campaign=64&fbclid=IwAR0QKxycaJKiae4UVGM05vqKKWwL9VQPSmls2xamHORbQ9g3CyERL6TZrqE)>. Acessado em 7 de fevereiro de 2021.

no mundo das regras sociais. Esta era tese de Émile Durkheim. Para as teses mais progressistas, de Dewey ou Paulo Freire, o objetivo era promover a autonomia, a capacidade de cada um perceber sua importância para a convivência social e, assim, se conter e elaborar normas de conduta a partir de sua consciência social.

Ora, nenhuma dessas teses parece ter vingado. Ao menos para dezenas de milhões de brasileiros que negam o que está estampado à sua frente. Pesquisa do Instituto Gallup revelou que 35% dos brasileiros desconfiam das pesquisas científicas; 20% avaliam que seria justificável o chefe do governo fechar o Congresso diante de dificuldades (pesquisa “A Cara da Democracia”, realizada pelo Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação, que reúne pesquisadores sociais do Brasil, Argentina e Portugal); e 15% dos brasileiros aderem às teses fanáticas da extrema-direita (Vox Populi e Datafolha).

São mais de 30 milhões de brasileiros que se negam a conviver com a realidade, com o próximo, com a adversidade. Um fracasso retumbante do nosso processo educacional.

O que nos fez errar tanto?

Vou propor uma tese polêmica: preferimos adotar pacotes exógenos à nossa cultura que valorizar nossos pensadores da área educacional.

Esta tese foi se formando em minha mente quando soube que a edu-

cação finlandesa, que está no topo dos resultados educacionais do mundo há tempos, se baseou nas teses de Paulo Freire e Anísio Teixeira para formatar sua política educacional. Livros dos dois autores brasileiros encontram-se traduzidos naquele país frio e distante.

Um pouco deste descaso com as teses educacionais brasileiras vêm da forte intervenção gerencialista dos EUA em nosso país, desde a década de 1950. Naquela quadra de nossa história, no início da Guerra Fria, os EUA investiram forte para formar uma cultura educacional que nos afastasse do risco comunista. Sete Estados brasileiros foram contemplados com bolsas de estudos para levar educadores a se formarem em gestão escolar e formulação de currículos na terra do tio Sam. Logo este país que detém um dos piores desempenhos em educação básica do continente. Mas, lá fomos nós.

E voltamos à lógica norte-americana durante a ditadura militar, implantando os controles de inspiração taylorista com as famosas “delegacias de ensino” e os “inspetores” que controlavam tudo e todos. Naquele momento, a atividade-fim da educação perdeu qualquer poder para as atividades-meio. Seria como um jogador de futebol não conseguir cobrar o pênalti porque treinador, preparador físico e psicólogo desportivo ficassem no seu ouvido dando instruções infundáveis até que se instalassem dúvidas ou regras burocráticas que esvaziassem seu talento.

Durante os governos lulistas, não foi diferente. Com Haddad, importamos as avaliações externas como sendo o *suprassumo* da modernidade. Ocorre que uma de suas formuladoras, a norte-americana Diane Ravitch, publicou um livro revelando que esta política foi um imenso erro: ao invés de estimular o pensamento, estimulou respostas a testes programados. Algo como o reforço às técnicas de condicionamento de comportamento. Leiam seu livro “Vida e morte do grande sistema escolar americano”<sup>8</sup>.

Agora, uma leva de empresários e doutrinadores de extrema-direita querem nos convencer que a relação social que caracteriza todo processo educacional deve ser substituída por aulas à distância, por aulas em casa (*homeschooling*), pela ausência de contato humano e muito pacote comprado de empresas que pouco entendem de educação.

Ora, com este currículo nas costas, a educação brasileira mata o talento dos professores. Há décadas, substituímos a autonomia dos craques pelas tabelas de controle burocrático.

No que dá esta trajetória toda? Em alunos que consideram a sala de aula chata, que elegem, segundo pesquisadores da UNESCO em nosso país, que sala de aula, corredores, secretaria e direção escolar são o que há de pior em nossas escolas. Justamente os espaços de socialização e as instâncias de gestão as escolas!!

Não há relação entre o mundo real e o que estamos ensinando. E o futuro parece ainda mais equivocados. Gestores educacionais brasileiros gostam de estrangeirismos, gostam de projetos apresentados em tabelas, Power Points vibrantes com música da hora no fundo. Gostam de pacotes fechados que não cumprem o que prometem para poder rodarem a roda da fortuna. Pacotes vendidos como celulares que devem durar por um tempo determinado para dar lugar a uma novidade vendida como algo excepcional que nunca foi pensado.

É assim que chegamos aonde chegamos.

Não conseguimos formar uma nação. Não conseguimos pensar uma política educacional. Antes, criamos uma longa e esquizofrênica colcha de retalhos que vai dos “cantinhos de alguma coisa” aos testes e premiações para quem chegar mais rápido ao “pote de ouro”. Pote de ouro, na prática, não é a conquista de resultados socialmente válidos, mas a validação dos pacotes empresariais engolidos por nossos gestores. Como acreditar na ciência se ela é massacrada pelas nossas políticas educacionais? Como acreditar numa Base Nacional Comum Curricular se ela foi fruto de negociações com a extrema-direita, buscando doutrinar nossas crianças e adolescentes? Como acreditar no estudo quando o topo da cadeia de gestão educacional insiste em desqualificar o ser humano, o próximo, os chineses e joga o bom senso na lata do lixo?

---

8 RAVITCH, Diane. Vida e morte do grande sistema escolar americano. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Fracassamos. E estamos colhendo a peste que se formou com tantos erros cometidos ao longo de nossa história.

## 9. O COTIDIANO DOS ISOLADOS EM CASA

Já havia lido análises de europeus - que começaram a se isolar antes de nós - sobre a desorganização pessoal e sinais de depressão e ansiedade provocadas pelo isolamento social.

O sono se torna irregular.

Há uma profunda confusão entre tempos e espaços de trabalho e de vida familiar.

Assisti programas italianos onde se comentava a nova realidade do home office.

E, então, mergulhamos aqui em casa nesta realidade. Felizmente, um dos meus filhos veio para cá. Tenho dois filhos, um casal, ambos casados. Meu filho, nora e netinho decidiram ficar conosco. Iluminam nossos dias e noites.

Estamos há mais de um mês aqui, isolados. E, percebo, fases ou ciclos emocionais e de rotinas que se alteram. No início, tudo parecia um longo encontro familiar, como se tivéssemos alugado

uma casa de veraneio ou algo do gênero. Minha nora é chef, o que transformou cada refeição numa delícia diária. A divisão de tarefas domiciliares era espontânea.

Até que a reclusão começou a cobrar seu preço. De tempos em tempos, bate uma angústia em um de nós. De tempos em tempos, certa irritação sem motivo. Algumas normas para divisão de tarefas começaram a se impor, evitando a "especialização" indevida.

As tensões do trabalho - agora em home office - inundam a rotina familiar.

E cada caso que ficamos sabendo de amigos infectados pelo coronavírus nos deixa em alerta: por eles e por nós. Ontem, soube que um amigo de Betim fez um teste que deu positivo para Covid19. Relatava a falta de ar e a sensação de garganta se fechando. No dia anterior, a filha (22 anos) de um outro amigo, apresentou sintomas da infecção. Não deu outra: não consegui dormir direito esta noite.

Não sei sentem o mesmo, mas eu me pergunto o tempo todo se o rápido contato com o entregador de compras é arriscado; se o contato com as embalagens de produtos que chegam, e que desinfetamos rapidamente, ainda leva perigo. Foucault teria um prato cheio para este novo *panopticom*<sup>9</sup>.

9 Panopticom foi a denominação da ao projeto de penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785, que permitiria a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. A ausência de visibilidade do vigilante acabaria, segundo Michel Foucault, instalando uma autocensura nos prisioneiros que se antecipariam à uma possível punição. O autocontrole, por seu turno, geraria um círculo vicioso de

Não sei como sairemos desta situação. É, de certa maneira, nossa "guerra", a primeira situação de "guerra" em nosso país. E vem daí a angústia para nos mantermos disciplinados. Somos meio indígenas e meio africanos e não gostamos de clausura.

Muitas nações indígenas do Xingu impõem quarentena em redes aos pais recentes, como forma de sentir na pele as limitações que, durante nove meses, a natureza impôs às suas esposas que engravidaram. A liberdade é uma marca da nossa alma tupiniquim.

Quando li que o apoio às medidas de isolamento adotadas por Macron começava a diminuir entre os franceses, fiquei preocupado. Os brasileiros são ainda menos disciplinados, mais solares, mais ativos e muito menos tolerantes ao isolamento.

Fico, então, pensando nos diversos riscos e ameaças que correremos nas próximas duas semanas. A projeção é que a primeira onda deveria atingir seu ápice na segunda semana de maio aqui no Brasil. Mas, a projeção começa a ficar prejudicada.

Temos um nítido descompasso de isolamento nos vários territórios brasileiros e entre as classes sociais. Ouvi diretores de hospitais particulares afirmando que o Covid19 entrou no Brasil pelas classes mais abastadas que voltavam de viagens do exterior. Foram os

primeiros a afetados. Os hospitais particulares rapidamente chegaram perto de sua lotação. A classe média urbana foi a que primeiro se isolou, em virtude do número de conhecidos que apresentavam sintomas da contaminação. Ocorre que a lotação dos hospitais privados começa a decrescer.

Dado o egoísmo da classe média brasileira, já há pressão para que seus funcionários voltem ao trabalho. Ocorre que a curva ascendente de contaminação das classes populares começou há uma semana. Os hospitais públicos começam a se aproximar, agora, do colapso.

Mas, há outro descompasso: o territorial. As grandes cidades foram afetadas primeiramente. Prefeitos sérios, como o de Belo Horizonte, foram firmes e adotaram medidas de proteção. Mas, o interior brasileiro não fez o mesmo. Adotou o teste de São Tomé. E deve pagar caro pela negligência.

Assim, podemos viver ondas sucessivas de casos: da classe média para os mais pobres; das capitais para o interior e, se não tivermos uma liderança nacional firme e que coordene as ações públicas, este fluxo pode retornar, como um bumerangue.

A questão, então, martela minha cabeça: como vamos administrar esta vida em isolamento daqui por diante? Não é claro que ele será suspenso de

---

maneira que, em pouco tempo, prisioneiros criariam regras mais duras que as criadas pelo sistema prisional a que estavam submetidos. Ver FOUCAULT, Michel. O Panoptismo. In: Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 39 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

uma vez, nem mesmo que o isolamento não retornará nos próximos anos. Teremos que alterar nosso padrão cultural?

## 10. BOLSONARO, MORO E GLOBO NOS TRATAM COMO MANADA

É estarrecedor a realidade ser jogada em nossa cara da forma como foi ontem. Somos governados por um dos mais desqualificados brasileiros de todos os tempos. Como alguém, ocupando o cargo mais importante da República, fala, em pronunciamento à nação, a palavra "escrotização"?

O que faz um Presidente da República descer tão baixo a ponto de, num pronunciamento público, afirmar que seu filho é um pegador de meninas do condomínio onde reside, expondo a intimidade de mulheres que não o autorizaram a expor sua vida em cadeia nacional? O que faz, num ato de incontinência verbal, informar à nação que tem parentes que falsificam documentos e já foram condenados pela justiça?

Não, não se trata de expiação. Bolsonaro não se redimiou publicamente. Ao contrário, enalteceu crimes e abusos. O Presidente da República!!!!

O que faz um ex-juiz, mais uma vez, vazar conversas reservadas e, pior, expor que pediu uma ajuda ilegal à sua família com dinheiro público? Um ex-juiz

que diz que luta contra a corrupção resolveu atualizar a carta de Pero Vaz de Caminha?

O que fizemos para deslizar tanto moralmente e chegar a este circo mamembe de final de estrada? Imagino o desserviço na formação moral de tantos jovens que olham a lavagem de roupa suja de dois desnorteados brasileiros que parecem ter assaltado a alma da nação.

Ontem, soubemos, Bolsonaro e Moro cometeram crimes. Os dois. Vários. Ambos merecem ter seus direitos políticos suspensos. É o mínimo para restabelecermos parâmetros morais na política nacional.

Os dois estão errados. Um, ao menos, mentiu. E fica por isso mesmo? Agora, mentir se tornou arma de ascensão política? É assim que os marqueteiros do caos orientam seus clientes?

"Mintam que os brasileiros gostam?"

É hora de exigirmos uma punição exemplar. Recuperar nossos valores básicos. Acabar com esse abuso diário de distorção da base dos valores dos brasileiros. Não somos uma nação de mentirosos, de escroques, de gente safada. Somos gente que cria redes espontâneas de ajuda aos desalentados. Aliás, os bolsonaristas não estão nas redes de solidariedade que envolvem igrejas, sindicatos, movimentos sociais, organizações populares. Não. Eles estão nas redes xingando e afirmando que nada está ocor-

rendo. Criam um mundo paralelo que desconsidera o próximo.

Sindicatos abrem suas portas para acolher a população de rua; doam recursos para ONGs produzirem máscaras; sindicatos de professores distribuem cestas básicas para professores temporários que perderam seus contratos em virtude da suspensão de aulas. Onde estão os apoiadores de Bolsonaro e Moro?

Temos que dar um basta a esse pessoal sem parâmetro moral algum. Gente que só sabe usar nossos valores para distorcê-los na sua cruzada contra a lista de inimigos que aumenta diariamente. É gente doente, sem perspectiva e autocontrole. Gente que nos intoxica diariamente.

E, ainda, temos a rede Globo, tentando nos manipular como sempre. Trabalha com o infantil script do bandido contra o mocinho. Tenta, há anos, fazer o Presidente da República. Mas, quem acompanha os dados sabe que a Globo não interfere mais na opinião pública sobre política. Dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro), a maior pesquisa nacional sobre perfil do eleitor, indicam que desde 2006, a maioria dos brasileiros não segue o JN para tomar posição. A Globo não conteve a eleição de Lula e Dilma, não conteve a rejeição a Temer, não elegeu Alckmin.

Ontem, o JN tentou nos manipular, apresentando um “paladino da justiça” que comete crimes. Só não foi pior que a CNN que deu voz ao esquema todo da Lava Jato, já desmascarado pelo The

Intercept. Fez um jornalismo desequilibrado, tendencioso, novamente confundindo notícia com opinião.

Somos vistos assim: um bando de incautos facilmente manobrados, uma manada.

## 11. EPIDEMIA REVELOU A ALMA DO POVO BRASILEIRO

Uma das clarezas que estamos tendo com a pandemia é sobre o perfil de nossa gente, os traços da personalidade dos brasileiros. A pesquisa Datafolha indicando queda de apoio ao isolamento (de 52% para 44% ao longo de abril) nos diz muito.

Somos um povo ansioso, pouco afeto ao planejamento. Séculos de profunda desigualdade nos interditaram a possibilidade de planejarmos. De um lado, os mais pobres que não têm sobras para pensar no futuro. Restam o misticismo e a fé cega no futuro mágico.

Do outro lado, a porção nababesca do Brasil, que não precisa planejar porque tem um séquito à sua disposição e sempre um capetão a postos para fazer o jogo sujo. Afinal, para que pensar no país, se este território é todo seu?

E temos os "ascendentes". A ascensão social não é fato comum porque nossa mentalidade é estamental, vivemos como castas. Mas, há sempre aquela torcida para subirmos de casta. Neste caso,

surge a torcida "ostentação". Gente que anda como siri, mas se apresenta como um "Beto Rockfeller". Parada para explicar para quem tem menos de 50 anos. Beto Rockfeller foi uma novela produzida pela Rede Tupi e exibida de 1968 até 1969, às 20 horas. Foi um tremendo sucesso. Beto era um vendedor de sapatos que inventa um avatar. Passa a dizer que é primo em terceiro grau dos Rockfeller. Agora eu sei o motivo de tanto sucesso desta novela da Tupi: Beto Rockefeller é o sonho dourado de tanta gente de classe média baixa ou pobre: poder viver a vida que nunca terá. Ao menos, alguns minutos de fartura.

Pois bem: somos ansiosos porque nunca conseguimos nos encarar no espelho. Preferimos olhar o futuro mágico. Esta necessidade de voltar "à normalidade" é a crença que todo esforço será recompensado. Mas, em casa, a sala e o banheiro mais ou menos acabam estampando o que sou.

Aliás, a tal "normalidade" nada mais é que um corredor, um local de passagem para o futuro mágico. Somos uma nação que foge para o futuro permanentemente. Ora, este é o ideário que está plantado nas favelas, segundo duas pesquisas já patrocinadas pela Central Única de Favelas<sup>10</sup>. Os moradores de favela desconsideram qualquer governo e acham que qualquer melhora na sua vida se deve à Deus, à sua família (que sempre está ao seu lado) e ao seu próprio esforço. Fico imaginando o que

significa a desgraça atual. Talvez, agora apareça o governo como algoz.

Então, ficamos nesta tentação da ostentação, o que nos leva à idolatria, outra marca dos brasileiros. A necessidade de ídolo é a de transferência da realização do sonho pessoal para alguém com poder que se torna íntimo na minha imaginação. A sua vitória é a minha. A sua morte é a minha. Uma encarnação. A idolatria chega a ser uma desforra: eu sou "próximo" (na imaginação) de tal ídolo e, portanto, minha opinião é correta. Daí a briga de vida ou morte entre aqueles que não ganham nada, mas defendem seus ídolos com sua alma. É a projeção de quem não confia em si mesmo.

Ora, se não confio em mim, melhor confiar no ídolo ou no futuro mágico. E, assim, vamos nos enterrando como nação. O andar de cima diz: "que morram muitos pobres para passar logo a epidemia". O andar de baixo afirma: "tenho corpo fechado e se não trabalhar, não ostento".

Exatamente quando chegamos a ultrapassar a China em número de mortes. Exatamente quando a morte chega nas periferias e no interior do país. Não interessa.

Afinal, somos bonitos por natureza. Que belê!

10 Ver MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Gente, 2014.

## 12. GOVERNOS PARALELOS OU COMITÊS TERRITORIAIS: A URGÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DO CORONAVÍRUS E NA GARANTIA DA VIDA

O diagnóstico já está dado: o governo Bolsonaro deixou um espaço político aberto para gerenciar a crise econômica, social e sanitária por que passa o Brasil.

Há uma máxima que diz: em política, não há espaço vazio. O que significa que alguém o ocupa rapidamente, se o titular do poder legítimo gera alguma lacuna. Este é o caso.

Neste caso, a disputa passa a ser aberta. De um lado, a direita e centro-direita. João Dória e Rodrigo Maia, em especial, procuram protagonizar um perfil de liderança responsável, firme e propositiva, apresentando-se como antítese da imagem de Bolsonaro. Mas, suas ações são restritas ao seu campo de governabilidade gerencial: o governo do Estado de São Paulo e o Congresso Nacional. Sérgio Moro, em outra frente, procura desconstruir a autoridade de Jair Bolsonaro, reforçando sua imagem de irresponsável e promotor de atos ilícitos e corruptos no manejo das agências estatais. Também não orienta, apenas polemiza.

No caso da esquerda, percebe-se uma imensa letargia ou, quando reage, uma velocidade paquidérmica que quase sempre converge para a construção de frentes – amplas ou restritas ao campo democrático-popular – que apontam

para agitação, mas não necessariamente ocupação do espaço político deixado pelo governo federal.

Mas, afinal, qual o espaço político aberto?

O de coordenação e orientação de lideranças e autoridades públicas locais.

O Brasil possui 22% dos seus municípios com até 5 mil habitantes. Mais de 80% de todos os municípios possuem até 40 mil habitantes. 60% deles, dependem do repasse do Fundo de Participação dos Municípios, cujas fontes são parte da arrecadação dos impostos sobre renda (IR) e parte do tributo sobre produtos industrializados (IPI). Com a queda de arrecadação (projeta-se queda de 26% ao longo de 2020, mas no mês de março a queda registrada foi de 36%) e recessão econômica, os repasses serão menores. Com efeito, de acordo com os dados da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), o 1º decêndio de abril de 2020, comparado com mesmo decêndio do ano anterior, apresentou uma queda de 15,14%.

Assim, pequenos municípios encontram-se totalmente desamparados. Em muitos casos, pressionados pelos comerciantes locais que exigem o relaxamento do isolamento social.

Também há desorientação em relação aos procedimentos para acolhimento e transferência de doentes com sintomas de Covid19 para as cidades que sediam serviços especializados de saúde. Muitos prefeitos se perguntam se devem implantar barreiras sanitárias

nas entradas e saídas dos municípios, como organizam a logística de distribuição de alimentos aos que empobrecem, perdem renda ou atividade econômica. Enfim, a falta de orientação é desnorteadora e muitas localidades se encontram numa situação de suspensão e desalento.

Uma saída para a esquerda é ocupar este espaço com o fomento de comitês territoriais que integrem prefeitos, secretários de saúde e assistência social e lideranças sociais de uma mesorregião. Os comitês podem receber informações técnicas qualificadas, seja de ex-ministros, técnicos e especialistas nas áreas de saúde públicas (infectologistas, sanitaristas, saúde mental, logística para fornecimento de EPIs, protocolos de atendimento e transporte de pacientes), assistência social (organização de cadastros, especialistas em montagem de alianças entre demandantes e doadores, criação de redes de atendimento emergencial, transferência de renda e suportes sociais) e segurança alimentar.

Os comitês regionais podem orientar protocolos e socializar informações. Podem evoluir para a constituição de Governos Paralelos Territoriais. Experiências desta natureza evoluíram, na Europa, ao longo dos anos 1970, para uma nova configuração de governo – territorial – onde uma parcela do orçamento público é destinada para essas unidades de gestão. Assim, na Itália dos anos 1970, a responsabilidade pelas questões de saúde, bem-estar público, turismo e outros interesses da população italia-

na haviam sido transferida da administração central do país para os governos regionais recém-criados, representando uma descentralização das demandas e uma importante prática na administração do país. Essas unidades regionais de administração pública recebiam 10% do total do orçamento público do país.

Nesse sentido, os Comitês Regionais Territoriais podem exercer, de imediato, um papel de associação territorial, orientação e definição de protocolos de atuação e ajuda mútua, num esforço de autogestão territorial.

Governos Paralelos Territoriais, apoiados por apoio técnico e gerencial vindo de ONGs, intelectuais, ex-gestores públicos e universidades, podem dar fôlego para um novo surto de experiências de gestão participativa.

Tal iniciativa cumpre vários papéis: o de evidente orientação para salvaguardar a vida e a segurança social territoriais; o de associação de expertise técnica; o de arranjo de modelos de associação e gestão territorial; e o de sustentar um saldo organizativo que reorganize a administração pública (associada às lideranças locais) no período pós-calamidade.

### **13. BOLSONARO EM FRITURA COM FOGO BAIXO**

Tenho a impressão de que STF e militares adotam a mesma estratégia:

aguardar o momento de menor popularidade e erro fatal de Bolsonaro.

Acompanho o posicionamento do STF. Lento, mas firme. Aperta Bolsonaro por todos os lados, seja o ministro decano, seja Alexandre de Moraes. Nem precisamos saber o posicionamento dos ministros garantistas (como Lewandowski) ou Gilmar Mendes. O STF parece preparado para o enfrentamento com Bolsonaro. Trava um jogo de paciência. Bolsonaro, como já é nítido, não tolera este tipo de jogo: é bruto e pouco afeto a jogos de inteligência. O que o faz cair na arapuca. Mas, neste final de semana, levou um pito importante. Militares disseram que não entrarão na aventura do enquadramento do STF. O posicionamento vetando o autogolpe já vem de abril.

Bolsonaro vai percebendo sua margem de manobra cada vez mais estreita. Procura radicalizar sua base para poder se safar de acusação de praticar a velha política ao negociar cargos com o Centrão. O fato é que a demissão de Moro e as negociações em curso atingiram sua base.

Três institutos de pesquisas indicam queda de mais de 15% de apoio social ao governo nas últimas duas semanas. O diretor de um desses institutos chegou a acusar o Datafolha de erro pró-Bolsonaro. Para piorar o cenário, dados levantados pela USP, UFMG, Fiocruz e pelo próprio Ministério da Saúde indicam que o Covid19 saiu da situação de

controle em virtude do relaxamento do isolamento social.

Ora, está se formando a tempestade perfeita: queda de apoio ao governo federal, cerco do STF aos atos presidenciais, discurso de enfrentamento com instituições por parte de Bolsonaro, freio dos militares, explosão de mortes nas próximas duas semanas.

A explosão de mortes pode provocar um forte abalo na pressão de comerciantes das cidades de interior que pressionam prefeitos para o relaxamento do isolamento. Em dias, as mortes atingirão esses municípios. A projeção dos técnicos é que estaríamos acima de 700 mil infectados. Este dado é confirmado pelo índice de fatalidade por infectado que EUA e outros países construíram: 1%. Se, no Brasil, cada infectado passa o vírus para mais 3, em duas semanas teremos um quadro de mortes três vezes pior (mais de 20 mil mortes) caso não voltemos à quarentena.

Assim, os argumentos de Bolsonaro vão perdendo consistência e seu grupo de apoio vai se restringindo aos fanáticos, como o grupo que xingou o ministro Alexandre de Moraes e acabou preso. Mas, retornemos ao estilo STF e FFAA.

Se a ameaça central de Bolsonaro é desautorizada pelos militares (o autogolpe) e o STF cerceia diariamente os desatinos do governo federal, o grau de desespero do presidente da República deve se elevar. O que rebate no caso das negociações com o Centrão. Até aqui, o

Centrão esteve alinhado com Rodrigo Maia. Evidentemente que o presidente da Câmara dos Deputados acompanha as tentativas de Bolsonaro para esvaziar este controle político. O cenário cada vez mais restrito para o governo federal está sendo monitorado, evidentemente.

Quem se aliaria a um governo em queda? Em primeiro lugar, os últimos da fila do pão. Algo próximo de um Roberto Jefferson, com um pé no ostracismo. E os partidos mais fortes do Centrão, os que estão nos primeiros lugares da fila? Seria prudente ceder a um acordo em curso?

O cenário político parece movediço e as condições políticas de Bolsonaro cada vez mais reduzidas. É um momento propício para um bote. Bote que não seria surpresa se acontecesse em maio ou junho.

## 14. GOVERNO FEDERAL NA ENCRUZILHADA

O governo Bolsonaro vive uma encruzilhada que tem em Jair seu maior problema. Ou vira o jogo com militares e Centrão ou afunda de vez no mar de mortes e pobreza.

Todo governo tem seu ponto de virada. Isso é muito comum. Com Sarney, a virada foi o momento em que o PFL passou a falar mais forte e dar as cartas. Com FHC, foi o momento da crise internacional que gerou fuga de investidores. Com Lula, 2005, quando adota a pauta

rooseveltiana. Com Bolsonaro, está sendo a avalanche de mortes e desagregação social com o aumento da pobreza e queda vertiginosa do PIB (que já se desenhava em fevereiro, antes do primeiro caso de Covid19 ser contabilizado). Projeta-se uma queda das horas trabalhadas do setor de serviços de 11%. Em 2015, a queda foi inferior a 1% e acabou retirando 7% do PIB entre 2015-16. A FGV projeta queda do PIB do setor de serviços da ordem de 4,4% em 2020 e queda geral do PIB de 5,4%. Serviços representam 70% da nossa economia e dos empregos brasileiros. Devemos atingir 20% no índice de desemprego neste ano.

Esta dinâmica já contamina o apoio ao governo Bolsonaro.

Recordemos: 55% do total de votos em 2018; 75% dos brasileiros com expectativa positiva em relação ao seu governo em dezembro (Ibope); 49% de avaliação positiva em janeiro 2019; 39% em fevereiro; março em 34%. Agora, segundo Poder360, XP e Atlas Político, o apoio varia entre 21% e 28%. A queda é constante. Tinha se segurado na marca dos 34% a 30% durante o segundo semestre do ano passado, mas voltou a cair nas últimas três semanas. O governo mingua.

A cada recorde de morte e de penúria social, o índice deve se deslocar um pouco mais para baixo.

O choque de realidade obrigou o governo a se mexer. De um lado, gritando alto para inflar os apoiadores fanáticos. Uma cortina de fumaça para encobrir o outro lance: negociações.

Negociações com o Centrão, o mais faminto monstro político forjado neste país. Logo, o zumbi político sempre à espreita de uma vítima e um holofote, se jogou na rede: Roberto Jefferson, conhecido pelas manchetes sensacionalistas da nossa imprensa.

O que sabemos é que esta manobra arriscada e defensiva (para evitar o impeachment e o isolamento definitivo do governo) está sendo liderada por militares. Braga Netto e Luiz Eduardo Ramos lideram a troca de favores com PP, PSD, PL e Republicanos. A ala Bob Jefferson do PTB corre de joelhos ao seu encontro.

A partir deste movimento, avalio que o governo federal vive uma encruzilhada.

A primeira possibilidade é Jair se tornar uma Rainha da Inglaterra de vez e deixar Centrão e Militares - coordenados por Braga Netto - governarem. Neste caso, as mudanças podem ser drásticas.

Se for por este caminho, a "velha política" retorna ao centro da ação governamental, tendo bancos públicos (como o do Nordeste) e DNOCS alimentando as bases locais do eleitorado cativeiro dos personagens conhecidos desta velha política. Mais: ações de investimento do Estado.

Esta possível guinada deixará Paulo Guedes com caneta sem tinta e a FIESP e FIRJAN sem interlocução (caindo direto no colo de Rodrigo Maia). O timing para esta guinada intervencionista-

-clientelista será o final deste semestre. Depois, Inês já estará morta.

A outra possibilidade será continuar como está. Neste caso, a dança será de um bolero tendo as mortes como piso. Dois pra lá, dois pra cá, e Bolsonaro continuará insuflando a histeria de fanáticos, enquanto tenta segurar as pontas no Congresso e STF. Será um caos progressivo.

Em duas semanas, devemos atingir o ápice das mortes por Covid19. Estamos tendo 700 mortes diárias; 4.900 mortes por semana; quase 20 mil mortes mensais. Em um mês, neste ritmo, chegaremos a 30 mil mortes. Para se ter uma base de comparação, a China teve menos de 5 mil mortes.

O drama já é imenso, mas brasileiro não consegue enxergar o caos (talvez, porque já vive no caos há muito tempo) com nitidez. O que veremos daqui por diante é uma segunda onda se formando e atingindo em cheio a economia do país. Não haverá churrasco que nos salvará.

Assim, o governo Bolsonaro tem até final de junho para decidir que rumo tomará. Se fará uma reversão de 180 graus ou se será de 360 graus. Na primeira, confundirá a todos, oposição e apoiadores; na segunda, será um Deus nos acuda e cada um por si.

## 15. O DAY AFTER

No meio do furacão, é sinal de esperança pensar no day after. Se não for esperança, ao menos é sinal de saúde mental. Eu espero.

A questão é que não sinto nenhuma gana de escrever sobre os recordes diários de mortes e contaminações pelo Covid19 em meu país. Ontem, recebi informações de quantas pessoas em situação de rua, quilombolas e enfermeiras morreram por esta praga. Simplesmente, não consigo racionalizar.

Hoje cedo, conversei com Janete, a cartunista-revelação de 2020. Combinamos de conversarmos todo dia bem cedo, já que nós dois acordamos antes dos galos. Conversa vai, conversa vem, decidi escrever esta nota sobre o day after. O day after será nosso “nada será como antes”.

### Transporte Aéreo

Na aviação comercial, as mudanças já começam a pipocar. A primeira orientação é um distanciamento maior entre os passageiros durante os voos. Na China, a retomada das decolagens iniciou com a poltrona central vaga. Acontece que, pelo padrão atual, o ponto de equilíbrio para que um voo pague seus custos com combustível, pessoal e manutenção é com 80% de ocupação e a retirada de 1/3 das poltronas leva a ocupação para 67% da capacidade. A Associação Internacional de Transporte

Aéreo (IATA) refutou o bloqueio da poltrona do meio. Nos Estados Unidos, algumas companhias começaram a oferecer passagens mais caras para que os clientes tivessem a garantia da poltrona ao lado vazia. Outra solução é a instalação de telas de acrílico entre os passageiros ou que as poltronas do meio sejam viradas para trás, o que levaria a uma mudança completa na configuração da aeronave.

A tela de acrílico para separar passageiros já está sendo adotada em restaurantes e bares na Ásia, deixando a decoração do ambiente mais próxima do interior da Apollo 13.

O uso de máscara é obrigatório em todos os voos da China e EUA. Nas orientações antes da decolagem, comissários de bordo mostram aos clientes o uso correto da máscara, com oferta de álcool gel. Outra orientação que também é utilizada em hotéis europeus nas últimas semanas: distribuição de kits de proteção durante o check in e suspensão da mesa de café da manhã, substituída por um kit de alimentação matinal fechada à vácuo.

Ainda sobre voos, há forte tendência em suspender os serviços de bordo nos próximos meses, já que o comissário de bordo pode se tornar um vetor de contaminação.

### Indústria do Cinema

Na indústria de cinema, desde final de fevereiro a produção de muitos filmes

foi suspensa, como Missão Impossível 7, cuja locação ocorria em Veneza. Também foi suspensa a estreia na China de Sonic the Hedgehog, e as estreias de As Aventuras de Dr. Dolittle, 1917, Jojo Rabbit e Mulherzinhas, além do tour promocional do novo James Bond, No Time to Die. Os estúdios podem, ainda, colocar o filme diretamente nas plataformas de streaming, sabendo de antemão que não irão recuperar o investimento.

### Shoppings Centers

Os shoppings centers parecem o segmento comercial mais lento nas adaptações. Começaram investindo em oferta de delivery. O planejamento de day after inclui promoções como estacionamento grátis do meio-dia às 14h para quem consumir na praça de alimentação e descontos, todo domingo, no setor de moda. Algo extremamente tímido para enfrentar a insegurança que se instala no consumidor de classe média. Há estabelecimentos que já prometem reorganizar o espaçamento das mesas na praça de alimentação, disponibilizar painéis sobre segurança e higiene e distribuir álcool em gel pelo shopping. Mas, o segmento ainda resiste a adotar mudanças mais drásticas. Alguns shoppings planejam enviar e-mails para manter a comunicação com clientes ou mesmo enviando links para pesquisas onde se pede para o consumidor indicar suas apreensões e sugestões de adaptação.

A estimativa é que comércio e serviços percam 100 bilhões até o final

deste semestre. A Alshop (Associação Brasileira de Lojistas de Shopping) e a Abrasce (Associação Brasileira de Shoppings Centers) se juntaram para elaborar medidas de adaptação e compensação. Em março, iniciaram gestões para os shoppings receberem isenção de impostos.

### Home Office

Antes da pandemia, um estudo do Ministério do Trabalho dos EUA calculou que 28,8% das pessoas realizavam atividades que podem ser feitas em casa. Levantamento realizado no ano passado indicou que 4,8% dos brasileiros que constituem a PEA trabalhavam em regime de home office. Nos EUA, é praticamente igual: 5,2%. Contudo, agora, a situação é outra. Houve investimento em curto espaço de tempo, para adaptação do trabalho em casa. Repartições públicas e departamentos. Casos como a da Receita Federal brasileira – substituindo escritórios regionais por home office - e ensino à distância já se proliferam pelo país. A Ctrip, uma agência de viagens da China, fez um experimento em 2013: colocou uma parte de seus 16 mil funcionários trabalhando de casa. E concluiu que a produtividade deles aumentou em 13%.

Os empregados em casa, paradoxalmente, tendem a se comunicar menos, segundo estudo de Ben Waber, cofundador da consultoria de RH Humanyze. Num grupo de engenheiros, aqueles trabalhando no escritório mandavam qua-

tro vezes mais e-mails de trabalho que o pessoal do home office. Mas, ao contrário do estudo chinês, a produtividade do trabalho em escritório se revelou 30% maior que a de home office.

A falta de horário fixo, exige uma forte disciplina que parece afetar a todos nestes dias de pandemia. Pesquisa realizada em 15 países, revelou que 42% das pessoas que faziam home office relataram insônia, contra 29% de quem trabalhava em escritório.

### Transporte Público Terrestre

O transporte coletivo também deve passar por uma transformação. As orientações europeias sugerem maior uso de bicicletas e monociclos. Nos ônibus de transporte, orientam para um espaçamento de 1 metro entre todos os passageiros. O que diminuirá, evidentemente, a lotação e aumentará o custo do serviço.

Com menos gente usando ônibus, uma solução projetada é o aumento do uso de sistemas de transporte sob demanda, uma versão do “Juntos” do Uber, em que até três passageiros aleatórios compartilham corridas com trajetos semelhantes, agora, lançando mão de vans. Há serviços desta natureza em Berlim, Milão e em 200 cidades do Japão.

### Papel do Estado

Para esta digressão não fiar um rosário infundável, deixarei o tema mais

espinhoso desta adaptação do mundo no *day after*: o papel do Estado. Em todas as crises mundiais, das duas guerras mundiais às depressões de 1929, 1970 (dois violentos choques no preço do barril de petróleo) e 2008, a intervenção do Estado na economia foi a solução em linha

Agora, com uma crise que parece colocar em xeque nosso plano de voo, nosso projeto civilizatório, as formas de trabalho e organização social, o papel do Estado parece ganhar contornos mais potentes e necessários. Mas, este é tema para outro momento.

## 16. EM COMPASSO DE ESPERA

Há momentos na conjuntura que o tempo parece parar. Evidente que sabemos que ele não parou, mas nossa mente nos coloca em compasso de espera. Aguardamos o desfecho de algo que parece se mover lentamente. O dia seguinte apresenta um breve novo capítulo que acrescenta muito pouco ao capítulo anterior, mas cria a confirmação do enredo que se desenrola na nossa frente.

Este é o momento atual.

Bolsonaro se debate contra os fatos. Grita, gesticula, exige fidelidade (esta é uma característica de alguns tipos de liderança tradicionais), ameaça (sem nunca cumprir). A oposição emite

notas públicas e se entrega às pendas parlamentares. A direita e centro-direita experimentam a esperteza que lhes é característica e tentam passar uma ou outra maldade no Congresso Nacional, outras vezes recuam, na tentativa de apresentar ao país um espaço político de racionalidade em meio à balbúrdia geral.

Mas, neste meio todo, uma imagem fugidia confunde parte da projeção dos próximos capítulos: os militares. Eles sempre estão no lugar errado, com a fala estranha, mas se apresentam como adeptos do confucionismo. Outra vez no interior do governo federal não como função, mas como ator político, estão se saindo, como antes, muito mal. Não conseguem conter o presidente, não conseguem conter a epidemia, não conseguem conter a queda do PIB, não conseguem conter o aumento da pobreza. Enfim, se meteram em mais uma enrascada política sem nenhuma necessidade. Talvez, por pura vaidade.

É por aí que se pode compreender o artigo do general Mourão publicado no Estadão,<sup>11</sup> jornal conservador que vem fazendo uma escalada de críticas editoriais ao capitão Jair.

O artigo do general despertou muitas ilações. O que significa que seu artigo não foi claro. A questão que fica é: para que um general que está no centro do poder escreve um artigo nebuloso, dúbio? Uma possibilidade é querer se tornar o centro das discussões políticas. A outra é enviar mensagens cifradas que

alguns entendem, mas a maioria não compreende. Também pode significar uma mensagem para ninguém realmente entender, gerar confusão no meio do ringue, sabe-se lá por qual motivo. Prefiro ficar com a primeira hipótese.

O governo faz água. Todas as pesquisas recentes indicam queda de apoio popular ao governo e aumento significativo dos índices de reprovação. E nem atingimos o pico das mortes por Covid10. Nem mesmo chegamos ao topo da crise social, que deve bater 20% de desemprego no final do ano. Será o Natal mais triste da história de nosso país. Talvez, mais desesperador.

O brasileiro já deu provas que tem uma tolerância para lá de normal. Maquiavel, nesta terra, não prospera. Podem mexer no bolso, xingar familiares que, no máximo, brasileiro faz acampamento com 30 (embora tenha anunciado 300), manifestação de rua, cerca a rua da residência de autoridades públicas para, no final, ficar tudo como está. Uma versão pós-moderna d' O Leopardo.

O general Mourão decidiu falar de como deve ser a democracia. Tentou dar ares de formulação intelectual, mas, como não é sua praia, escorregou. Digamos, portanto, que se tratou de um artigo professoral. Daquele tipo em que o demiurgo afirma que o script não era bem o que está sendo praticado.

Na concepção do professor Mourão, o Brasil precisa compreender

---

11 Artigo publicado em 14 de maio de 2020.

a gravidade da conjuntura. Perfeito. Sugere que a pandemia evoluiu para complicações políticas e econômicas e pode alimentar uma convulsão social. Perfeito. E aí, cita um tal “estrago institucional” e vaticina: “há tempo para reverter o desastre”. Aí começa a ficar nebuloso. Quem criou o estrago institucional? Moro? Bolsonaro? Afinal, dificilmente encontraremos uma oposição tão dócil como atualmente.

A partir daí, distribui senhas para governadores e imprensa. Dá a impressão de que o general está dizendo que a festa não foi bem preparada, mas os garçons bem que poderiam ajudar um pouco mais.

Envereda para uma digressão pouco inspirada, citando os fundadores dos EUA como base para sua sugestão de interpretação da Constituição Federal. Sugere que não somos uma confederação, mas, uma federação. O problema é que acredita que o conceito não tenha divergência interpretativa. A linha unicista que sustenta não é consenso. E, em nossa Constituição, a base de interpretação da autonomia dos nossos entes federativos não segue a vertente literária que parece povoar a cabeceira de seu leito.

Na lógica federativa, os entes federados aliam-se para criar um governo central, que absorverá algumas prerrogativas, como política externa, defesa do país, o controle monetário, os serviços de correios e telecomunicações, bem como as esferas do Direito Penal e Civil. Mas,

a lógica não é de uma simplória hierarquia. Os entes federados permanecem com autonomia administrativa, política, tributária e financeira para manter o equilíbrio que se estabelece entre eles. Garante-se a reciprocidade e cooperação entre governo central e governos subnacionais locais. Então, o sistema federativo garante a dupla autonomia das esferas territoriais de poder num sistema de pesos e contrapesos, estabelecendo um equilíbrio político-institucional entre as forças políticas. Há autores que citam que este sistema gera forças centrífugas (na direção de um Estado Unitário) e forças centrípetas (na direção da garantia da autonomia das subunidades federais freando as forças centrípetas). Infelizmente, o autor do artigo publicado no Estadão não foi até o final do livro.

É interessante que esta necessidade de ilustração teórica é uma constante na vida de generais que assumem as rédeas do governo federal. Foi assim com o general Figueiredo que se dizia o mais preparado brasileiro para governar o país. Teria lido muito, estudado mais que a média. Sabemos no que deu.

Enfim, general Mourão sugere um alinhamento hierárquico que não cabe no Brasil. Cabe nas FFAA. Mas, na política, a regra é outra. Aliás, o STF compreende exatamente assim ao definir que governadores e prefeitos têm autonomia para determinarem medidas no enfrentamento ao coronavírus. Um escorregão teórico. Contudo, é direito de qualquer cidadão brasileiro tentar entrar na arena e apresentar sua estratégia. São tantos

que fazem isso no que tange ao futebol, então, por qual motivo não daríamos este direito ao vice-presidente?

Mas, talvez, a escorregada maior (ou seria proposital?) foi sugerir que a imagem do Brasil no exterior parece deteriorada em função de manifestações de personalidades que estiveram em governos anteriores. A frase não bate com a realidade.

Todos sabemos que os antigos governantes não estão se esforçando para a imagem do Brasil deteriorar no exterior. Basta ler as declarações de governantes da França, Alemanha, China, países árabes e palestinos, Argentina e tantos outros. A imagem do nosso país foi conspurcada pelas declarações de Jair Bolsonaro, de seu filho Eduardo e de seus ministros.

O general Mourão não deve desconhecer esta realidade. Então, para que citou esta deterioração da imagem nacional no exterior? Talvez, Freud explique.

## 17. FELIPE NETO VAI AO PARAÍSO

Ontem, assisti parte da entrevista do Felipe Neto no Roda Viva<sup>12</sup>. Há algo que está se movendo entre jovens que os direciona para a política. Mesmo

Felipe achando que não é política quando diz que é caso de liberdade e opressão. Compreensível. É uma descoberta.

Esta descoberta envolveu, recentemente, Anitta. E está gerando um movimento que será lançado no próximo sábado, o 10X10 (10 milhões de jovens competindo entre tribos para arrecadar ajuda para 10 milhões de brasileiros em situação precária em função da crise atual).

Antes de falar sobre outros, vou resumir o que Felipe disse ontem.

Pediu desculpas por ter apoiado o que denominou claramente de golpe contra Dilma Rousseff. Esta é uma das características que me chamou a atenção: ele parece ser sincero, diz que erra e que procura se aprimorar.

Chamou Bolsonaro e bolsonaristas de fascistas, obscurantistas e reacionários. E exortou à unidade dos brasileiros contra este mal que jogará o país numa crise por anos a fio, segundo sua avaliação.

Sua sinceridade é cativante, como quase sempre ocorre com jovens. Falou sobre seu processo depressivo e como necessita tomar remédios e fazer análise continuamente. Disse que é preciso falar sobre isso. E é. Quem passou por esta praga do século (mais uma delas), sabe como é fundamental expressar o problema.

12 Entrevista realizada em 18 de maio de 2020. Ver <<https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac>>.

Serei sincero como ele: me pareceu deslumbrado, fala o tempo todo que é rico e que tem que ajudar e se engajar - o que é absolutamente correto - e faz caras e bocas quando profere alguma frase inteligente. Um menino bem intencionado, quase um Luciano Huck mais sincero e inteligente.

Em política, está se encontrando, o que, aliás, se situou exatamente assim. Faz confusões dizendo que lutar pela liberdade e opressão não é questão política, como já destaquei no início. Pois é: desconhece que esta é a essência da política. Mas, ele é como 99% dos jovens que limitam política à partido. Política vem do grego e significa organização social (a Pólis). Já se disse muito que político, na origem, é quem se preocupa com a Pólis. O contrário é idiota, o que se preocupa apenas consigo. Mas, Felipe pode ir além, se continuar estudando e se abrindo para o mundo.

Disse que, em termos de ideário, estaria entre Ciro Gomes e Amoedo. Foi uma bela escorregada porque nem sei quem estaria neste pequeno intervalo entre um radical liberal e um liberal radical. Mas, nem tudo são rosas entre jovens que descubrem a política.

Felipe Neto se alinha com este surto de descoberta da política entre jovens. Vem acontecendo com Anitta. Como Felipe, Anitta se revela sincera, pergunta abertamente sobre temas que a maioria não pergunta, confundindo poderes e entes federativos (como a maioria). Quer aprender.

Fico especialmente bem impressionado com esta descoberta. Pode significar que o ponto de saturação das bobagens e discursos fascistas no Brasil tenha chegado ao seu ápice e começa a despertar o interesse pela associação solidária, adotando valores humanistas.

Nesta descoberta jovem, destacaria o projeto 10X10 que será lançado no próximo sábado. Trata-se de uma ginca envolvendo 10 milhões de jovens brasileiros, organizados em tribos, onde o objetivo é arrecadar para atender 10 milhões de brasileiros atingidos pela atual crise.

O 10X10 é uma ação coletiva que envolve vários ativistas sociais de sucesso no Brasil. As doações serão convertidas em vale-alimentação e tudo será auditado em tempo real.

Bom, fico por aqui. Mas, deixo esta minha impressão de que algo está acontecendo entre nossas juventudes (no plural, mesmo). Há uma movimentação para o humanismo, para a política feita entre pares, para a solidariedade. Um presente em meio à desolação que povoa os mais velhos.

## **18. POR QUE ESTAMOS ERRANDO TANTO? A SOCIOLOGIA EXPLICA?**

Dias atrás, bateu um certo desânimo. Percebi que não havia reação social e política à altura para conter a onda

de mortes que deve ocorrer até julho. Ontem, tivemos a confirmação: mais de 1.000 mortes em 24 horas. Vou insistir no dado projetado por pesquisa norte-americana que indica 90 mil brasileiros mortos por Covid19 até agosto. Tenho a impressão de que caminhamos para esta tragédia monstruosa. Mas, o que acontece conosco para chegarmos nisso? Se estávamos no caminho certo, por qual motivo, demos meia-volta-volver?

Por estas e por outras, devemos analisar mais o nosso comportamento social.

Na sociologia brasileira há ensaios nesta busca, como o clássico Sérgio Buarque de Holanda, para quem somos afetivos (cordi) e precisamos de contato físico. Há muita crítica a este conceito e muita confusão sobre o que de fato Sérgio Buarque estava sugerindo.

Há autores que trabalharam nossa rejeição às normas impositivas que vai da rejeição do Estado pelas classes abastadas ao jeitinho brasileiro das classes subalternas.

Roberto DaMatta trabalhou o nosso "jeitinho". Em "O Que Faz o Brasil, Brasil?", compara norte-americanos e brasileiros. Para os primeiros, haveria muito formalismo. Para o autor, no nosso caso, há violação de regras e rejeição às instituições. DaMatta sugere que o Estado brasileiro não foi construído para agregar, mas para coibir. Uma boa tese,

mas há algo mais profundo nesse nosso negacionismo e misticismo.

Jessé tentou enveredar para este veio da análise do nosso caráter. Confesso que preferia Wilhelm Reich (e seu "Análise do Caráter"<sup>13</sup>), mas vamos de Jessé que procurou criar uma classificação social brasileira que estaria plasmada na ralé e nos batalhadores. Há problemas sociológicos nesta conceituação. Classe social é definida por um critério relacional onde podemos classificar a sociedade em gomos a partir de algo que as une: a propriedade dos meios de produção (Marx), poder aquisitivo (liberais) ou pelo consumo (mercado). Weber faz uma associação entre ocupação, consumo e estilo de vida para definir uma classe social. Em Jessé, qual seria o critério? Ralé vem de uma definição pejorativa que a Corte francesa dava às amantes do Rei (por serem oriundas dos mercados populares). Batalhador seria alguém esforçado? Então, qual o critério embutido nos batalhadores para os diferenciarem dos não batalhadores? Quantidade de ocupações ou suor ou energia despendida ao longo do dia? Ambição? Muito frágil em termos sociológicos. Mas, é louvável a tentativa.

Acredito que temos - e talvez esta é a avenida que Jessé usou - um ideário estamental no Brasil. Somos uma sociedade de classes (com possível mobilidade social), mas nossa mente funciona como se vivêssemos em castas, cada um fechado em comunidades marcadas por tradições.

---

13 REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1979. O livro foi publicado originalmente em 1933.

Nossa classe média sulina tem pavor de ver na poltrona ao seu lado uma pessoa negra, de shorts e chinelos. Não tolera ver um pobre num shopping de classe média alta. Restaurantes, cinemas, shoppings centers são alguns dos templos que não podem ser conspurcados.

E entre as classes subalternas? O que ocorreria? Este é um mistério e tanto. Pesquisas patrocinadas pela Central Única de Favelas (CUFA) revelam uma população mística, que gosta da ordem (não gosta que uma greve os impeça de trabalhar) e confiante no seu potencial.

A crença no sucesso chega a como-ver. Os laços com sua família se aproximam da formação de clãs afetivos. Aliás, esta relação com a família - e desconfiança até com amigos - já havia sido percebida em pesquisa do IBOPE que fundamentou um livro sobre classe média.

Há algo em nossa cultura de brasileiros que não se projeta como nação, como povo. Estamos segmentados em nossas crenças e identidades. O que coloca toda instituição e até a ciência em suspensão. Cientista, afinal, parece fechado em seu mundo e não viveria as mazelas.

Enfim, precisamos estudar mais o que somos como projeto social, como civilização. Darcy Ribeiro era otimista. Afirmava que nossa miscigenação nos levaria a um outro patamar civilizatório. Aguardo este resultado.

## 19. UMA REUNIÃO EM MEIO AO CAOS

Trata-se de uma reunião ministerial de um governo frágil, sem rigor, sem rumo, absolutamente ideologizado, num momento em que começava a perder musculatura, em meio à maior tempestade perfeita deste século. O que se poderia esperar? Racionalidade? Bons modos? Alguma sacada inteligente?

O vídeo desta reunião, realizada num estranho dia de abril deste ano, revela o que já se sabe deste desgoverno: falas muito abaixo da mediocridade que, como sabemos, significa ser mediano ou estar na média do pensamento mundano. Acuados, os discursos do chefe e seus chefiados são uma espécie de enredo do Monty Python sem qualquer humor. Nonsense com projeção de um mundo paralelo em que tentam demonstrar alguma força que, dado o teor da fala e as ênfases exageradas da forma, revelam mais que a canela. O que se poderia esperar? É gente frágil, marginal em suas áreas de atuação. Quem é Paulo Guedes no mundo da economia? Damares no mundo dos direitos sociais e até no mundo religioso? Quem é Bolsonaro no mundo militar ou no mundo político? Todos se forjaram nas margens do mundo real.

Bolsonaro não desejava que este vídeo de filme B viesse à público. Não se sabe o que o levou a temer. Afinal, o que aconteceu naquela reunião não foge das escatologias de Araújo, Guedes, Weintraubs e Bolsonaros. O fato é que ele perdeu mais esta queda de braço. Talvez,

num relance de vergonha, os atores mambembes decidiram aceitar o truço. Alguns apostaram ainda mais no nonsense e na absoluta falta de respeito à investidura de seu cargo. Jogaram como jogadores de porrinha realizado no bar copo sujo da esquina. Suados, camisas abertas até o peito, uma leve baba no canto da boca, decidiram fazer mais uma bravata. Afinal, de bravata em bravata, não se chega a lugar algum e, assim, se anda em círculos eternamente até que a Divina Providência dê um basta.

Já o exército de robôs decidiu fazer alguma coisa que prestasse politicamente. Já escrevi muitas vezes que na política contemporânea, a versão vale mais que o fato. A reunião-circo não renderá nota de rodapé nos livros de história. Mas, pensou alguém que se acha sagaz: “e se disseminarmos que o vídeo reelegera Bolsonaro?”. Essa indagação não faria sentido em nenhum lugar normal. Mas, o Brasil, há tempos, deixou de ser normal. A deputada mais-ou-menos, já espinhafrada pelo ex-ministro, decide postar no Twitter um agradecimento à Moro pela divulgação do vídeo<sup>14</sup>. Interessante que o chefe mor não queria a divulgação. Mas, quando se trata de versão, isso não interessa. Um ou outro do grupo fanático que representa um traço em termos de total da população brasileira, foi na onda. Então,

adivinhem quem caiu nessa armadilha de gente que faz aquele tipo de reunião? Parte da militância de esquerda. Como patinhos amarelinhos que Gugu e FIESP tanto criam e cultuam, esta parcela da esquerda tupiniquim – que um dia foi intelectualizada – cai rolando na sala e tenta dar saltinho para ficar em pé logo em seguida. Já tinha caído na tal brincadeira infantil de Bolsonaro com a tal Tubaína<sup>15</sup> (que, cá entre nós, acho uma delícia). Tentaram cavar alguma mensagem cifrada para... para... para o que, mesmo? Para se revelarem sem nenhum dom para o jogo político. No passado, se dizia que gafe política desta natureza era “passar recibo”, ou seja, dar um valor ao adversário que ele não merecia.

Acredito que este infantilismo tem relação com a lógica da esquerda “parlamentarizada”, aquela que fala grosso e age com medo. Até entendo que tem sentido dar volume para o adversário para não ficar tão feio a derrota de 2018. Afinal, o que vão dizer para os netinhos? “Perdemos para um desqualificado que comandava uma reunião ministerial como se estivesse no Country Club num domingo modorrento depois de tomar um engradado de cerveja?”.

---

14 Trata-se da fala irônica da deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP) Ver em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/carla-zambelli-ironiza-moro-contribuiu-para-a-reeleicao-do-presidente.htm?cmpid=copiaecola>>.

15 Em maio, Jair Bolsonaro concedeu entrevista ao jornalista e blogueiro Magno Martins. Em determinado momento, lança um trocadilho infeliz dizendo que “quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína”. Nas redes sociais, ativistas de esquerda acusaram Bolsonaro de fazer referência à tortura. A polêmica prosseguiu sobre o uso real do nome do refrigerante como jargão de tortura durante o regime militar.

O ideal teria sido a esquerda deixar esta briga entre STF e o fantástico estrategista Jair.

Mas, vejamos em perspectiva para avaliar a importância deste vídeo.

Acabamos de ultrapassar 21 mil mortes pelo Covid19. Estamos com 12,5 milhões de desempregados. Queda de renda em 80% das famílias que residem em favelas. Queda de arrecadação entre 25% e 30% até aqui. Queda do PIB. 75% das indústrias do setor automobilístico paradas ou semiparalisadas. Esta é a foto do momento. Qual o filme? O filme que entrará em cartaz em novembro ou dezembro tem como personagens queda de 7% do PIB e 20 milhões de desempregados. Mais de 90 mil mortos por Covid19.

Então, pensemos um pouco.

Alguns psicólogos sugerem que quando estamos em meio à uma situação muito desagradável, para podermos medir de fato o tamanho deste problema, basta projetarmos alguns anos à frente. Se o problema reaparecer é porque é realmente grave. Caso contrário, é passageiro.

Pensemos no final deste ano. Esta reunião-circo terá qual importância em meio à catástrofe econômica, social e sanitária? O morador de rua, o trabalhador autônomo, o morador de favela, o micro-empresário, o vendedor ambulante, estarão preocupados com a reunião-circo ou

com a sua falência, a fome, a destruição de seus sonhos e expectativas, a degradação social batendo à porta de sua família?

A reunião-circo está no mesmo patamar que a postagem do vídeo do Golden Shower no carnaval passado<sup>16</sup>. Uma vergonha. Há, com efeito, elementos que podem gerar a prisão e cassação do cargo de vários presentes naquele teatro de bolso. Mas, é nisso que temos que insistir? Nessa pauta?

Não. Temos muita coisa mais importante para fazer. Temos que reconstruir este país. Dar um mínimo de segurança para os mais vulneráveis. Temos que mostrar porque a extrema-direita sempre se apresenta como um rato que ruge. Afinal, a extrema-direita não sabe nem organizar uma reunião ministerial que tenha começo, meio e fim, que tenha algum respeito e seriedade. Então, como alguém em sã consciência pode imaginar que sabe governar a 8ª economia mundial construída com seriedade e suor de mais de 200 milhões de habitantes?

## 20. A JUVENTUDE É MUTÁVEL

De algum tempo para cá, a noção de juventude passou a ser plural. Agora, se fala em juventudes. O plural se refere, até aqui, às diversas identidades ou sub-

---

16 Em 5 de março de 2019, alguns dias após sua posse, Jair Bolsonaro compartilhou na sua conta no Twitter uma cena de bloco de carnaval, em que um homem dança e em determinado momento se abaixa para outro urinar nele. O post do presidente com o vídeo teve mais de 8 mil retuïtes, mais de 46 mil curtidas e 39 mil comentários até o meio-dia do dia seguinte.

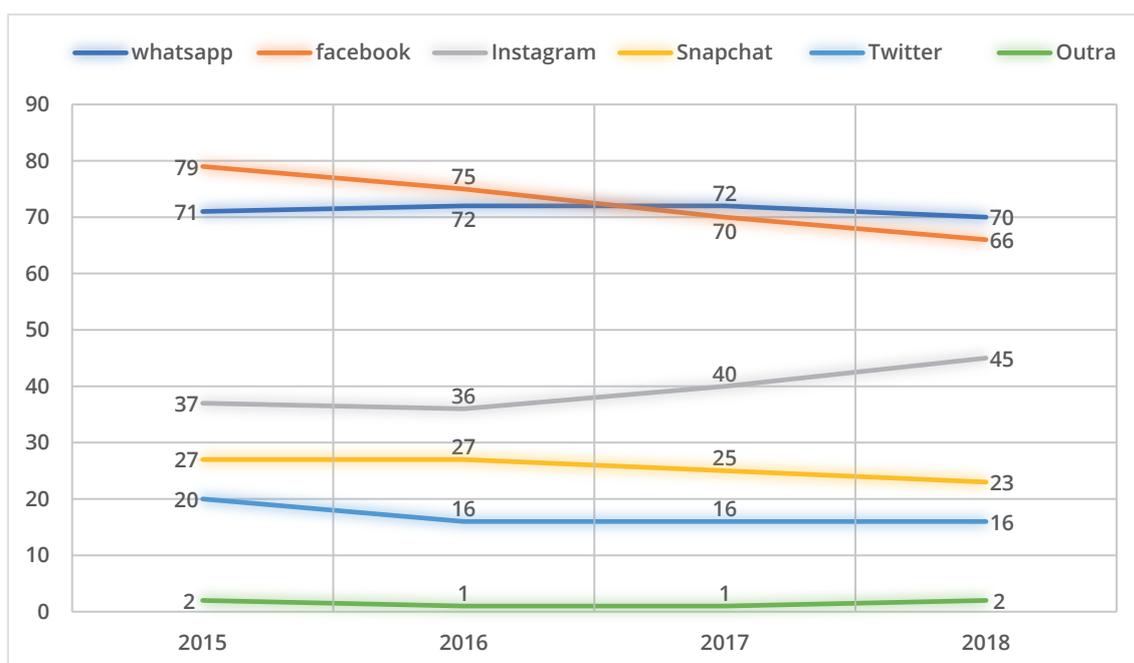
culturas, às inúmeras tribos ou times. Mas há algo que já se percebia desde a virada do século anterior para o atual que vai se cristalizando: a inconstância das juventudes.

É possível que as redes sociais tenham emplacado uma nova forma de sociabilidade, mais fluida, acelerada, onde a ideia do dia anterior submerja em meio à uma profusão de novas informações e interpretações. Pode ser, ainda, que as juventudes tenham sido sempre assim, mas não tinham seu habitat ideal à mão, com a internet e as redes sociais ao alcance do celular. O fato é que este dilema de quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha, nunca ajudou a chegarmos a algum lugar razoável.

Os dados que temos sobre acesso às redes sociais pelas crianças, adolescentes e jovens brasileiros indicam esta fluidez e inconstância.

Mais de 24 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, segundo pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018. Significa que mais de 85% das crianças e adolescentes do Brasil acessam a internet. Na faixa entre 15 e 17 anos, o percentual é um pouco maior: 86% de usuários. Crianças e adolescentes assistem a vídeos, programas, filmes ou séries na internet. A internet é mais usada por meio de telefone (93%) e desde 2014, o uso de telefone celular ultrapassou o uso de computadores. Esta pesquisa indica que WhatsApp e Instagram como as principais redes usadas no Brasil neste intervalo etário. Mas, se olharmos com cuidado, percebemos uma mudança de comportamento num curto intervalo de tempo.

### Redes Sociais onde crianças e adolescentes possuem perfil (%)



Fonte: O Globo<sup>17</sup>. Infografia: Produção própria.

17 Ver em: <<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/whatsapp-supera-facebook-como->

Whatsapp e Facebook trocaram de lugar, na preferência de crianças e adolescentes brasileiros entre 2015 e 2018. O Instagram passou a ser mais utilizado neste período e o Snapchat e o Twitter, que pareciam em evolução, caíram ou estacionaram num patamar bem baixo de uso.

Isto talvez dê uma luz sobre a mudança atual de parte da juventude brasileira em relação à pandemia e ao governo Bolsonaro.

Uma parte considerável dos jovens apoiou Bolsonaro em 2018. Pesquisa coordenada por Isabela Oliveira Kalil, do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, indicou 16 agrupamentos sociais que tiveram forte participação na campanha do atual presidente<sup>18</sup>. Três desses grupos eram compostos por jovens.

O primeiro subgrupo de jovens que apoiaram Bolsonaro em 2018 é o composto por nerds, gamers, hackers e haters, composto majoritariamente por homens entre 16 e 34 anos. Se reúnem em fóruns restritos, jogos online e caixas de comentários de sites de cultura pop. Citam muitos personagens do mundo dos games e HQ, além de filmes. Sentem prazer em organizar ataques à algumas páginas de personalidades por quem não têm apreço. Foram responsáveis por disseminar a imagem de Bolsonaro

como “mito”, além de projetar o perfil jocoso e provocador. Repudiavam perfis progressistas nas redes sociais, além de feministas e gays.

O segundo subgrupo jovem foi o composto pelos que pregaram voto rebelde contra a “doutrinação marxista”. Composto por jovens estudantes do ensino médio ou estudantes universitários, que têm entre 14 e 30 anos, não se sentem acolhidos pelo ambiente escolar e se sentem privados da participação em grêmios e centros acadêmicos em razão de posicionamentos políticos. Nos grupos de estudantes do ensino médio público apareceram apoiadores que enxergavam Bolsonaro como um outsider que conferia no ambiente escolar a noção de voto “descolado”. Dentre os estudantes de ensino médio privado se encontravam aqueles que eram contrários às políticas públicas que possibilitam acesso dos jovens de ensino público na universidade e qualquer mecanismo de cota que “facilite” ou “privilegie” certas camadas sociais. Dentre os universitários, os discursos sobre cotas e mecanismos que incentivam a entrada de certos grupos sociais no ensino superior se destacavam, envolvidos num discurso que se autoidentificavam como “estudantes pela liberdade”.

Finalmente, o subgrupo de jovens influenciadores digitais, focados na defesa da meritocracia e na chancela “salvando o Brasil de se tornar uma Venezuela”. Produtores de conteúdo para as redes

---

[-rede-social-preferida-de-criancas-adolescentes-no-brasil-23953366>](#)

18 Ver <<https://www.vice.com/pt/article/7x33x9/bolsogatas-pessoas-de-bem-e-machoes-antropologa-classifica-16-tipos-de-bolsonaristas>>

sociais, como Youtube, Instagram e Facebook, não eram inteiramente contempladas pelas perspectivas de Jair Bolsonaro, seja política, moral ou economicamente, mas acreditavam que no momento era a melhor saída “arrumaria a casa” e combateria a corrupção. Se reagrupavam em convertidos (pessoas que já foram comunistas, gays, feministas, ateus ou militantes de esquerda) e celebridades (cantores, atletas e artistas), pensadores (intelectuais e jornalistas que lançam tendências, realizam análises e, por vezes, possuem afinidades ideológicas com a direita internacional). Sentem forte repulsa ao “comunismo”, “às ideologias de esquerda” e aos movimentos sociais ou quaisquer grupos que possuam preocupações com as minorias sociais. Denunciavam, durante a campanha de 2018, o “autoritarismo da esquerda” e disseminaram o discurso antipetista e a luta contra a corrupção.

Esses três subgrupos jovens que apoiaram Bolsonaro em 2018 parecem se desgarrar do “mito” neste segundo trimestre de 2020. Felipe Neto parece ser o emblema deste movimento.

O que estaria provocando tal mudança nesta parcela da juventude (ou das juventudes)? Arriscaria dizer que é uma mescla de frustração, esgotamento e rebeldia. A velha mutação juvenil sendo acionada.

Não descartaria que parte dos jovens que desejavam que Bolsonaro “arrumasse a casa” se frustraram com a balburdia que se revelou o seu governo.

Com a saída de Moro, o abalo pode ter sido ainda maior. Embora não tenhamos pesquisas a respeito do impacto entre jovens da saída do ex-ministro da justiça do governo Bolsonaro, o impacto nas redes sociais pode sugerir uma tendência. O “Vem Pra Rua Brasil” incluiu a hashtag #BolsonaroTraiuMoro em um post que teve 7,2 milhões de compartilhamentos. O nome do ex-juiz foi o termo mais comentado no Twitter, com 1,2 milhão de menções. As hashtags #BolsonaroTraidor, #ForaBolsonaro, #TchauQuerido e #BolsonaroEnlouqueceu estiveram nos tópicos mais populares no dia da demissão.

O esgotamento, possivelmente em menor número, parece estar afetando a todos brasileiros, em meio à clausura ou ao risco de ser contaminado pelo Covid19. Esta nova realidade afeta diretamente o sentimento de liberdade da juventude. Por este caminho, a tentativa de Bolsonaro em excitar permanentemente seus apoiadores para adotarem posturas de confronto com medidas de segurança sanitária podem estar colidindo com as informações científicas e acontecimentos e declarações de celebridades de outros países que chegam aos jovens “descolados”.

Finalmente, o sentimento anti-establishment que forma grande parte do ideário jovem. Bolsonaro se tornou governo, o centro da república brasileira e, portanto, ou teria que ter alterado a lógica do poder estabelecido ou apareceria como parte do jogo tradicional da política. Sua incapacidade de gerar respostas

e sua aproximação ao Centrão devem ter contribuído para parte dos segmentos jovens que o apoiou se sinta muito incomodada.

O fato é que o mundo gira. E gira ainda mais rápido quando se tem menos de 30 anos.

## 21. SOBRE A DEMOCRACIA E SEUS LIMITES

O Brasil vive uma encruzilhada. Pela via democrática, elegeu um governo de extrema-direita que ameaça, mas não alterou a lógica democrática em nosso país até o momento. Diversas personalidades de destaque nas instituições centrais de nossa democracia já manifestaram sua preocupação com os riscos que estamos vivendo. Este é o caso de Celso de Mello, ministro do STF, que explicitou sua apreensão. Em mensagem enviada aos seus colegas da Alta Corte, alertou:

“É preciso resistir à destruição da ordem democrática, para evitar o que ocorreu na República de Weimar, quando Hitler não hesitou em romper e nulificar a progressista, democrática e inovadora Constituição de Weimar. Guardadas as devidas proporções, o ‘ovo da serpente’, à semelhança do que ocorreu na República de Weimar (1919-1933), parece estar prestes a eclodir NO BRASIL!”

A preocupação do ministro decano pode ter parecido exagerada para alguns brasileiros, o que suscita um apro-

fundamento sobre os limites da democracia.

Começemos com o conceito de democracia.

Democracia é um regime político em que todos os cidadãos, indistintamente, são iguais perante a lei e escolhem seus representantes que, profissionalizados, possam se dedicar a fazer leis que acolham os interesses de todos ou, no limite, da maioria dos representados, e dirijam a máquina do Estado, em seus níveis de jurisdição. Aqui, temos uma distinção importante: Estado de Governos e Parlamentos.

Estado é a máquina pública que, no mundo moderno, existe para garantir a paz e o equilíbrio nas relações sociais. Administra a coisa pública e é composto por equipamentos, instituições e servidores de carreira. Seu fundamento é a busca da justiça social e garantias da preservação dos direitos dos cidadãos. Já governos são constituídos por forças políticas organizadas que, eleitas, dirigem a máquina do Estado por um período determinado. Legislativo são compostos por representantes eleitos que produzem leis, incluindo a lei que autoriza o gasto pelos governantes, o orçamento público. Finalmente, o judiciário forma o terceiro vértice das instituições basilares da democracia moderna: julgam a todos, preservando as regras que democraticamente foram elaboradas pelos legislativos.

Estado não é governo, portanto. Há governantes que procuram confun-

dir estas duas dimensões da vida pública. Quando o fazem, caminham para algo distinto da democracia porque procuram destruir a independência dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – que são independentes para criar um sistema de contrapesos, como pensou Montesquieu. Se um poder faz leis, executa e julga, estaríamos perante uma ditadura, dado que quem pensa de maneira distinta deste poder absoluto, estaria fora da lei.

Já temos, então, uma primeira pista para entendermos um pouco das preocupações do ministro Celso de Mello. O atual governo federal estimula ações intimidatórias contra o parlamento federal (Congresso Nacional) e o judiciário (STF). O Presidente da República sustenta que esses atos são democráticos porque expressão de cidadãos. Chegaremos, mais adiante, a esta noção que confunde liberdade total com democracia.

Ocorre que a democracia não é apenas maioria. Não se trata de número. Trata-se de poder do cidadão. Caso contrário, ao o eleito tomar posse, poderia se desvencilhar do desejo de quem o elegeu. Estaríamos, neste caso, distantes da noção de representação, dada a autonomia de decisão do eleito. Então, aqui, ingressamos numa camada mais complexa do jogo democrático.

Na concepção moderna de democracia, temos ao menos duas modalidades de processos decisórios: o representativo e o direto.

Na democracia representativa, o cidadão faz sua vontade ser exercida por um representante eleito. São dois tipos de representações: a delegada e a fiduciária. A delegada é quando um representante está vinculado estritamente a um agrupamento ou interesse corporativo. É o caso do “deputado dos professores” ou da “bancada da bala” ou “vereador do bairro X”. O eleito se restringe a uma pauta com interesses muito específicos.

Já a representação fiduciária é aquela em que votamos em confiança, a partir de um discurso geral que o candidato faz e que nos agrada. Contudo, não sabemos exatamente o que ele fará em meu bairro ou para minha categoria profissional. É o caso da eleição de um governador que não tem como prometer o que fará em cada bairro de cada cidade de seu Estado. Mas, seu discurso geral pode convencer grande parte dos eleitores e gerar confiança que fará um governo que atenderá os interesses dos moradores do meu bairro.

Já a democracia direta é aquela em que não há representante. Os cidadãos, em assembleia ou plenária, decidem sobre a agenda pública a ser adotada.

As duas formas de representação são legítimas, porque decididas pelos cidadãos num processo claramente democrático. Ocorre que elas carregam riscos. A democracia representativa delegada coíbe que os representantes pensem além dos interesses de seu grupo corporativo, aquele que o sustenta politicamente. Neste caso, além de nenhum

assunto de agenda universal ter condições de se efetivar, a democracia representativa delegada pode estimular uma disputa sem fim entre interesses comunitários e particulares. É de se refletir como se elaboraria um orçamento público se cada representante só pensar nos eleitores de sua base territorial eleitoral.

Já a democracia representativa fiduciária pode se desviar para a autonomia absoluta do governante. Resumidamente, se o eleito pode fazer o que desejar dado que foi eleito em confiança, sem ter dito em detalhes o que faria, estaria autorizado a não prestar contas de seus atos. Assim, o vínculo de representação poderia se quebrar e estaríamos próximos de uma tirania ou plutocracia (o governo das elites).

Finalmente, a democracia direta só leva em consideração aqueles que estiveram presentes na assembleia, eliminando todos os outros cidadãos que, por um motivo ou outro, não puderam chegar na plenária. Neste caso, a decisão seria parcial, não de todos.

Como se percebe, a engenharia democrática não é simples e não se trata apenas de eleição ou votação, mas de garantir que todos os cidadãos tomem lugar nos processos de decisão pública. Norberto Bobbio, autor do renomado Dicionário de Política, sugeria que as três modalidades – representação delegada, representação fiduciária e democracia direta – deveriam existir concomitantemente porque uma teria o antídoto para os vícios das outras.

Ao sugerir que apenas um dos mecanismos democráticos se imponha sobre as outras, o governo federal atual procura desequilibrar este balanço entre as várias formas de tomada de decisão democrática.

Então, vivemos uma encruzilhada.

Vivemos uma democracia. Afinal, temos eleições livres em que todos os cidadãos podem votar, temos imprensa livre, temos a possibilidade de pluralidade organizativa (em associações, partidos e outras formas de associação civil), temos instituições funcionando e o equilíbrio entre poderes. Não é possível afirmar que não vivemos numa democracia. Lembremos que os mecanismos democráticos não são perfeitos e carregam riscos.

Contudo, temos um governo que emite ameaças à democracia, estimula manifestações contra as instituições democráticas, apela ao uso da força para impor suas opiniões, não segue as orientações técnicas baseados na ciência e em acordos internacionais e procura criar um clima de excitação constante na sociedade, estimulando conflitos.

Mais que isto: o atual governante do Executivo Federal decidiu incluir militares em postos centrais da administração pública. São mais de 2.000 cargos comissionados ocupados por militares no governo federal. Algo inusitado em qualquer democracia contemporânea. São mais ministros militares, proporcionalmente, que no governo venezuelano,

definido como autoritário por esta característica.

Um dos problemas centrais da escalada autoritária do governo federal é não perceber a distinção entre Estado, Governo e Nação. Os discursos proferidos pelo Presidente da República e vários de seus ministros embaralham essas dimensões institucionais. Já fizemos a distinção entre Estado e Governo. Um governante não se impõe sobre o Estado, ele apenas o governa. Se desejar alterar a lógica do Estado, precisará encaminhar sua sugestão ao legislativo. É lá que se decide sobre as leis que conformam o Estado. E a Nação? Nação é a cultura, a alma, os valores construídos na sociedade e que geram uma identidade entre os cidadãos de um determinado território. Tais valores são construídos historicamente num processo de tolerância e diálogo entre os cidadãos que conforma a sociedade civil. Portanto, a noção de nação não nasce no Estado, mas na sociedade civil, de onde emana a “energia moral” de uma nação.

Pois bem, o Presidente da República confunde tais dimensões. Sugere que sua opinião, devido à sua eleição, tem que ser a opinião da nação. E deve ser imposta a todos outros poderes. E estimula mobilizações de ataque às opiniões contrárias e aos outros poderes para inibir, coibir e enquadrar as opiniões distintas a partir da sua.

Temos, então, uma primeira caracterização do atual governo. Trata-se de um governo militarizado que adota um

discurso que inibe as distinções entre poderes (e a estrutura plural do Estado democrático) e confunde as intenções de seu governo com os desejos da Nação.

Faltaria, então, uma última precisão teórica: a distinção entre autoritarismo e totalitarismo, distintos da lógica democrática. Com esta distinção é possível precisar melhor a caracterização do atual governo federal e, assim, dialogar com a preocupação do ministro Celso de Mello.

Autoritarismo é o regime em que se tutela a disputa de interesses, a disputa política. Não há plena liberdade de organização. Foi assim durante o regime militar, onde apenas dois partidos eram legalizados e tolerados pelo governo federal: ARENA e MDB. Os regimes autoritários possuem uma segunda característica nítida: desmobilizam a sociedade, impedindo-a de realizar assembleias, reuniões amplas, aglomerações, manifestações ou protestos. Todo governo autoritário é altamente centralizador e, por este motivo, não admite divergências profundas. Quando, no regime militar, o MDB passou a vencer muitas eleições (a partir de 1974), o governo federal decidiu impor uma mudança na composição do Senado, conhecido como Pacote de Abril, criando a figura de um terceiro senador por Estado, conhecido como “senador bi-ônico”, para desequilibrar a composição nesta casa parlamentar. Enfim, o desejo popular foi desconsiderado, a despeito do formalismo das eleições se manter.

Já um regime totalitário não admite nenhuma oposição, seja tutelado ou não, extinguindo e perseguindo todos divergentes à opinião central, confundindo seus interesses e desejos com o da Nação. Em suma, o governo central representaria os desejos de todos os cidadãos, seus interesses seriam os de todo o país e qualquer divergência deve ser considerada antipatriótica. Por aí, há outra característica de todo regime totalitário: a mobilização permanente da sociedade. Os governantes totalitários estimulam que todos estejam nas ruas, gritando, ameaçando, num grau de excitação permanente para ameaçar qualquer oposição. Afinal, qualquer divergência colocaria, em sua opinião, a Nação em risco.

Chegamos, então, a uma formulação mais precisa sobre o governo de Jair Bolsonaro. Trata-se de um governo militarizado, cuja lógica de tomada de decisão e programas assumem um nítido viés autoritário (sem debate nacional ou respeito à independência dos poderes instituídos) e com forte pendor totalitário (mobilização constante dos agrupamentos sociais que o apoia e discurso em que identifica as divergências com sua agenda com ameaça à Nação).

Ora, as mobilizações que agridem as instituições democráticas e a divergência política, as mobilizações que exigem o fechamento ou enquadramento do STF e do Congresso Nacional aos desejos do governo central são nitidamente antidemocráticas. Mais que isso: destilam valores totalitários. Não por outro

motivo, lideranças dessas mobilizações – como o grupo 300, que montou acampamento em Brasília – utilizam armas e adotam símbolos e práticas nazistas e da Ku Klux Klan. Na medida em que o Presidente da República apoia e se faz presente nessas manifestações de caráter totalitário, ofende a lei federal e se alinha com os valores antidemocráticos.

A situação ficou mais grave quando o general da reserva Augusto Heleno, ministro-chefe do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) da Presidência da República, publicou nota no dia 22 de maio em que atacava uma notícia-crime encaminhada ao procurador-Geral da República formulada pelo PDT, PSB e PV, afirmando que o pedido de apreensão do celular do presidente Jair Bolsonaro pode "ter consequências imprevisíveis para a estabilidade nacional". A ameaça foi visivelmente endereçada à decisão do STF que, por lei, deveria encaminhar – como o fez – o pedido para a Procuradoria Geral da União (que indeferiu o pedido). Um ministro procurou interceder sobre uma decisão de poderes independentes ao Executivo.

Esta sinalização se somou aos arroubos autoritários de ministros revelados num vídeo de reunião ministerial ocorrida em 22 de abril deste ano. O ministro da Educação, sustentou nesta reunião: “Eu, por mim, botava esses vagabundos todos na cadeia. Começando no STF. E é isso que me choca”.

Como se percebe, os contornos do atual governo federal são ofensivos ao

regime democrático. Relativiza as regras definidas por outros poderes, ameaça instituições, mobiliza setores minoritários da sociedade que destilam discursos e práticas beligerantes, procura deliberadamente intervir em instituições democráticas para impor seu programa e interesse, confunde governo com desejo nacional (quando não extrapola para o uso do cargo de Presidente para defender interesses de sua família).

Os que seguem as opiniões do governo central são poucos, entre 30% e 25%, segundo as últimas enquetes realizadas no Brasil: 70% são contra que os brasileiros se armem (DATAFOLHA); 70% dos brasileiros não querem voltar ao trabalho nas próximas semanas (IPSOS), 70% da população brasileira qualifica como ruim ou regular o atual governo (CNT).

Vivemos um impasse democrático no Brasil. Impasse que motivou a mensagem dramática do ministro Celso de Mello. Este é o fundamento de sua preocupação: o Estado de Direito está ameaçado pelo governo federal.

## 22. UM GOVERNO DE EXTREMA-DIREITA NUM REGIME DEMOCRÁTICO

Afinal, o que é um regime autoritário? Trata-se de um regime onde há certa tolerância (e tutela) com a organização da oposição, há certa disputa -

ainda que restrita - política possível, mas se rejeita radicalmente qualquer mobilização social. Foi assim na ditadura militar. Tínhamos eleições municipais (mas não em municípios considerados áreas de segurança nacional), eleições para os parlamentos, existia ARENA e MDB. Quando o MDB começou a crescer, a partir de 1974, mas, principalmente, em 1977, os militares resolveram alterar a regra do jogo. Os militares baixaram o Pacote de Abril, criando a figura do senador biônico para desequilibrar a força da oposição no senado. Resultado: não deu em muita coisa e nos anos seguintes, a oposição ganhou as ruas.

Durante a ditadura, um grupo com mais de 3 pessoas que andasse na rua, invariavelmente era abordado pela polícia, até mesmo em cidades do interior. As salas de aula sempre continham um policial que gravava tudo. Quando se falava de política em casa, sempre era cochichando.

Eu mesmo, entre 15 e 16 anos, organizei um abaixo-assinado na minha escola para mudar o uniforme e... a diretora mandou meu pai e os pais dos demais organizadores do abaixo-assinado para o Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Acho que no interior se chamava SOPS.

Não vivemos esta situação no Brasil. Há pluripartidarismo, a imprensa publica sem censura, só não estamos saindo às ruas em virtude do Covid19, o judiciário empareda o governo federal, publicamos aqui o que queremos, enfim,

não vivemos sob uma ditadura ou regime autoritário.

Mas, se não vivemos sob um regime autoritário, o que dizer do governo? Trata-se nitidamente de um governo autoritário. Então, sugiro esta distinção: regime autoritário de governo autoritário. Na verdade, trata-se de um governo de extrema-direita. Vou explorar mais isso.

A diferença entre esquerda e direita, segundo Norberto Bobbio (que escreveu um importante Dicionário de Política) é que a esquerda se caracteriza por lutar pela igualdade social e a direita pela liberdade individual. A liberdade sugerida pela direita, inclusive, fundamentaria a desigualdade social. A direita acredita que a diferença é parte da natureza de nossa espécie: uns são mais esforçados que outros, mais inteligentes ou argutos. Esses "seres humanos melhores" se destacariam dos demais. Estaria justificada, pela diferença, a desigualdade. Assim, para a direita, qualquer ato do Estado para provocar igualdade social seria um ato autoritário e antinatural. O que o Estado deveria fazer, para eles, é garantir a vida, pela política de saúde e segurança, e dar condições de acesso à educação para poder competir. Proteger, mas não promover socialmente.

Para o autor italiano, a esquerda considera que sem igualdade, não há liberdade porque os menos desfavorecidos não conseguiriam fazer o que desejam. Tese muito próxima da de Amartya Sen, o economista indiano liberal que

adota em suas teses o conceito de direitos humanos.

O importante é ter claro que esquerda e direita se toleram e aceitam a disputa e, portanto, a derrota num processo eleitoral. Distinto da extrema-esquerda e da extrema-direita. Extremado, no caso, significa intolerância, o uso ou ameaça do uso da força para limitar ou exterminar os divergentes. Assim, a extrema-esquerda usa armas para promover a mudança de sistema pela força. A extrema-direita também usa armas para se impor pela força. Parece evidente que não temos extrema-esquerda no Brasil, mas temos extrema-direita.

O governo Bolsonaro prega a exclusão da esquerda, apoia manifestações contra o Congresso Nacional e o STF, desacata, ofende, mobiliza. Ops! Se mobiliza, não é apenas autoritário, mas adota traços totalitários. O ideário totalitário não aceita oposição alguma e mobiliza. As ilustrações acabadas do totalitarismo foram o nazismo e o fascismo. As provocações bolsonaristas procuram, inclusive, provocar e ameaçar a oposição (que, agora, envolve mais de 70% da população brasileira) com jargões e símbolos de extrema-direita, quase sempre, criados por grupos nazistas dos EUA.

Então, como podemos caracterizar o governo de Bolsonaro?

Trata-se de um governo militarizado, tomado por militares (mais de 2 mil cargos comissionados). Trata-se, ainda, de um governo autoritário, que adota traços e símbolos de forças totalitárias.

Mas... fraco e frágil. Na prática, o governo Bolsonaro vem se revelando um fracasso retumbante. Suas tentativas mais toscas esbarraram nas contenções institucionais. Sua sorte é termos uma oposição domesticada e insípida. Contudo, este governo não consegue gerar respostas.

O jornalista Renato Rovai sugeriu que Jair Bolsonaro estaria mais próximo da queda que de qualquer reviravolta em sua desidratação em curso. No caso, o editor da Revista Fórum imagina que Braga Netto estaria sendo preparado como alternativa até para 2022. Mas, golpe? Não há sustentação para um autogolpe.

Lembremos que durante a ditadura militar, a crise econômica e a falta de recursos para investimento (fruto das duas crises do petróleo durante a segunda metade dos anos 1970) esfacelou a legitimidade do regime autoritário.

Pois bem, estamos vivendo a crise econômica e social mais profunda desde os anos 1980. Teremos 25% da PEA desempregada; mais de 90 mil mortos por Covid19 em agosto. O mundo todo alardeia o desgoverno de Bolsonaro, considerado o pior do planeta. Um autogolpe, gerado por um ato tresloucado de incompetentes governantes, duraria quanto tempo? Semanas? Trump, em período eleitoral, enfrentando mais de 100 mil mortes por Covid19 e com 40 milhões de norte-americanos solicitando seguro-desemprego ajudará Jair?

Enfim, não vivemos sob uma ditadura, nem temos traços de regime autoritário, mas vivemos sob um governo de extrema-direita atrapalhado e incompetente. Os militares, mais uma vez, revelaram que não sabem governar este país. Mais uma vez, sob seu comando, o país virou um caos.

É neste contexto que o slogan "Somos 70%" tem sentido. A grande maioria do país não aceita este governo e nenhuma de suas teses. Está em outro campo. O que revela que a democracia é um eterno aprendizado. Metade dos eleitores de Jair já caiu fora.

Finalizando: não vejo perigo algum de autogolpe ou implantação de uma ditadura. Vejo bravatas de velinhos e militantes de um governo em desespero cujos membros, quando interpelados, deixam a macheza de lado e ficam calados. Gente sem formação e sem estofos.

## 23. SOBRE O BOLSONARISMO COMO VALOR DESVIANTE

Assisti, recentemente, a defesa de tese de uma amiga paulistana. Em determinado momento, ela citou o livro "Outsiders", de Howard Becker<sup>19</sup>. A vantagem de estar em casa é que olhei para a prateleira e visualizei o livro. Acho que tem algo a explicar sobre os bolsonaristas.

---

19 BECKER, Howard. Outsiders: Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Becker começa o livro afirmando que alguns "desvios" de comportamento (em relação ao padrão) são considerados crimes, mas, outros, não. Todos, contudo, não vivem de acordo com as regras estipuladas como normais ou corretas. Acredito que uma parte dos bolsonaristas se encaixa na sua explicação.

Muitas regras não são impostas, sugere o autor. Mas, mesmo assim, alguns que as violam geralmente aprovam as regras que infringiu, como os que cometem infração no trânsito. Outros, desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e o mundo errado. Porém, um ato é considerado desviante em relação à reação que as outras pessoas apresentam a este ato. Ora, isso significa que em sociedades cujas regras sociais são frequentemente desrespeitadas – como quando empregamos nosso jeitinho –, o comportamento desviante é mais tolerado. Portanto, desvio "não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele" (p. 27 do livro de Becker). Cá entre nós, está dando para nos identificar, não? Brasileiro tende a ignorar um ato disfuncional à socialização.

Na medida em que um grupo outsider se cristaliza na sociedade, o sentimento de erro de conduta só ocorrerá se alguém de seu próprio grupo definir sua ação como transgressora. Caso contrário, as críticas de fora se chocam com as convicções de seu próprio grupo.

Becker sugere que padrões de comportamento se desenvolvem numa sequência ordenada. Em outras palavras, o outsider, muitas vezes, constrói ao longo de um tempo razoável esta sequência até seu acabamento, quando o cristaliza. Se ninguém o coíbe, a trajetória se legitima. Mais: segundo o autor, muitos atos impróprios são cometidos por quem não tem intenção de transgredir. Apenas ignora a existência de uma regra. Palavras adequadas num agrupamento podem ser ofensivas para outro grupo, para dar um exemplo ameno.

Todos temos impulsos desviantes ao longo de nossa vida. A decisão de não seguir por um caminho desviante se dá pelo "compromisso" com instituições e valores sociais (não apenas comunitários ou de grupos pequenos). Mas, esses valores precisam perpassar seus círculos sociais. As pessoas que não têm reputação a zelar ou vínculos sociais mais amplos se vêm livres para caminhar por uma conduta desviante, agressiva, violenta, desrespeitosa, egoísta. Se não há nenhum constrangimento social (seja de seu grupo social mais íntimo, seja das instituições), forma-se uma narrativa desviante que define motivos e interesses. No curso da interação, ouve de outros outsiders as vantagens da negação às regras gerais.

"O indivíduo aprende, em suma, a participar de uma subcultura organizada em torno da atividade desviante particular" (p. 41). Criados os motivos e a narrativa que justifica o desvio, é muito

difícil reverter o ciclo desviante, sustenta Becker.

Mesmo quando o desviante/outsider se livre do hábito inadequado, é comum as pessoas continuarem a tratá-lo como desviante.

Um passo final da "carreira" de um desviante é o ingresso num grupo desviante organizado. Neste momento, se consolida uma ideologia do grupo desviante e emerge um repúdio severo às regras morais da sociedade e suas convenções.

Vejam que Becker constrói um percurso analítico que indica algo sobre o bolsonarismo. O começo do percurso vai se fortalecendo na medida em que não é coibido ou questionado por nós. E vai crescendo até se conformar como subcultura, como padrão.

## 24. AS NOVAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

No século XX, as estruturas de organização, incluindo as de representação, se conformaram a partir de forte verticalização e ação unificada. Foi o século das multidões, lembremos. Os organizados se vinculavam às estruturas com comando, setor administrativo e militância. Mais importante: essas organizações geravam ações unificadas entre seus membros. Tomada a decisão, todos seguiam o mesmo rumo e adotavam as

mesmas bandeiras. Era comum, então, que em manifestações se visualisassem blocos de bonés, camisetas e faixas do mesmo tipo, cor e conteúdo.

O que ocorreu de lá para cá? A sociedade se fragmentou. Empregos como os dos bancários pulverizaram e deram lugar a sistemas automatizados; as plantas industriais gigantescas foram substituídas por fragmentações (com sistema de just-in-time), e assim por diante. Surgiram os "uberizados", que vão ao limite da estafa e do risco pessoal para conseguir alguma migalha distribuindo produtos pelas cidades.

As redes sociais formaram o locus, o habitat privilegiado desta nova sociedade em forma de mosaico com diversas ramificações. As ramificações múltiplas das novas formas de contato - muito mais comunitário que societário - criam a possibilidade de cada um estar em vários agrupamentos virtuais simultaneamente, mesmo que eles não se conectem ou pensem da mesma maneira.

Bauman teve um insight e tanto ao dizer que no mundo atual, temos uma vida offline, onde aparecemos como somos para o outro (fora das redes sociais), e uma vida online (marcada por avatares). Os avatares que muitos usam são ilimitados (basta lembrar do que faz Carluxo). Na prática, muitos adotam mais de uma personalidade e como se deixam envolver por opiniões e convicções distintas das várias comunidades virtuais que participam, sua ação pode

ser também múltipla: participa de uma mobilização hoje e amanhã, talvez.

A relação afetiva é que conta mais que a razão. Temos, então, o surgimento da provisoriedade comportamental, incluindo o político. O que gera em termos de representação política? Ciclos cada vez mais curtos de legitimação de lideranças. Muitas vezes, a liderança política rivaliza, atualmente, com a celebridade instantânea. A celebridade é fugaz e raramente dita uma ideologia ou utopia, ao contrário de uma liderança. Daí vivermos sob a égide da troca de celebridades.

No mundo político, esta nova realidade corrói as velhas formas de ação e estabilidade das lideranças partidárias. Eleitas, viviam sob a segurança do mandato por um tempo relativamente longo. Agora, sua legitimidade perdura em ciclos cada vez mais curtos. Denomino essa instabilidade da liderança política e autoridade pública de "política de ciclo curto". É cada vez mais raro uma liderança manter sua legitimidade por mais de dois anos. Vejam o desmoronamento de tantas lideranças políticas na última década aqui no Brasil. Lula é o que mais persiste.

Richard Sennett, em seu livro "O Declínio do Homem Público" já sugeria, no século XX, que estávamos mergulhando na Era do Ressentimento. O "homem comum", sem poder econômico ou político de grandes proporções, se frustrava com o sucesso e vida abastada de autoridades. O ressentimento dava lugar ao

fechamento em seus círculos de intimidade: família ou círculos de amizade minúsculos. Novamente, este movimento social se encaixou no desenho comunitarista (de agrupamentos fechados) das redes sociais.

Então, o que temos em termos de modelos de manifestações de massa atualmente? Primeiro, a soma de comunidades, não uma multidão que pensa igual. Segundo, as pautas que se relacionam com sua subjetividade, sua frustração e dor. Terceiro, a provisoriedade.

Evidentemente que se o que estou sugerindo como hipótese de análise estiver correta, as organizações do século XX, como os partidos políticos, terão dificuldades imensas para poder dialogar - ou mesmo compreender - com as novas formas de sociabilidade comunitária. No mundo sindical, já há experiências que procuram estabelecer vínculos com este novo perfil social. Nos EUA, já há um importante movimento trabalhista que se organiza em bairros ou demandas étnicas. Temas como assédio e racismo passaram a ser centrais.

Enfim, o mundo é outro e as lideranças políticas plasmadas em organizações verticais e burocratizadas sentem que a água já bate na cintura. Alguns, se refugiam no que se denominou na ciência política de "partidos cartéis", dependentes de verbas públicas. Um partido-cartel depende do Estado, não do eleitor ou sua base social. Depende de cargos comissionados no Estado para profissionalizar sua militância, recursos

públicos para alimentar seus prefeitos, fundos partidários para gerar ações e estudos. O eleitor passa a ser um detalhe.

Mas, partidos compromissados com trabalhadores ou menos abastados patinam no discurso e na tentativa de se conectar com este novo mundo fragmentado. Suas lideranças se esforçam e se perguntam qual deveria ser sua nova prática, seu novo discurso. Temos, assim, um fosso entre representantes e representados nos dias de hoje. Alguns representantes ou lideranças políticas são honestas e se empenham em achar a saída deste labirinto. Outros, tentam atalhos com discursos populistas e raiosos ou, ainda, o caminho do cartel.

Termino sugerindo cautela. Todo processo de mudança social nunca é definitivo ou aponta para uma única direção. Sempre faz um caminho tortuoso que se altera diversas vezes na sua trajetória. Em meio à uma pandemia demolidora, as incertezas são ainda maiores.

## 25. 2013 É AQUI

Eu já escrevi o que relatarei em seguida no meu livro sobre 2013<sup>20</sup>, mas vou repetir aqui dois episódios interessantes das jornadas de junho que podem ter paralelo com o que está se formando agora.

EPISÓDIO 1: no dia 26 de junho ocorreu a última manifestação daquelas jornadas de 2013 em Belo Horizonte. No final, algumas concessionárias de carros começaram a pegar fogo. Eu liguei para algumas lideranças das jornadas e perguntei o que ocorria. E fiquei surpreso. [Ao contrário da narrativa lulista que diz que 2013 foi coisa da direita, era uma outra esquerda que estava lá: anarquista ou autonomista. Eu falei com vários membros desses coletivos. Era tudo muito organizado.] A resposta foi: "olha bem na TV. Não somos nós. São os meninos dos morros que desceram para enfrentar a PM. Eles são magros, negros, sem camisa. Dá uma olhada como eles chamam a PM para a briga. E as PMs não vão. Eles se conhecem de outros confrontos".

São Paulo e Brasília registraram participação - ou invasão - de gente de direita durante as manifestações de junho, mas no resto do país, a direita foi marginal. Acontece que anarquistas e autonomistas não são muito queridos dos partidos da esquerda, digamos, tradicionais. Mas, vai uma informação: a juventude do PT apoiou as jornadas. Aliás, expoentes da juventude do PT me procuraram. Falavam da necessária renovação de quadros do PT. Mas, como sempre, foram abafados pelos "quadros". Enfim, 2013 foi muito mais complexo que uma historinha simplória que tenta alinhar acontecimentos distintos.

EPISÓDIO 2: O outro episódio foi depois das jornadas. Ocorreu em julho

20 RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. Nas Ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

ou agosto. Aqui em Belo Horizonte, a Assembleia Popular Horizontal (APH, instância de deliberação que ocorria em pleno dia e que juntava 2 mil jovens embaixo de um viaduto no centro de BH) continuou funcionando. Aliás, a APH inovou muito. Havia um mediador que ficava no "palco" e um outro, que ficava no meio da multidão que participava da assembleia. O objetivo deste segundo era ouvir quem era mais tímido ou dar a palavra para quem estava meio escondido. Mas, o que desejo contar é um episódio que envolveu o coletivo de educação da APH de BH e a secretaria estadual de educação. Os governantes - todos - ficaram desesperados com as manifestações. Não sabiam o que fazer. O governo mineiro, decidiu chamar o coletivo de educadores para ouvir os jovens e negociar. Nesta reunião entre membros da secretaria estadual de educação e participantes do coletivo de educação da APH, foi discutida uma longa pauta de demandas e críticas dos manifestantes. Ao final, um dirigente da secretaria agradeceu e disse: "Queremos pedir duas semanas para que as diversas diretorias discutam estas reivindicações e sugestões e, se aceitarem, voltamos a nos reunir logo depois. Aceitam?". Silêncio. De repente, uma das participantes do coletivo de educação disse: "Não vai dar". O relato de quem participou da reunião dá conta de um ataque de nervos dos dirigentes da secretaria estadual de educação. Fizeram um longo discurso dizendo que não estavam ali de brincadeira etc e tal. Os participantes jovens se olharam e responde-

ram: "Então, fica assim". A participante do coletivo disse: "nós não representamos ninguém. Nós nos autorrepresentamos. Não há liderança neste coletivo. Podemos levar sua proposta para o coletivo, mas pode ser que não aceitem ou venha outra comissão da próxima vez".

Este segundo episódio revela o desencontro total entre as formas burocráticas de organização de um governo e a maneira fluida e elástica de organização de 2013 e que se repetiu diversas vezes de lá para cá. Sou testemunha de como todos partidos e lideranças se desesperaram em 2013. Lembro de um convite de Eduardo Campos para que eu explicasse para o PSB o que estava ocorrendo. Falei para um coletivo da Rede de Minas Gerais, cheguei a discutir com Marina na Faculdade Dom Hélder. PT, PCdoB, vários outros partidos ficaram atônitos. Participei no Instituto FHC de uma fala ao lado de Ronaldo Lemos para discutir o que parecia ser algo inexplicável. Enfim, todas forças políticas ficaram atônitas com 2013. E, naquele momento, todos percebiam ser uma mobilização estranha, mas legítima.

Um dia, comentarei como os governantes, incluindo Dilma Rousseff, resolveram, a partir de outubro de 2013, dismantelar toda a organização jovem de junho. Poderia ter nascido algo novo. Parte da esquerda chegou a pensar em fundar um outro partido, nos moldes do Podemos utilizando a estrutura do Partido Pátria Livre<sup>21</sup>. Tivemos muitas articulações pela esquerda caudatárias de

21 O Partido Pátria Livre (PPL) foi fundado em 21 de abril de 2009 e registrado na Justiça Eleitoral

junho de 2013, como o Movimento Raiz Cidadania. Esta história ainda precisa ser contada.

Contudo, o que gostaria de reforçar é como 2013 já criou um estranhamento de uma nova lógica organizativa e o aparecimento de novos atores sociais (incluindo os jovens dos morros e periferias) que, agora, parecem reaparecer. Continuaremos ignorando a novidade?

## 26. O CAMINHO DO CAMPO PROGRESSISTA BRASILEIRO

Afinal, o que ocorre no campo progressista ou de centro-esquerda do nosso país?

Há certo catastrofismo nos discursos deste campo político-ideológico como se a vitória de Bolsonaro tivesse criado uma Era. Não foi bem isso que ocorreu. Por quanto tempo a extrema-direita cresceu? De 2015 - ápice de popularidade de seu discurso radical, segundo a Vox Populi - até 2019 (quando o apoio à Bolsonaro começa a desidratar). Um tempo muito breve, mas que abalou profundamente as convicções deste campo. Por qual motivo? Vou entabular três hipóteses que não esgotam as possibilidades de análise. Vamos a elas:

Hipótese 1: Estresse pós-traumático. A sequência de impeachment de Dilma Rousseff, prisão de Lula e vitória de Bolsonaro abalaram certa convicção de imortalidade, a “Síndrome de Highlander”. O PT foi o único partido da história política do Brasil que venceu 4 eleições consecutivas para a Presidência. Mais: a habilidade de Lula em envolver até mesmo adversários históricos e isolar politicamente os adversários mais resistentes gerou sensação de estabilidade. Ocorre que o regime democrático pressupõe alternância no poder. Portanto, seria algo natural que a força eleitoral do PT gerasse uma organização tão potente em oposição para tentar fazer a roda girar. O campo progressista se desarmou e acreditou que nunca mais sairia do poder.

Hipótese 2: Percepção de ausência de lastro social e apartheid entre o cotidiano popular e as instâncias de organização do campo progressista. Esta situação veio aos poucos, principalmente após 2013. A narrativa inicial é que tudo era armação da direita. Dilma convidou os principais movimentos sociais para uma conversa em junho de 2013. Ouviu que ela não os ouvia há tempos. E que não lideravam as jornadas de junho. A Presidente tentou apresentar uma pauta, mas, não percebeu que as mobilizações de 2013 eram um mosaico, não uma unidade. Enfim, 2013 não era trama da direita, mas de uma outra

---

em 3 de outubro de 2011. Em 29 de maio de 2019, o partido foi extinto após incorporar-se ao PCdoB. Contou com 30 mil filiados no país, sendo São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Ceará os estados onde o PPL tinha mais membros. Foi uma derivação do antigo MR8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e editava o jornal Hora do Povo. Nas eleições presidenciais de 2014, o PPL apoiou a candidatura de Marina Silva à presidência e aconselhou o voto nulo no segundo turno.

juventude que agiu como a juventude dos EUA (Occupy), Espanha (que deu no Podemos), da Islândia (com a Revolução das Panelas), do mundo árabe (com a Primavera Árabe). Não era movimento social, mas mobilização social. Foi difícil perceber que durante mais de uma década dirigindo o Brasil, o campo progressista tinha envelhecido. Sua referência era um mundo que estava sendo substituído (algo que Lula recentemente sugeriu). Como entender este novo mundo que parece estranho à lógica do século XX?

Hipótese 3: Dificuldades para superar o projeto lulista. O projeto rooseveltiano lulista foi o de maior sucesso do campo progressista em toda sua história. Acontece que não pode ser mais reproduzido. Afinal, parte de sua engenharia se desgarrou e foi para a extrema-direita. A nata do empresariado revelou sua face demoníaca, de baixo compromisso com a sociedade brasileira. Se aliou, como fez no regime militar, a um projeto de exclusão social, autoritário e escatológico. Agora, se debate, como os militares, para saber qual saída toma no labirinto. Acontece que o projeto rooseveltiano se apoia em concentração de recursos de investimento público, fomento à ampliação do mercado interno e... indução dos investimentos privados (no caso, via BNDES e PAC). Esta última perna quebrou. Sem a perna empresarial, o que temos é um confronto entre uma proposta de desmontagem do Estado Providência e subordinação aos interesses dos EUA com um projeto de desenvolvimento autônomo. Até o momento, não há canais

de comunicação algum entre as duas perspectivas.

A opção de subordinação vem da leitura de um segmento militar que já previa uma forte crise social por esses dias dada a dependência da multidão mais pobre em relação aos fundos públicos para sobreviver. Então, a crise social poderia dar lugar a tensões crescentes. A possibilidade de tensão permanente, para este setor militar, num momento de baixa capacidade de enfrentamento do Estado (numa situação de caos social) exigiria que o país se vinculasse a uma potência mundial que nos desse suporte e segurança. Daí os EUA. Estamos vendo o que deu a aposta. Uma leitura geopolítica equivocada dá sempre em burros n'água.

Assim, ingressamos numa aventura empresarial-militar que não aponta para saídas, apenas para a administração do caos. Manejar este cenário não é uma tarefa fácil para o campo progressista. Exige muito rigor técnico e habilidade política. Em meio a esta situação de transição, percebo algumas movimentações do campo progressista a partir da leitura de crise do bolsonarismo e perda gradativa de popularidade do governo de Jair.

De um lado, Lula dando a cara para bater afirmando que não assina qualquer documento de frente com quem apostou no caos. O discurso é interessante, mas acredito que não revele todas as suas intenções. Lula prepara o PT para polarizar de vez com o governo

Bolsonaro. Se estou certo, não dá para se misturar com uma frentona. Mas, quando seria este momento de polarização? Tenho para mim que o momento da crise convergente (econômica, social e sanitária) será entre agosto e setembro. Se estou certo, esta é uma boa data<sup>22</sup>.

Finalmente, na outra ponta do campo progressista, PDT, Rede e PCdoB procuram expor seus expoentes (Ciro, Marina e Flávio Dino) para impedir que sejam mais uma vez soterrados pela máquina petista. Os arroubos oratórios de Ciro têm relação com este desespero.

Finalizo por aqui. São hipóteses explicativas, não previsões. Hipóteses orientam o olhar para checar se realmente explicam ou para refutar se se revelarem ilações que não prosperaram. Estamos vivendo esta transição política em meio à formação da maior tempestade perfeita que nosso país terá experimentado.

## 27. JAIR, O TIOZÃO DA FESTA DO VIZINHO

Bolsonaro se apresenta como um inimigo inusitado da nossa democracia. Sempre que vejo suas reações, vem à mente a cena do filme *Em Busca do Cálice Sagrado*<sup>23</sup>. A cena é hilária. Um ca-

valeiro encontra outro e o desafia para um duelo. O cavaleiro desafiado acerta vários golpes até que decepa um de seus braços do desafiante. Dá por terminada a luta, mas o desafiador, vestido com roupas escuras, pede para continuarem e, em seguida, perde seu outro braço. Cambaleante, o cavaleiro de roupas escuras investe com os ombros e perde uma perna e, depois, outra. Jogado ao chão, vê o seu oponente deixar o local. Mesmo assim, o cavaleiro nitidamente derrotado, sem braços e pernas grita que aquele que o venceu é um covarde.

Jair Bolsonaro é assim: cai o cabelo, perde uma perna, é humilhado, mas ele rola no chão, luta com uma mão, dá canelada e acaba mordendo o calcanhar, já no chão. Perde força desde o início do ano. Depois de um certo fôlego em função do 13º e emprego sazonal de final de ano, não parou de cair em popularidade. Está cada vez mais cercado pela Câmara de Deputados e STF, mas continua reagindo e dá tapa na mesa.

Agora, começa a enfrentar o início da reação popular ao desemprego, risco de vida em virtude da pandemia que ele decidiu deixar contaminar a todos e queda de renda. Os uberizados e "trabalhadores de aplicativos" resolveram protestar. As torcidas organizadas, também.

Mas, Jair é este caso do tiozão despreparado que fala de tudo no churrasco

22 Esta possibilidade não se confirmou, em especial, devido ao impacto positivo da ajuda emergencial de 600 reais mensais que beneficiou 48 milhões de brasileiros e dobrou a renda de 40% da população do norte e nordeste do país.

23 *Em Busca do Cálice Sagrado* é um filme de Monty Python, produzido em 1975 e dirigido por Terry Gilliam.

do vizinho. Alguns incautos ficam ouvindo as grosserias para entender onde o tiozão quer chegar. Os mais sem noção ficam até o final do churrasco, ao lado dele. Mas, a maioria vai se afastando. O tiozão não se importa muito: continua falando alto e abrindo as latinhas de cerveja. O irmão diz para ele manear em função da pressão arterial alta e ele grita dizendo que é atleta. O irmão se afasta. Enfim, Jair é esse cara que não larga o osso.

Eu acho que é justamente por aí que os setores progressistas se embaralham. Tratam o tiozão como mais um convidado, respeitam além do limite do razoável. No fundo, não sabem como lidar com gente tão desqualificada. Gritar com ele? Expulsar da festa?

Conheci muita gente assim: gente boa, com educação, respeitosa e cheia de regras morais de convivência. Acontece que quando lidam com um desqualificado, não sabem como reagir. Pensam que devem tratar como um ser normal, que está num dia ruim. E, de repente, perdem o controle.

Minha tese é esta: Jair Bolsonaro não se mantém onde está porque é estrategista ou porque tem muita força. Ele se mantém porque a mente de quem se opõe aos seus absurdos não sabe como reagir: "e se ele resolver quebrar tudo da nossa festa?". Tentam ignorá-lo, mas ele fala alto.

Este é um novo tipo de inimigo para uma oposição democrática que perdeu o gosto pela briga. Talvez, no fundo,

o tiozão conheça melhor o dono da festa que o inverso.

## 28. UMA SOCIEDADE SEM CARÁTER?

Venho me dedicando a analisar os traços do que se poderia nomear como o "caráter" dos brasileiros fanáticos de extrema-direita. Suas expressões públicas revelam uma típica transgressão às regras de convivências social. Acho estranho aparecer tanta gente mentindo sem considerar nada nem ninguém, aparentando não ter compaixão em relação à dor do outro, sendo ambiciosa de forma desmedida e revelando uma vaidade machista (mesmo quando se trata de uma personagem feminina) como companheira.

A ação desse comportamento fanático bolsonarista é um pouco distinto dos comportamentos comunitários, de tribos fechadas. Os grupos fechados quase sempre criam padrões de conduta definidos como corretos e que inibem qualquer forma de desvio. Trajes, formatos de corte ou estrutura de cabelos, pinturas no corpo ou deformações são "etiquetas sociais" ou grupais.

Ocorre que os arroubos extremados e antissociais que estamos vivenciando a partir de 2015, de forte inspiração fascista ou de extrema-direita, não parecem adotar uma postura moral grupal que iniba ações diferenciadas. Ao

contrário. Vivemos uma gincana de loucuras e exageros quase cotidianos desalinados. Do cristianismo de goiabeira (mais anedótico e intimista), passando pela ofensa gratuita diária (ao estilo Wentraub ou Carluxo) até a pisada na linha que separa ameaça de ato violento (caso de Sara Winter)<sup>24</sup>, temos um zoológico de figuras exóticas com nítidas dificuldades em relação ao convívio social. Cada um atirando para um lado e usando métodos e instrumentos distintos.

Para oferecer uma aproximação, lembremos que quando denominamos alguém como educado estamos identificando uma pessoa respeitosa, que tem alta inteligência interpessoal. Ora, os casos que acabei de citar são, portanto, mal-educados.

Então, dado que este tema é complexo, decidi me apegar à uma noção sobre o caráter, não exatamente sobre um comportamento social unificado, mas distorções pessoais que se somam em alguma convergência antissocial. Enveredar para uma análise do caráter significa se aproximar da psicanálise, mais especificamente, de Freud e Reich. Aí começa o perigo. Não sou psicólogo e sou um leitor eventual de teorias e ensaios psicanalíticos. Mas, ao menos uma

aproximação é possível. Afinal, diziam que Durkheim era um sociólogo psicologizante e há tantos outros que cruzaram a fronteira entre sociologia e psicanálise desde então.

Os apontamentos que citarei em seguida se apoiam, em especial, nas notas sobre a noção de caráter apresentadas num ensaio de João Rodrigo Oliveira e Paulo Albertini<sup>25</sup>.

Em 1922, Reich escreveu o trabalho intitulado Dois tipos Narcisistas onde distingue o que denomina de neurose de caráter. Tais indivíduos constroem defesas narcísicas que o autor denomina de couraças. Sugere que existe o tipo narcisista com sentimentos de inferioridade que encobre (a tal de couraça que o protege de se revelar) sentimentos secretos de superioridade (“depositada inconscientemente num ideal de ego nobre e inatingível”) e o narcisista compensatório que também possui sentimentos de inferioridade em função de uma castração inconsciente que impede a construção do seu ego. Este último, busca satisfação por meio de uma postura exibicionista. Aqui temos uma boa pista para entendermos os fanáticos em questão.

---

24 Esta passagem cita os ministros Damaris Regina Alves (ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, filiada ao PP) e Abraham Weintraub (ex-ministro da Educação, entre 2019 e 2020); o filho do presidente Bolsonaro, Carlos Bolsonaro (vereador no Rio de Janeiro), acusado de liderar o denominado “Gabinete do Mal” que disseminaria fake news pelas redes sociais brasileiras; e Sara Fernanda Giromini, conhecida como Sara Winter, ativista e líder de grupos radicais da extrema-direita política como o “300 do Brasil” que propagava o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) e que se encontra em prisão domiciliar até o fechamento desta publicação.

25 SILVA, João Rodrigo Oliveira e ALBERTINI, Paulo. Notas sobre a noção de caráter em Reich. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2005, vol.25, n.2, pp.286-303. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000200010&script=sci_abstract&tlng=pt)>.

Mais tarde, em 1925, Reich identifica o caráter impulsivo como uma inibição do desejo realizada de maneira defeituosa, geralmente muito tardia e traumática. Como causas, o autor sugere uma postura muito ambivalente dos pais em relação à repressão dos desejos das crianças, a ausência de modelos externos (parentais) para o superego e a alternância muito grande da apresentação de figuras ideais. Esta passagem remete a um outro texto instigante de Reich sobre a necessidade da criança ouvir um “não” dos pais. Não a negação como repulsa ou mero exercício de poder, mas como cuidado, como alguém que sabe que, mesmo recebendo uma reação desagradável ou não desejada vinda do filho, revela atenção com a criança.

No caso do caráter impulsivo, a pulsão teria seguido muito tempo sem ser reprimida, fortalecendo as demandas pulsionais e o ego primitivo, estando impedido o desenvolvimento de tolerância à frustração.

Em 1933, Reich publica o livro *Análise do Caráter*. Retorna a noção de resistência de caráter, indicando que se explicita em maneirismos. O que marcaria essas resistências de caráter são modos de agir inconscientes, próprios da pessoa. A resistência revela-se num modo típico de reagir, por exemplo, “o modo de falar, andar, gesticular, e os hábitos característicos (como o indivíduo sorri ou escarnece, se fala de maneira coerente ou incoerente, o quanto é polido e o quanto é agressivo). Também não

está no que ele revela em sonhos, mas no modo como ele censura, distorce”.

O caráter, então, seria um "muro de proteção" que absorve o impacto das exigências dos desejos e do mundo externo.

De acordo com Reich, o modo pelo qual o caráter se defende pode adotar uma forma estereotipada e crônica de um modo de se comportar, de se mover, a tal couraça de caráter. A couraça protege o ego, só que, ao mesmo tempo, enrijece os comportamentos, a liberdade de movimentos, diminui sua habilidade social, intensificando os conflitos que, inicialmente, buscava evitar.

Então, aqui, temos uma boa pista.

Podemos estar diante de pessoas cujo caráter impulsivo tenha relação com uma educação ambivalente na infância. Gente que construiu uma carapaça de autodefesa que se exprime a partir de comportamentos estereotipados, vocacionados para o conflito, com baixa habilidade social.

Em síntese: gente que precisa de ajuda profissional. A questão que fica é: tanta gente surgindo no cenário público nacional denotaria um padrão de formação de parte significativa dos brasileiros?

## 29. A APROPRIAÇÃO ESTÉTICA DAS PALAVRAS, VES- TIMENTAS E PRODUÇÕES CULTURAIS HISTÓRICAS PELOS GRUPOS IDENTITÁRIOS

Fredric Jameson escreveu um belo livro sobre o pós-modernismo<sup>26</sup> (o autor sugere que o conceito de pós-modernidade é um equívoco) onde sustenta que se trata de um discurso meramente estético, que substitui a noção ética, central no discurso moderno.

A ilustração que oferece para diferenciar o discurso pós-modernista do discurso estético moderno é a comparação entre as botinas pintadas por Van Gogh e os sapatos femininos de Andy Warhol. Num, a estética é humanizada e você percebe o sofrimento; noutra, algo anódino.

A estética pós-moderna é fragmentada. Separa toda expressão cultural em segmentos de identidade grupal. Na prática, elimina o conceito de humanidade e caminha para uma postura ahistórica, projetando o que sugere como “pequena narrativa”, contra a “grande narrativa” humana.

Jameson vai além e sustenta que a arquitetura pós-moderna, por transformar a história e a vida humana em pastiche, constrói shopping centers como espaços em que não se compreende onde é a entrada ou a saída, quando é noite ou dia, enfim, um espaço enclausurado em si.

Recentemente, veio à tona, por esta vertente de pensamento, a censura aos livros de Monteiro Lobato. Nos livros infantis, o racismo aparece em diversos momentos pela pena de Lobato. Contudo, faz parte da história da nossa literatura. A decisão menos sábia é a censura.

Este é um longo debate, inclusive na esquerda. A eliminação de personagens da oposição em fotos oficiais da URSS procurava recontar a história a partir da perspectiva única. Ainda pela esquerda, um interessante manifesto elaborado por Trotsky e André Breton<sup>27</sup> procurou dar contornos da preservação da liberdade individual na produção artística, mesmo quando o autor da obra de arte se engaja politicamente.

Asad Haider analisou como o discurso identitário se insinuou sobre movimentos feministas e antirracistas dos

---

26 JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

27 BRETON, André e TROTSKY, Lev. Por uma arte revolucionária independente. São Paulo: Paz e Terra/CEMAP, 1985. Este manifesto foi escrito em julho de 1938, quando Trotsky encontrava-se exilado no México. Nele, os autores refutam a possibilidade de alinhamento da produção artística tanto ao capitalismo, quanto ao alinhamento à proposta stalinista de arte e literatura proletária (proposta quatro anos antes). A tese central defendida pelos dois autores é que “o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado subjetivamente de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior.”.

EUA para debelar o ímpeto de transformação radical da sociedade. Passou a ser usado por ultraliberais que exigem não a superação, mas a inserção na ordem social. Na prática, o que se deseja é a possibilidade de usufruir de benesses das elites: a possibilidade de ingresso na universidade, mas não a superação da desigualdade social que faz da vida do negro um cativeiro; a possibilidade de uso de cartão de crédito, mas não a extinção da exploração. O ultraliberalismo - porque individualista, no máximo, grupal, comunitário - identitário substitui o conceito de exploração pelo de opressão; a relação entre classes sociais por relações dicotomizadas (opressor e oprimido); a leitura "biologizada" da política (não as relações). Assim, naturaliza a opressão porque identificada com a figura do homem (no caso do neofeminismo ultraliberal), do branco (no caso do neoantirracismo ultraliberal), e assim por diante. A estética pós-moderna deturpa e tortura a história para requalificá-la às suas intenções.

Há linchamentos diários nas redes sociais em virtude deste uso estético de vestuário, modelagem de cabelos, expressões culturais e linguagem. A palavra judiação não pode ser dita porque denotaria racismo contra judeus. Mesmo que o uso não seja este. E assim por diante. A patrulha pós-moderna nada mais faz que ligar o radar para enquadrar esteticamente a todos. Mas, nada mais faz que isso, além de bandeiras de inclusão, não de transformação social.

O modus operandi das patrulhas pós-modernas (grupais e autorreferentes) é similar a empregada pela extrema-direita: acusa, generaliza e envolve emocionalmente grupos comunitários fechados no ataque ao "inimigo".

Em alguns casos, cria-se um sofisma: uma propagação de uma interpretação deturpada sobre uma fala ou uma publicação para, então, se construir toda uma peça acusatória que apresenta certa lógica. Há, é fato, acusação contra erros efetivamente cometidos pelo alvo, mas, cuja reação é desproporcional.

Assim, vale o cuidado extremo nestes tempos bicudos de acusação fácil e uso político do ódio para criar um "estouro da manada". O divórcio pós-moderno entre forma e conteúdo faz com que conteúdos ultraconservadores se apresentem como progressistas.

### **30. POR QUE BRASILEIROS NÃO RESPEITAM O ISOLAMENTO SOCIAL?**

Se há algo que tortura um sociólogo brasileiro é compreender as motivações para tamanha passividade política e incapacidade para se disciplinar o isolamento socialmente neste momento de pandemia.

O mais intrigante é que os índices de isolamento entre jovens, em abril, eram muito altos, mais que os dos mais velhos. De repente, desabam. Uma ma-

téria recém publicada no UOL sugere que os jovens estão "cansados" do isolamento<sup>28</sup>. Acredito que tenha algo em nossa cultura que favorece a indisciplina.

Farei uma breve ilação. Primeiro, o que dizem os sociólogos estrangeiros sobre nosso comportamento. Começarei com um conservador: Samuel Huntington. Huntington, em seu "O Choque de Civilizações"<sup>29</sup>, afirma que nós, latino-americanos, não somos parte da cultura ocidental. Seríamos mais católicos que os ocidentais (no caso, EUA e Europa), mais místicos, menos racionais, mais grupais e comunitários, mais corporativos, mais indígenas e africanos. O autor foi consultor de Geisel para elaborar o processo de transição da ditadura para a democracia, uma concepção de tutela da sociedade brasileira. Huntington, portanto, adotaria um viés de hierarquização de nações e culturas a partir de sua perspectiva ideológica.

Mas, outro sociólogo, o português Boaventura Santos, festejado por correntes progressistas do Brasil, sugere uma peculiaridade da nossa cultura que, também, não é tão abonadora: a "carnavalização". No livro "La Caída del Angelus Nuovo"<sup>30</sup>, Boaventura sustenta que nossa prática política segue o ritual peculiar de nosso comportamento durante o Carnaval: transgredimos dentro da

ordem. Algo realmente desconcertante. Durante alguns dias do ano, somos autorizados a nos exceder e até barbarizar.

Haveria um jeito brasileiro de driblar a ordem vigente, mas sem romper com seus limites. Algo que pesquisas recentes revelaram em relação ao pensamento de moradores de favelas, por exemplo: rejeitam ações sociais radicais, como fechamento de rodovias e ruas. Numa dessas pesquisas, que acabou gerando o livro "Um País chamado Favela", os moradores de favela sustentam que o que melhorou suas vidas entre 2006 e 2010 não foram ações governamentais, mas a ajuda de Deus, da família e seu próprio esforço. E, mesmo na atual crise, pesquisa publicada neste ano indica que acreditam que o futuro será melhor.

Então, há na sugestão de Boaventura algo que parece ter sentido: nós, brasileiros, não rompemos com a ordem. No ideário majoritário dos brasileiros, o esforço pessoal define um futuro melhor, quase um "corpo fechado" contra maldades e intempéries. Ordem e misticismo se aliam.

Mas, há outro elemento que gostaria de sugerir aqui: nossos traços culturais indígenas que não suportam a ausência de liberdade. Não conseguimos viver cerceados de nossa movimentação

---

28 Ver "Covid dispara entre jovens adultos cansados de isolamento social" Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bloomberg/2020/07/27/covid-dispara-entre-jovens-adultos-cansados-de-isolamento-social.htm?cmpid=copiaecola>>

29 HUNTINGTON, Samuel. O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial. São Paulo: Objetiva, 1997.

30 SANTOS, Boaventura de Sousa. La caída del angelus novus: ensayos para una nueva teoría social y una nueva práctica política. Bogotá: ILSA/Universidad Nacional de Colombia, 2003.

e autodeterminação. Não nascemos para uma disciplina rígida. No ritual *couvade*, os homens indígenas, após o parto de seu filho, perdem, por alguns momentos, sua liberdade para serem obrigados a sentir o que as mulheres sofreram em termos de cerceamento de sua liberdade, durante 9 meses. Depois de ser lavado, o bebê vai para os braços do pai, que se deita na rede e fica de resguardo, mantendo uma dieta especial até que o cordão umbilical caia. É ele quem recebe as visitas e os cumprimentos pelo nascimento do filho, enquanto a mulher retoma a rotina diária. O que quero destacar deste ritual é a importância da liberdade na cultura indígena. Algo vital.

Ora, nossa indisciplina para o resguardo talvez tenha algum paralelo com esta cultura de valorização da liberdade e do livre-arbítrio. Daí a dificuldade para pensarmos à longo prazo.

São hipóteses explicativas para algo que impressiona: o que faz brasileiros se arriscarem, arriscarem a sua vida e de seus amigos e familiares, numa crença fanática, como se protegidos pela Oração de São Jorge, cujo trecho finaliza esta elucubração:

“Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e cor-

rentes se arrebetem sem o meu corpo amarrar.”

## 31. BOLSONARO MUDA O ESTILO E COMEÇA A FAZER POLÍTICA COMO GENTE GRANDE

Bolsonaro está alterando seu modo de fazer política. Esta mudança de rumo tem a ver com certa reclusão após o anúncio da contaminação por Covid19. A reclusão parece ser um freio de arrumação no seu estilo. Foi assim nas eleições, após o episódio da facada<sup>31</sup>.

Jair é um rebelde. Desde o exército, quando quase foi expulso. Como deputado era da turma do fundão, do baixíssimo clero. Não conseguia fazer campanha nas instalações das FFAA. Tudo registrado<sup>32</sup>. Acabou adotando o estilo histriônico, uma mistura de Datena com Bolinha (aquele apresentador de programas de auditório que usava as camisas mais chamativas de toda 25 de Março).

Este estilo faz sentido como parlamentar porque o descola - o nome disso em marketing é "posicionamento" - do conjunto de parlamentares. Ajuda um pouco em eleição, mas como governante, tem vida curta. Não funciona total-

31 Em 6 de setembro de 2018 o então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, sofreu um atentado durante um comício que promovia em Juiz de Fora (MG). Bolsonaro sofreu um golpe de faca na região do abdômen desferido por Adélio Bispo de Oliveira.

32 Ver, a respeito das dificuldades de Jair Bolsonaro em ser aceito pela alta cúpula das Forças Armadas, em OYAMA, Thaís. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

mente em eleição porque é preciso dizer o que se quer fazer e não só aparecer. De certa maneira, Bolsonaro falou para agrupamentos específicos, empregando os algoritmos ao estilo Cambridge Analytics. Mas, teve que fugir dos debates para não frustrar.

No governo, só fez cair. Seu estilo amalucado atrai fanáticos, mas, em meio à mais profunda crise sanitária dos últimos 100 anos, tem que ir além do personagem que dá cloroquina para emas<sup>33</sup>.

Percebendo o que parece ser um certo fôlego com a ajuda emergencial de 600 reais, partiu para se antecipar à crise social que, segundo o IBGE, já atinge 40,5 milhões de brasileiros que estão sem emprego. O DIEESE aponta 70 milhões em situação precária. E é só o começo.

Já expliquei aqui que a antecipação à um ataque ou situação crítica se chama em política de "vacina": você acaba anulando um ataque futuro. É o que Bolsonaro parece estar fazendo. Está adotando o figurino que FHC e Lula adotaram, usando chapéu de couro e se atirando no Nordeste. Não tem muito o que perder: trata-se da região que o rejeita. Se conseguir melhorar algum índice, já terá melhorado seu desempenho político. Seria a "gordura" para enfrentar o deserto áspero da crise social que começou agora e deve atingir seu ápice nas eleições municipais.

A situação parece confortável na medida em que a esquerda e a oposição

ao bolsonarismo parecem andar para o lado. Perderam todo protagonismo, se jogam na preparação das eleições municipais e parecem ter desistido do enfrentamento direto. Assim, o cenário está propício para Bolsonaro alterar seu estilo: ao invés de uma briga por dia (orientação dos "engenheiros do caos"), procura ocupar espaços vazios ou até minados, criando a gordura que poderá ser queimada no próximo semestre, mantendo-o competitivo.

Que fique claro: parece ser uma boa percepção política do momento. Um momento em que Congresso Nacional e STF parecem ter arrefecido a ofensiva contra o bolsonarismo e a oposição se recolheu às eleições municipais.

## 32. A AUSÊNCIA DE OPOSIÇÃO FORTALECE O BOLSONARISMO

Começemos traçando o cenário de aberrações dos últimos dias.

Temos a insistência da Sara Winter que teve sua conta no Instagram derrubada e criou outra. Cometeu mais um crime gravíssimo ao revelar o nome de uma criança que foi estuprada. Algo hediondo, bárbaro, o que poderia ter de pior em um ser humano.

33 Em julho de 2020, o presidente Jair Bolsonaro foi flagrado por fotógrafos oferecendo uma caixa de cloroquina para emas que vivem no Palácio do Alvorada.

Temos, no cardápio da semana, a extrema-direita cristã que tentou impedir o aborto em uma criança estuprada<sup>34</sup>. Algo tão sem sentido, dogmático e inescrupuloso que parece filme B dos EUA. Felizmente, esta horda foi enxotada do hospital pelas feministas.

Tivemos, ainda, o grave despejo dos moradores do Quilombo Campo Grande, no sul de Minas Gerais, pela PM do governo de Romeu Zema. A foto de uma criança ajudando a retirar material didático da escola que, momentos depois, foi destruída por um trator, correu o mundo.

Chegamos aos 110 mil mortos por COVID-19 no Brasil, uma tragédia que parece não dizer nada à maioria dos brasileiros, seja porque são obrigados a trabalhar, seja pelo negacionismo, seja pela total frieza e descaso.

O governo de Jair Bolsonaro decidiu enviar para o Congresso Nacional um orçamento de R\$ 5,8 bilhões a mais para despesas com militares do que o definido para a educação no País.

Como se percebe, o cenário não é de ofensiva das forças progressistas. Muito ao contrário. Embora sem a provocação diária de 2019 e início deste ano, os cachorros loucos continuam babando diariamente. Este cenário levanta a questão sobre a letargia que envolveu a esquerda.

Neste contexto, a análise que Patrícia Valim nos oferece é auspiciosa, na pior das hipóteses, instigante. Vou reproduzir, entre aspas, a proposição de Valim:

*"APROVAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO NO NORDESTE: POR QUÊ? QUANDO? ONDE?"*

*"A popularidade de Bolsonaro aumentou no Nordeste" - essa frase foi capa de jornais de circulação nacional, e matéria de destaque em revistas semanais e em blogs progressistas e esquerda sobre o resultado da última pesquisa DATAFOLHA e de outras pesquisas que tentaram explicar os resultados da primeira pesquisa. Os resultados e suas explicações, no entanto, têm um problema de origem histórica que pode comprometer a análise e ações políticas da esquerda para lidar com o bolsonarismo no Brasil.*

*Quando comparamos os dados divulgados pela pesquisa DATAFOLHA sobre o desempenho do governo de Jair Messias Bolsonaro e as explicações dos resultados, constatamos que algumas pesquisas: 1. nacionalizam fenômenos/pesquisas ocorridos no eixo Rio de Janeiro - São Paulo; 2. desconhecem o Nordeste ao tomá-lo como uma unidade da federação e não uma região formada por estados bem diversos; 3. sempre foi projeto da direita do sudeste reforçar a narrativa/o sociologismo explicativo do atraso nordestino cuja população é ignorante, sem acesso à informação, vende*

34 Trata-se do caso de uma menina de 11 anos de idade que foi estuprada no Espírito Santo. O caso se tornou tema nacional, em setembro de 2020, devido à reação de setores ultraconservadores do país contra a autorização, pela justiça, da interrupção de sua gestação.

*seu voto por uma dentadura ou um prato de comida - praticamente o bom selvagem do Crato que só poderá sobreviver de auxílios governamentais ou de subempregos no centro-sul.*

*Esses pontos nos obrigam a calibrar a escala das pesquisas porque o auxílio emergencial é uma variável explicativa importante, mas não é a determinante. Reparem: os estados do Nordeste com as maiores taxas de recebimento do auxílio emergencial são: Maranhão e Piauí. No entanto, os estados com as maiores taxas de aprovação do governo Bolsonaro são Bahia e Ceará - governos petistas que além de não polarizarem politicamente com o bolsonarismo, tem fortalecido as PMs e, consequentemente, as milícias na região, comprometendo a centralidade da luta antirracista para o genocídio da população negra e a luta contra o bolsonarismo de maneira geral.*

*Longe de mim querer acordar um setor da esquerda dessa sonolência política nesse domingo, ou querer bagunçar a cama do Procusto com respostas prontas para quase tudo nessa vida, mas os dados acima sugerem que as políticas neoliberais dos governos petistas/de esquerda na região comprometem o cinturão progressista/antibolsonarista formado nas eleições de 2018, muito além do período relativo ao pagamento do auxílio emergencial. O auxílio emergencial é a variável que pode explicar a extensão desse apoio, mas a privatização da agência de distribuição da água, a militarização das escolas estaduais, a reforma da previdência aprovada sem negociação com as entendidas dos servidores públicos:*

*esse conjunto de política necro-negacionista-neoliberal reforçará a centralidade política do bolsonarismo no século XXI. Não por acaso: será nesse universo que o bolsonarismo deve ser derrotado.”*

A autora sugere que esses dois governos não polarizaram politicamente com o bolsonarismo, têm fortalecido as PMs e, consequentemente, as milícias na região.

A tese é importante: governos dóceis abririam uma clareira para a extrema-direita. É uma tese importante da ciência política que já expus em outro fio: sem oposição determinada, os exageros e escatologias políticas se sobressaem. Sempre foi assim no mundo.

A questão é que os governos do Ceará e Bahia não polarizam com o bolsonarismo, mas outros governos da região não assumem uma agenda tão distinta. Vejam o caso das escolas estaduais militarizadas ou proposta de congelamento dos gastos enviada às Assembleias Legislativas.

O próprio governador Flávio Dino propôs uma trégua com Bolsonaro em defesa do emprego e renda. Não dá para ser mais esperto que a cobra quando se está no meio de um serpentário. Melhor ficar atento. Mas, Dino já havia sido colocado como inimigo de Jair, mesmo que involuntariamente.

Assim, a tese de Patrícia Valim parece precisa no recorte analítico: não se trata apenas de governos com agenda liberal-conservadora, mas governos que

não polarizam com o bolsonarismo que abrem a tampa do esgoto político-popular.

A sugestão se relaciona com a timidez da esquerda brasileira. E, lembra a sugestão de Alain Touraine para quem, no Brasil, quem se diz socialista é socialdemocrata; quem se diz socialdemocrata é liberal; e quem se diz liberal é de direita ou extrema-direita. Difícil.

### **33. A AUSÊNCIA DE UMA DIREITA CIVILIZADA E UM CENTRÃO POLÍTICO NO BRASIL**

Márcio Santilli, do Instituto Socioambiental e ex-presidente da FUNAI, está lançando um livro e acaba de dar uma interessante entrevista sobre o desaparecimento de uma direita qualificada e um centrão no Brasil.

Cita, como contraponto ao momento atual, o diálogo que tinha com Jarbas Passarinho que, em 1976, chegou a anunciar a cassação do mandato do pai de Santilli, cassação que acabou não ocorrendo. Jarbas Passarinho foi um militar realmente diferenciado. De alguma maneira, vinculado a certa tradição positivista. O positivismo foi salutar para um momento da história dos militares brasileiros. É o caso do tenentismo, que trouxe a bandeira da reforma agrária à pauta nacional

O movimento tenentista, que emergiu no emblemático e movimentado 1922, foi responsável por propor a modernização e unificação do nosso país, sob a batuta de um Estado desenvolvimentista. A reforma agrária foi apresentada para desmontar oligarquias regionais atrasadas.

Quando dei aulas na universidade, chegava a apresentar falas de Passarinho para ilustrar o pensamento positivista brasileiro. Era muito preciso e fiel ao pensamento de Comte.

Penso que Santilli tem razão. A direita brasileira se tornou pobre intelectualmente, e uma força de centro, uma espécie de "poder moderador", não existe mais em nosso país. Já comentei como Ulysses Guimarães assumiu esta função nos anos 1980 e, principalmente, na queda de Collor. Eu participava de reuniões naquele período de agitação de rua contra o governo Collor e lembro bem do momento em que Ulysses falou às lideranças estudantis que agradecia a luta pela democracia do país e toda mobilização que lideraram. Mas, disse, era hora de saírem das ruas para a continuação da batalha pela reconstrução do país ficasse nas mãos dos políticos profissionais, do Congresso Nacional. Os estudantes não gostaram muito, mas a autoridade do dirigente do PMDB falou mais alto. O movimento estudantil recolheu suas bandeiras e faixas e sabemos o desfecho desta história. Não temos nenhum Ulysses no momento. Possivelmente, se tivéssemos, seria objeto de demolição, chacota e desdém nas redes sociais.

Faz sentido, então, a sugestão de Alexander Dugin, para quem o liberalismo destruiu a política. Dugin (intelectual russo que criou uma concepção nacionalista e geopolítica oriental baseada na reconstrução da Eurásia, acolhida por Putin e com influência até numa corrente interna do PDT brasileiro) sustenta que a vitória do liberalismo sobre o fascismo e o socialismo promoveu o ultraindividualismo. Ideologia hegemônica no mundo atual, o ultraindividualismo promovido pelo liberalismo teria destruído as bases da política como ato coletivo, de cuidado com o espaço coletivo. Tudo pode no mundo pós-moderno, na "sociedade do desempenho".

Ora, se esta suposição é correta, a ausência de um centro político moderador ou uma direita civilizada e intelectualizada em nosso país tem razão de ser. Num mundo em que tudo pode e que todos querem o sucesso como utopia nunca realizada, onde estaria espaço para moderação?

Não há diálogo possível, o que se supõe que a tendência em nosso país seja a polarização entre extremos, inclusive, sem travas, autocontroles ou rigor. O importante, no caso, é destruir o outro. Neste buraco negro da política, não há lugar para a negociação entre partes.

## 34. UM LIVRO-BÚSSOLA PARA SE ENTENDER TEMPOS CONTURBADOS

*“Deixe-me ser bem claro: há algo de muito errado quando o 0,1% entre o 1% mais rico do país possui a mesma quantidade de dinheiro que 90% da população. Há algo de muito errado quando vemos, nos anos recentes, uma proliferação de milionários e bilionários ao mesmo tempo que milhões de americanos trabalham mais horas por menores salários e quando possuímos uma taxa de pobreza infantil maior do que qualquer outro grande país do planeta.”* (Senador Bernie Sanders, no discurso de lançamento de sua candidatura à Presidência dos EUA)

O fenômeno Sanders é a ponta do iceberg de um emaranhado pouco conhecido ou analisado sobre a história política dos EUA, o que faz deste livro de Vinícius Gomes Melo e Glauco Faria<sup>35</sup> uma preciosidade.

Sanders se tornou um fenômeno no jogo das grandes estruturas políticas daquele país a partir de uma brecha aberta com a crise de 2008, que aumentou a desigualdade e o desalento social nos EUA, e pela corrosão das propostas e práticas das principais lideranças políticas do país. Mas não se trata de um fenômeno de simples explicação, já que a cultura política norte-americana é refratária às regulações estatais, aos am-

35 FARIA, GLAUCO e MELO, Vinícius Gomes. Bernie Sanders: Revolução Política Além do Voto. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

plos projetos de promoção social a partir da transferência de renda como política nacional (como a reação aos programas nacionais de saúde apresentados por Bill Clinton e Barack Obama demonstraram com nitidez) ou qualquer política de caráter desenvolvimentista, logo cunhada de “populista” ou “socialista” pela mídia ou analistas econômicos locais.

Destacarei dois elementos da realidade norte-americana que podem orientar uma leitura sobre a dimensão da “novidade Sanders” nos EUA: a crise econômica e social inaugurada em 2008 e a cultura política hiperindividualista de seu país.

O elemento central da realidade que dá relevância à candidatura de Sanders é a crise econômica recente - inaugurada com a farra do subprime do setor imobiliário - ocorrida em 2008<sup>36</sup>. A crise social que se abateu sobre os EUA desde então, parece carrear famílias e comunidades ao desalento.

No final de 2018, a ONG Poor People's Campaign afirmou que 39 milhões de crianças são pobres nos Estados Unidos. Mais de 140 milhões de pessoas são pobres ou vivem com renda insuficiente para pagar suas contas nos

Estados Unidos, o que representa 43% da população do total do país. Nos EUA, a linha de pobreza para uma pessoa menor de 65 anos é uma renda anual de US\$ 11,7 mil (cerca de R\$ 48 mil). Para uma família com dois filhos, segundo dados do Departamento do Censo, o valor é de US\$ 24,2 mil (cerca de R\$ 98 mil).

Desde o início dos anos 1980, este é o patamar mais alto do índice. O Censo americano revelou que, em 2014, uma em cada cinco crianças dos Estados Unidos era pobre. Novo México, Mississippi, Louisiana e o Distrito de Columbia - onde está a capital, Washington - apresentaram a preocupante realidade onde 20% de sua população está abaixo da linha da pobreza. A exclusão social, como se sabe, tem um forte componente racial e a desigualdade - nunca houve tantos milionários nos EUA<sup>37</sup> - é a base da explosão da violência urbana, como indicam diversos estudos acadêmicos.

Para Marcello Estevão, vice-chefe da Divisão de Estudos do Departamento das Américas do Fundo Monetário Internacional (FMI), a desigualdade de renda e a pobreza relativa nos Estados Unidos estão entre as maiores dentro do grupo das economias mais desenvolvi-

36 Há uma vasta literatura a respeito, como PAULSON, Henry, *A Beira do Abismo Financeiro*, Editora Elsevier (o autor foi secretário do Tesouro dos EUA); LEWIS, Michael; *A Jogada do Século*, Editora Best Seller; MADRICK, Jeff, *The Age of Greed*, Borzoi Book; Cassidy, J., “The Minsky Moment”, in *The New Yorker*, Fevereiro de 2008; WRAY, Randall, *Financial Markets Meltdown: What Can We Learn from Minsky?*, disponível em <<http://www.levyinstitute.org/publications/financial-markets-meltdown-what-can-we-learn-from-minsky>>, entre outros.

37 Em 2013, o número de milionários nos EUA superou 9 milhões (acréscimo de 7%) e bateu recorde nacional desde 1997, segundo estudo do Spectrem Group. O número de famílias com 5 milhões de dólares de patrimônio ou mais superou o pico do período logo anterior à crise de 2008, crescendo de 100 mil para 1,2 milhão de famílias. Já as famílias com 24 milhões de dólares ou mais saltaram de 15 mil para 132 mil.

das do mundo e têm crescido bastante nas últimas décadas.

A queda da qualidade de vida nos EUA, desde então, não foi estancada. Em 2016, a expectativa de vida nos Estados Unidos caiu pela primeira vez em mais de duas décadas. Dados do Centro Nacional de Estatísticas de Saúde mostraram uma queda entre 2014 e 2015, de 76,5 anos para 76,3 anos entre os homens, e de 81,3 para 81,2 anos entre as mulheres. Dentre as causas, figuram o aumento de mortes causadas especialmente por doenças do coração, demência e acidentes envolvendo crianças. A última vez que houve uma queda na expectativa de vida no país foi no auge da crise de HIV, em 1993.

Um segundo elemento a destacar, relevante para compreendermos o quanto a candidatura de Sanders foi inusitada, é a cultura política norte-americana, absolutamente peculiar para os padrões ocidentais. A cultura política dos EUA se subdivide a partir de dois extremos: os "libertários" e os "liberais". Liberal como progressista e tolerante em relação às diferenças de comportamento e origem social; libertário como corrente de pensamento que rejeita governos e Estado e prega a liberdade individual que garantiria o uso de armas ou a pena de morte.

Em seu livro "América Profunda"<sup>38</sup> às páginas 114 e 115, o jornalista Rodrigo Alvarez sugere que "mesmo ao dizer que os republicanos (...) são muito parecidos com os libertários, a favor de um gover-

no reduzido e o máximo de liberdades individuais, [os republicanos acabam] ressaltando o lado mais religioso do partido". Alvarez ilustra, em contrapartida, o ideário liberal a partir da definição de um democrata solitário que entrevista à beira de uma rodovia norte-americana (página 116): "alguém que não é cristão, que pensa por si próprio e questiona o que está acontecendo com o país; são pessoas que estão conscientes dos problemas com o meio ambiente e que não estão satisfeitas com essa guerra em que estamos metidos".

Os libertários poderiam ser sintetizados como aqueles que pregam o hiperindividualismo, negando qualquer estrutura externa que possa impedir a intenção pessoal ou a defesa do que considera seu patrimônio, numa reinvenção especial do patrimonialismo.

Algo que dialoga, por fios cruzados, com o ideário do "excepcionalismo norte-americano", ou o valor nacional à liberdade pessoal e individual, base do "sonho americano". O excepcionalismo possui uma lógica religiosa, apoiada no "Manifest Destiny", ou seja, a escolha dos EUA como povo eleito por Deus para civilizar esta porção da Terra. Embora derive para a justificativa ao expansionismo americano sobre o mundo e toda América, o excepcionalismo alimentou a autonomia absoluta dos cidadãos do país, refutando qualquer interferência estrangeira no processo de colonização do seu território. Seymour Martin Lipset denominou este carma dos EUA como "a

38 ALVAREZ, Rodrigo. No país de Obama. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

primeira nova nação", tendo o individualismo como uma das suas bases fundamentais<sup>39</sup>.

Este hiperindividualismo se espalhou em outras práticas sociais dos EUA. Este é o caso do ideário sindical daquele país. Num livro instigante, Lipset<sup>40</sup> sugere que a dinâmica social nacional introduziu as marcas do individualismo, pragmatismo (como busca da felicidade individual) e o antiestatismo no mundo sindical norte-americano. Com efeito, os partidos de trabalhadores norte-americanos, desde o século XX, apoiaram-se numa agenda que reivindicava mais o igualitarismo fundado num sistema universal de educação de massas que no conflito por interesses de classe. Não se tratava de igualitarismo em função da renda, mas da "garantia de barganha competitiva dentro do capitalismo". Na virada do século XIX para o XX, as organizações sindicais mais combativas eram anarquistas – portanto, antiestatistas – e se apoiavam em forte preservação do indivíduo e total estranhamento em relação às instituições públicas. Lideranças sociais também desconfiavam do ideário da esquerda europeu, cultura que se impôs sobre a identidade dos trabalhadores.

Este ideário dos mais peculiares para o movimento sindical ocidental teria se agravado ao longo dos anos e provocou a queda da potência política trabalhista, na virada do século XX para XXI, segundo vários analistas. O *Bureau of Labor Statistics* revelou que a taxa de sindicalização (público e privado) nos EUA em 2012 sofreu declínio de 400 mil membros apesar de a força de trabalho empregada aumentar em 2 milhões e 400 mil. Com isso, a taxa de sindicalização do país chegou ao índice de 11,3%, nível mais baixo em 97 anos.

Em virtude desta característica cultural e da própria ação repressiva do Estado no período da Guerra Fria (antecedida pelo *Red Scare*, a fase radicalmente anticomunista dos EUA iniciada logo após o advento da revolução russa), os sindicatos norte-americanos sempre foram mais frágeis que a de outros países fortemente industrializados. A partir dos anos 1950, a base de trabalhadores sindicalizados foi estreitando até chegar a 14% da população economicamente ativa. No final da década de 1980, enquanto a média de sindicalização mundial gravitava ao redor de 28%, a dos EUA atingia 18% (a média europeia era de 38%). Mesmo assim, as lideranças sindicais norte-americanas tenderam a reprovar a intervenção estatal. A principal organização sindi-

39 Esta identidade excepcional que define um destino divino aos EUA está presente em muitas áreas de produção acadêmica e orienta políticas educacionais norte-americanas. Esta é a referência de Noah Webster, considerado o fundador da escolarização norte-americana, cujos "dicionários azuis" reforçaram a grafia nacionalista em detrimento à grafia de origem inglesa. Seu radical nacionalismo se amalgamava com a defesa do cristianismo como base da formação cidadã. Para ele, a Bíblia deveria ser "uma das primeiras coisas nas quais as crianças, sob um governo livre, devem ser instruídas".

40 Ver LIPSET, Seymour Martin & MARKS, Gary. Por que não vingou? História do socialismo nos Estados Unidos. Brasília, Instituto Teotônio Vilela, 2000.

cal que assumia uma postura ideológica mais radical, a *Industrial Workers of the World* (IWW) adotava o ideário anarquista. Desde o século XIX, o sistema judiciário norte-americano procurou desarticular a ação sindical e condicioná-la ao que indicavam como bem comum. Durante o *New Deal* e, em especial, a partir da lei *Taft-Hartley*, foram impostas limitações à ação sindical, reforçando um movimento das instituições daquele país na contenção, ou conformação, da ação sindical à estabilidade econômica e política do país. Segundo Flávio Limonic<sup>41</sup>:

*“O Estado americano, por meio de diferentes agências, sempre e sistematicamente esteve presente no centro da vida associativa dos trabalhadores, para desarticulá-la, estimulá-la ou impor limites à sua atuação a partir do que seus agentes definiam, em diferentes momentos, como o bem comum. (...) Roosevelt sugeriu uma excelente agenda de estudos da história comparada entre New Deal e a Era Vargas. Temas não faltam: os poderes normativos da National Labor Relations Board e da Justiça do Trabalho, uma reavaliação das gramáticas pluralistas e corporativistas de representação dos interesses, o papel do Estado como provedor social, a publicização dos grupos de interesses e submissão destes aos interesses públicos conforme definidos pelo Estado, a visão dos sindicatos como agentes do bem comum, o papel das lideranças carismáticas...”*

Vale registrar a abrangência social desses valores políticos<sup>42</sup> vai muito além do mundo do trabalho. Nos anos 1960, o movimento libertário liderado por jovens (e suas organizações, como a *Students for a Democratic Society*) criticava acidamente tanto a socialdemocracia, quanto o stalinismo. O ideário libertário transitava entre o anarquismo, o pacifismo e o radicalismo democrático que, no caso, significava a garantia da liberdade individual e a limitação do controle das instituições de representação (e até das comunidades) sobre a autonomia dos indivíduos.

Há variantes desta cultura política e é neste lusco-fusco que emerge a candidatura de Sanders. Alguns autores sustentam que haveria forte dicotomia entre individualistas antiestatistas e liberais. Dicotomia que se distingue pela tolerância ao socialmente diferente e que aceita parcialmente a ação estatal para a promoção social. Mas, mesmo aqui, a ação estatal se justificaria para garantir uma situação de equidade na competição entre indivíduos e não como promoção social ou apropriação da riqueza socialmente produzida.

Uma derivação da cultura antiesstatista emergiu a partir do pragmatismo norte-americano que confluiu na lógica do sistema partidário dos EUA. A despeito da miríade de partidos políticos existentes – desde 1824 foram criados mais

41 Ver LIMONIC, Flávio. Os inventores do New Deal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

42 Reproduzo, nesta passagem, excertos da análise que publiquei no meu livro “Lulismo: da Era dos Movimentos Sociais à Ascensão da Classe Média Brasileira” (Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013, 2ª Edição), em especial, páginas 203 a 206.

de 1.100 partidos nos EUA, sendo 28 autodefinidos como socialistas -, desde a Guerra Civil, apenas nove candidatos à Presidência obtiveram mais de 5% dos votos. Partidos não programáticos e o forte federalismo, além do processo seletivo de candidatos a partir de eleições primárias e da crença no papel das elites – e não das massas – na condução das políticas públicas diminuíram a participação do cidadão no processo decisório, permanecendo fragmentada toda pressão popular por interesses específicos, além de orientada para um sistema de alerta ou contrapeso ao poder central. O sistema eleitoral de maioria simples prejudicou os pequenos partidos que pulverizam seus votos ao longo de muitos distritos eleitorais.

O hiperindividualismo se espalhou e redefiniu uma série de movimentos sociais e a própria estrutura recente do sindicalismo norte-americano.

Em relação aos movimentos sociais, destaca-se o egocentrismo de caráter liberal, comunitarista (não societal) da cultura identitária, tão bem retratada como retrocesso no livro de Asad Haider<sup>43</sup>. Em seu livro, Haider compara o caráter classista da luta antirracista norte-americana que teve nos Panteras Negras e, em especial, o coletivo feminista, socialista e lésbico Combahee River, com o feminismo antipornografia de Catherine MacKinnon, onde a pretensa luta por direitos se transforma numa mera reação a uma lesão infligida a uma vítima.

A fragmentação social afetou, ainda, a organização sindical. No setor privado, o índice de sindicalização caiu para 7%. A reação à “uberização” dos trabalhadores gerou o surgimento do SEIU (*Service Employees International Union*), o sindicato dos empregados em serviço. Este sindicato de novo tipo vem conquistando vitórias em negociações fragmentadas, envolvendo faxineiros e funcionárias de creche, muitos desses trabalhadores imigrantes que nem falam inglês com fluência. Também surgem nos EUA grandes seções sindicais locais ou até associações envolvendo trabalhadores por etnia, articulando por local de moradia grupos comunitários e de imigrantes.

Ora, como é perceptível, Sanders foi, desde o início, um *outsider* da política norte-americana, embora tenha transitado sobre certo tipo de discurso *liberal*, além do forte apelo aos segmentos sociais mais fragilizados com a profunda crise econômica dos EUA, o que envolve *chicanos* e população negra.

Recordemos, contudo, que estamos tratando de um sistema político eleitoral fundado na escolha indireta do Presidente da República, num sistema federativo de contrapesos e independência relativa, mas também de crença na formação de uma elite política.

Sanders, assim, aparece como uma possível alternativa em meio ao colapso do sistema de representação liberal, paralisado pela crise econômica e social que afeta os EUA. Alternativa que ga-

43 HAIDER, Asad. Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

nha cada vez mais musculatura na medida em que o governo Trump se desgasta com setores sociais mais progressistas do seu país (desgaste ainda mais visível com o processo de impeachment instalado pelos deputados norte-americanos).

Para se ter uma noção de como Sanders catalisa a insatisfação em seu país, envolvendo principalmente a juventude, vale destacar brevemente o resultado de algumas pesquisas recentes.

Pesquisa da Pew Research Center aponta que a parcela de progressistas está crescendo nos EUA: em 2016, 21% dos americanos se identificaram como democratas e progressistas, o número mais alto desde 2000. Naquela época, apenas 12% do público se descrevia como democrata e progressista. Na pesquisa de 2016, pessoas até 34 anos foram as mais propensas a se identificarem como progressistas: 55% deste recorte se identificou como democrata e 27% como democratas progressistas.

O fenômeno impulsiona os socialistas norte-americanos. O destempero de Trump e a projeção de Bernie Sanders são referências para a juventude daquele país. Outro nome em ascensão é o de Alexandria Ocasio-Cortez, principal nome dos Socialistas Democratas dos Estados Unidos.

A ADS (Socialistas Democráticos da América) triplicou o número de filiados de 2018 para 2019. Não se trata de um partido, mas de uma organização. Noam Chomsky é um de seus associa-

dos. Em 2017, conquistaram 15 mandatos estaduais e municipais.

Uma pesquisa do instituto Gallup divulgada em agosto de 2018 indicou que, em média, 37% dos americanos têm uma imagem favorável do socialismo. Na faixa etária entre 18 e 29 anos, o apoio ao socialismo atinge 51%.

Há características pessoais a serem acrescentadas a este diagnóstico, como a rejeição a fazer ataques pessoais aos seus adversários, ressaltada neste livro, fugindo das arapucas armadas pela grande imprensa norte-americana e da fulanização do embate político norte-americano, algo também inusitado naquele país, e que desorientou a tão cristalizada estratégia de marketing do *establishment* político.

Também contou, como relata este livro, a origem, ter crescido no Brooklyn e vivenciar “sua família constantemente brigar por conta de dinheiro”. A empatia, numa situação de crise social, é bússola para os desvalidos encontrarem o destino de seu voto. Aliás, algo que Nixon soube explorar, a empatia, e que foi retratado no estudo profético de Richard Sennett, “O Declínio do Homem Público”. A empatia se torna ainda mais potente quando o personagem em tela foi membro do Congresso de Igualdade Racial, do Comitê de Coordenação Não-Violenta dos Estudantes, da União Estudantil pela Paz e da Liga Jovem Socialista nos emblemáticos anos 1960. E foi preso por isso.

Houve, ainda, sabedoria tática ou do que se denomina de “posicionamen-

to” no marketing político (saber se distinguir do adversário) quando criticou as intervenções militares dos Estados Unidos, ou a promiscuidade da política nacional com os interesses de grandes corporações empresariais ou ainda quando escancarou a concentração de renda em meio à forte crise social por que passa seu país. O interessante é que esta pauta não parecia sair da boca de Sanders como demagogia ou como tema estranho, sacado no calor da campanha, ou mesmo como uma ameaça para desqualificar os “barões da política” como atalho para se juntar ao andar de cima.

Enfim, a candidatura Sanders é fruto deste emaranhado de confluências de biografias, de crises profundas do sistema norte-americano, da ascensão de políticos *outsiders* em todo mundo e, principalmente, da empatia que só se configura quando todos esses fatores formam uma única imagem no subconsciente do eleitor.

Sanders, neste caso, não parece ter saído derrotado politicamente do pleito à Presidência na eleição que elegeu Trump. Antes, foi um sinal político dos tempos. É importante ter nítido que, em 1992, os EUA também tiveram um “candidato outsider” que colocou ponto de interrogação no equilíbrio do sistema binário de representação daquele país: foi, naquela oportunidade, Ross Perot, candidato independente. Contudo, tratava-se de um empresário do Texas que chegou a obter quase 19% dos votos. Naquele momento, a economia americana mergulhava numa recessão e Bush

dava mais atenção à política externa que à situação econômica interna. A diferença entre Perot e Sanders, contudo, é profunda: um empresário conservador, cujo centro do seu programa era o “equilíbrio orçamentário” e, de outro lado, um político que teve sua história fincada na luta pelos direitos civis e sociais, cuja base de sua proposta de campanha era o combate à desigualdade social.

Nada mais nítido da mudança dos tempos nos EUA.

O que faz deste livro um cenário para se entender um tempo difícil e conturbado desta quadra da aventura humana.

## 35. O DESLOCAMENTO DOS BOLSONARISTAS PARA MORO

Comento a pesquisa em profundidade realizada em 2019 pela Esther Solano com 24 eleitores bolsonaristas das classes C e D e que revelou uma crescente rejeição com o presidente que elegeram. Esses entrevistados apontaram Sergio Moro como a pessoa capaz de dar ordem à crise política que esperavam que seria alcançada com a eleição de Bolsonaro.

O perfil deste eleitor é antiesquerdisto, antissistema, antipartidário e anti-intelectual. Foram feitas algumas rodadas de entrevistas: início de 2018, entre fevereiro e março, e em setembro último.

Na última rodada, Moro foi mencionado como o líder capaz de dar jeito no país.

A opinião dos bolsonaristas é antissistêmica. Uma ilustração vem desta passagem da fala de um dos entrevistados: “São todos iguais. PT, PSDB. Poder é poder. Não querem saber da gente. É tudo corrupto, tudo... Eu não voto por esquerda nem direita, voto na pessoa.”

O mesmo entrevistado cita os motivos para votar em Bolsonaro (antes da decepção do final do ano passado): “Ah, eu acho que Bolsonaro é diferente e pode mudar tudo isso. A gente acredita nele. A gente tem fé nele, que ele vai melhorar.”

E é por aí que surge a Lava Jato como cruzada moralista. Todos a percebem como a primeira grande operação de combate à corrupção que realmente conseguiu punir os criminosos. Não raro, aparece como uma ação messiânica. Moro, então, se apresenta aos olhos dos entrevistados como “salvador”. Mais que isso, como “um enviado capaz de limpar o Brasil”.

Uma segunda característica marcante dos entrevistados bolsonaristas é o tradicionalismo patriarcal. Odeiam as pautas identitárias, dos movimentos feministas, LGBT e negro. Sentem saudades da época em que não se questionava o ideário masculino da família tradicional patriarcal. Ver pessoas do mesmo sexo se beijando na rua gera repugnância. Seu grau de percepção sobre direito é quase nulo. Questionam o motivo para não existir Lei Maria da Penha para o ho-

mem. Sugerem que se trata de uma lei que não promove igualdade de direitos, mas distinção.

E, finalmente, a articulação da defesa da família com a religião. Como um deles disse à pesquisadora: “voto no Bolsonaro porque ele defende a família, ele é do lado religioso. O PT queria fazer o kit gay, ia liberar os presos, e também isso das crianças escolherem na certidão se querem ser meninos ou meninas. Ia acabar com a família. Uma bagunça. Teve até aquela coisa de Bíblia gay”.

Mas, aí veio a “bagunça”, como alguns entrevistados qualificam o primeiro ano do governo Bolsonaro. O presidente se revelou muito polêmico – o que parece contradizer com a noção de ordem dos eleitores ultraconservadores – e violento – novamente, a ofensa à ordem, à paz social. Moro, por aí, reforça seu perfil de “salvador” e “enviado por Deus”.

Analisemos friamente.

De um lado, é evidente o pendor anti-esquerda (ou anti-petista, que se confunde no discurso desses eleitores) dos entrevistados. Disso, não há dúvida. Quanto representariam do total do eleitorado brasileiro? Os dados levantados pelo Datafolha e Vox Populi sugerem algo ao redor de 30%, o mesmo percentual de apoiadores do PT. Se equivalem e é por este motivo que disputaram o segundo turno em 2018. A força dos dois permanece estacionada neste patamar.

Então, não há o que surpreender no deslocamento de Bolsonaro para

Moro. Barrington Moore Jr. escreveu um interessante estudo ("Injustiça: As Bases Sociais da Obediência e da Revolta"<sup>44</sup>) onde desenvolve a tese de que rebeliões e revoluções são desencadeadas pelo sentimento de ruptura do código moral que estabelecia as relações até mesmo entre dominados e dominadores. Trata-se de um código moral que confere segurança e esperança. Rompido, o sentimento de injustiça e de injustiçado aflora, se expande, explode em ondas de revolta. Foi assim na revolução francesa, mas, também, sugere Moore, nas revoluções alemã (1848) e russa. A revolta e o sentimento de injustiça esteve presente na ascensão do nazismo.

Moore procura dialogar com polos aparentemente opostos: a indignação e a submissão moral. Analisa os ascetas, que vivem no sofrimento e que sentem orgulho de sua condição (como os intocáveis hindus); a Síndrome de Estocolmo, que chega a motivar o ressentimento por prisioneiros a outros em igual condição que tentam resistir à autoridade de seus algozes. Situações em que o sentimento de injustiça é sufocado.

Acontece que em nossa sociedade contemporânea, de alta exigência de desempenho pessoal, a autoestima deve ser constantemente renovada. E o grupo governante deve garantir esta renovação, esta crença no futuro e na própria existência. O sofrimento, neste caso, passa a ser compreendida como passageira, como um salvo-conduto para um

futuro promissor. É neste sentido que os dois polos se aproximam: só vale o sofrimento se projeta uma vida melhor. O que significa uma recusa peculiar da opressão.

Mas, há um outro dado importante neste deslocamento: a frustração com Bolsonaro. Esta é uma novidade da maior relevância. Houve um degelo em relação à projeção que os eleitores de Bolsonaro fizeram. Desmanchou uma convicção que se apresentava como uma pedra. Moro, então, aparece não como sucessor, mas como aquele que renova as promessas. Mas, e depois de Moro, caso ele fracasse?

O que gostaria de sugerir é que esta primeira trincheira foi quebrada. Talvez, a mais importante delas: a convicção quase religiosa. Como se fosse a primeira batalha perdida numa Cruzada Santa. Perdida pelo líder dos templários.

Bolsonaro não é Moro. Bolsonaro tem um perfil mais próximo do brasileiro mediano: afirma sua ignorância quase diariamente (como em relação aos temas da economia), é desajeitado, exagera, não segue protocolos e despreza a liturgia do cargo que ocupa. Aprecia postar vídeos e mensagens escatológicas. Parece um bicão na festa que seria improvável que fosse convidado. Quantos humilhados diariamente não sentem a desforra em ver Bolsonaro distribuindo impropérios e desaforos?

44 MOORE JR., Barrington. Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Pois bem, Moro não tem este perfil. Está mais para um bom-moço de classe média. Não há como negar: há um distanciamento nítido em relação ao brasileiro médio. E não possui nem de longe a estrutura política montada pelos Bolsonaro desde 2014.

Este deslocamento enfraquece o bolsonarismo, mas ainda não cria um “morismo” ou algo que o valha. Moro terá que comer muito feijão para deixar de ser promessa e se tornar realidade.

O deslocamento dos bolsonaristas é uma primeira derrota da extrema-direita histórica. Uma primeira decepção consistente. Uma defecção. Um racha. Um enfraquecimento que as forças democráticas deveriam estar preparadas para explorar.

## 36. O XADREZ DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020

Estamos em ano eleitoral. E já comecem os debates partidários sobre focos e prioridades. Partidos ideológicos costumam centrar seus esforços nos grandes centros urbanos. Os mais clientelistas, nos grotões. São apostas que definem um ranking de importância política

Mas, qual é, afinal, o desenho dos municípios brasileiros e qual a relação entre realidade e este ranking político? O Brasil possui 5.570 municípios. Desses, 4.717 (84,6% do total) possuem menos

de 40 mil habitantes. Tempos atrás, o economista José Eli da Veiga (USP e ex-presidente da Fundação SEADE) chegou a propor um novo cálculo sobre a população rural brasileira. Segundo o PNAD 2015, 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Mas, nos cálculos de José Eli, o percentual é bem maior.

Nas palavras de José Eli:

"Quem procurar conhecer os critérios de classificação territorial utilizados nas duas dezenas de nações mais democráticas e mais desenvolvidas do planeta, facilmente perceberá que menos de 60% da população brasileira pode ser considerada urbana. Enquanto isso, a participação dos habitantes de municípios essencialmente rurais caiu de 32,5% para 30,4%, e a dos relativamente rurais manteve-se praticamente estável, muito próxima de 13%. O mais interessante, todavia, é que em um quarto dos municípios essencialmente rurais houve crescimento populacional bem superior ao dos urbanos. Nos 1109 municípios mais atraentes do Brasil rural, a população aumentou mais de 30%, enquanto ela crescia 20% no Brasil urbano, e 15% no conjunto do país."

Recentemente, o governo Bolsonaro sugeriu extinguir os municípios com menos de 5 mil habitantes ou 22% do total de municípios. O principal argumento é que 73% dos municípios brasileiros tem gestão fiscal difícil ou crítica, vários sem condições de financiar seu parlamento local. Se o argumento central do governo é este, então melhor ex-

tinguir 70% das nossas cidades. Este é o percentual de municípios brasileiros que dependem de recursos externos, para além do que arrecadam. 50% dos municípios brasileiros dependem dos repasses do FPM (Fundo de Participação dos Municípios), segundo a Confederação Nacional dos Municípios. Mas a situação não é tão confortável para os que possuem recursos ou os grandes municípios. Em 2019, a cidade de São Paulo ultrapassou o teto de endividamento público e obrigou o prefeito Bruno Covas a procurar alterar, no Senado, a regra imposta pela Procuradoria Geral da Fazenda Nacional.

Há estudos que indicam gastos sem prioridades em diversas cidades litorâneas que recebem royalties da extração do petróleo. Royalties do petróleo criaram ilhas de riqueza em 17 cidades, segundo o jornal Valor Econômico.

Mas, voltemos ao ranking político e as prioridades eleitorais dos partidos neste 2020. Lembremos que Haddad venceu na maioria dos municípios brasileiros, na eleição de 2018. Venceu em 2.810 municípios e Jair Bolsonaro em 2.760. Isso significa que o PT entrou e convenceu a população dos grotões, algo que, até os anos 2000, somente os partidos conservadores conseguiam. Aliás, os governadores do PT estão no Nordeste. O que alimenta a leitura política sobre as prioridades eleitorais municipais. Em 2018, Bolsonaro teve 3,6 milhões de votos na cidade de São Paulo, e Haddad computou 2,4 milhões de votos. O petista venceu em todos os estados do

Nordeste e Bolsonaro ganhou em toda a região Sul e também no Sudeste e no Centro-Oeste.

Assim, se o foco for 2022, o Sudeste passa a ter tanta importância quanto nordeste. E, sudeste, no caso, significa municípios com mais de 100 mil habitantes. Já para o PT, precisa manter sua hegemonia no Nordeste, mas avançar no Sudeste (ou recuperar o que já teve).

As eleições municipais, portanto, se apresentam como este jogo de xadrez cujo tabuleiro é fugidio. Tirarão o sono de candidatos, militantes e estrategistas. Mas farão a festa de cabos eleitorais e marqueteiros.

## 37. O DESLOCAMENTO IDEOLÓGICO DO PETISMO

Quero iniciar sugerindo que tenhamos serenidade quando analisamos ou participamos do jogo político. Como qualquer jogo, há momentos de avanço e há momentos de recuo, mas, o que conta é a estratégia. Faço esta sugestão porque o campo progressista continua histórico. Já socializei aqui minha tese: os lulistas, em especial, sofrem de estresse pós-traumático. Depois do impeachment de Dilma Rousseff, da prisão do Lula e eleição de Bolsonaro, perderam a noção de perspectiva e qualquer solavanco interpretam como sendo uma avalanche.

Mas, vamos à análise. Temos um conjunto de pesquisas que indicam uma melhora na avaliação do governo Bolsonaro. Mais: ele se tornou o principal cabo eleitoral das eleições em várias capitais do país. Lula continua em destaque, mas, agora, como segundo influenciador. As pesquisas indicam que o principal fator de melhoria da avaliação são os 600 reais emergenciais. Vale a pena comparar como esta ajuda emergencial assume um perfil de abrangência muito similar ao peso do Bolsa Família. Vamos aos dados.

O Programa Bolsa Família (somado ao fomento promovido pelo BNDES) teve o condão de alterar a lógica social do Nordeste durante os governos Lula. Ainda hoje, 50% dos maranhenses recebem este recurso; 48% no Piauí e 47% em Alagoas. Já a ajuda emergencial de 600 reais envolve 39% da população da Bahia. Estudo feito pelos economistas Écio Costa (UFPE) e Marcelo Freire (Secretaria de Desenvolvimento de Pernambuco) indica que as cinco parcelas do programa de renda básica equivalem a 6,3% do PIB do Nordeste. O estudo sustenta que no Brasil o recurso emergencial equivale a 2,5% do PIB nacional (sendo 6,3% do PIB nordestino).

Para onde está indo este recurso? Para a construção civil. Se vai para a construção civil, significa que está aquecendo o mercado local. Além de material de construção, compras de celulares em segunda mão também estão registrando alta nas localidades com maior número de beneficiários. O caminho do Bolsa

Família se repete. Ora, não há como ser diferente no país que é a oitava economia mundial e o sétimo em desigualdade social do Planeta. Temos, aqui, que destacar o papel pedagógico da democracia. Bolsonaro teve que se curvar à realidade. Se antes, o mote de Jair era o ataque virulento e extremado ao Estado e à agenda de Bem-Estar Social, agora, cede porque percebeu que sem a agenda social estava afundando.

Contudo, Patrícia Valim (UFBA) sugere outro dado: os Estados nordestinos que menos enfrentam o bolsonarismo teriam registrado uma melhoria na avaliação de Bolsonaro muito superior à média nacional. No caso, Valim está citando Bahia e Ceará. A tese é boa. Precisaremos de mais pesquisas para confirmar a tese de Valim, mas, de fato, os dois governos estão implantando a militarização da educação. Bahia enfrentou recentemente uma greve de professores universitários estaduais muito desgastante.

O governo do Ceará enviou proposta à sua Assembleia Legislativa congelando os gastos primários à luz da Emenda 95, amplamente rejeitada pela esquerda brasileira. Outros governos nordestinos adotaram, aqui ou ali, políticas liberais ou conservadoras, mas foram nos Estados onde a ausência de enfrentamento do bolsonarismo gerou uma avenida para a extrema-direita se firmar. É por aí que candidatos militares são lançados nas capitais.

Há, ainda, rondando na esquerda tupiniquim uma outra leitura: esta-

ria ocorrendo uma troca de pele do PT. Primeiro: estaria deslocando seu poder de fogo do centro-sul do país para o nordeste. Segundo: seus governos estariam adotando uma agenda mais conservadora. Lentamente, o PT vai cedendo espaço - por força de seu pragmatismo eleitoral - à esquerda. Esta hipótese explicaria o crescimento significativo do PSOL em hostes até então petistas. Nas capitais do sudeste, os candidatos petistas amargam a lanterna em intenção de voto.

A desorientação petista não se deve ao estresse pós-traumático. Vem de antes. Vem do pragmatismo e foco eleitoral que emergiu na metade dos anos 1990. A partir daí, ganhar a qualquer custo virou máxima na direção partidária. Chegou um momento, que passou a se conformar. Passou a se conformar ao ideário popular. Ocorre que há estudos que indicam que num país com elite hiperconservadora e meios de comunicação embebidos no mesmo caldo ideológico, se os progressistas não disputam valores, acabam perdendo espaço político.

Em Minas Gerais, ocorreu exatamente isto com o governo Fernando Pimentel. Primeiro, atacou as bases do "modo petista de governar" adotado por Patrus Ananias. Depois, no governo estadual, não adotou uma agenda que se diferenciava dos governos anteriores. Pimentel cometeu um erro mais grosseiro: apostou que a gestão Dilma Rousseff aportaria recursos para seu governo decolar. Com o impeachment, comprovou que não tinha Plano B. Em meio ao ano

da sua reeleição, passou a atrasar repasses às prefeituras e pagamento do funcionalismo.

Temos, então, um partido que foi desaprendendo a ser oposição de esquerda. Passou a ser pragmático e ceder ao que a maioria pensa, sem enfrentamentos. E pensar que os petistas citavam Gramsci que sugeria que era possível ser poder sem ser governo. Acabaram invertendo.

## 38. PT ENVELHECEU

PT vive um paradoxo: tem, hoje, as piores direções de sua história, mas se mantém como principal partido do sistema político nacional. Para mim, um paradoxo que nasce do que denomino de neopetismo ou a geração que emerge à direção do PT (e de novos filiados) no pós-2002, ou seja, com o advento do lulismo. Gente que não vivenciou o período de adversidades e ataques da construção de um partido que se definiu socialista.

Em relação aos dirigentes neopetistas, seu perfil passou a ser pragmático, marcado pela lógica rebaixada do marketing (que não se propõe a disputar, mas meramente absorver o ideário popular, mesmo que contrário à linha partidária) e "parlamentarizada".

Por "parlamentarizada" me refiro à uma direção composta por quase exclusivamente deputados, em especial,

federais. A prática parlamentar, como sabemos, é afeita a arroubos retóricos e práticas dóceis. Esta é a marca das direções petistas atuais.

Uma ilustração deste novo perfil de dirigente petista é a dos “gestores públicos”, com nítido perfil gerencialista, pouco afeto ao debate ideológico, como Fernando Haddad e Fernando Pimentel. Também envolve dirigentes protocolares, sem capacidade para qualificar o debate nacional ou aprofundar reflexões junto à militância, caso de Gleisi Hoffmann. A diferença com o perfil de dirigentes históricos como José Dirceu ou Genoíno, ou governantes petistas como Erundina é desconcertante.

O fato é que filiados e direções pós-2002 criaram uma lógica de retroalimentação: baixa exigência estratégica, foco no campo institucional, prioridade na consolidação da hegemonia no sistema partidário, criação de clima político de acomodação e baixo conflito, reforço das cúpulas.

PT passou a declinar da identidade socialista. Da tradição de partido de massas, passou por uma transição para a noção de partido de quadros que, na medida em que se tornava um partido palatável, acabou se inclinando para ser um “partido de notáveis”.

O personalismo e certo mandonismo forçaram o declínio dos mecanismos de participação das instâncias de base no processo de tomada de decisão partidária.

O encaixe pareceu perfeito porque liberou as direções para acordos de cúpula. As famosas análises de conjuntura que eram realizadas em diretórios municipais com participação frequente de dirigentes nacionais do PT, sumiram do mapa. Nem sombra da época em que os diretórios zonais e os núcleos profissionais tinham peso. Lembro do núcleo de historiadores petistas que lançou uma importante coletânea de discursos de Lula.

Toda esta trajetória de mudança de perfil, ideário e organização acelerou na segunda metade dos anos 1990. As campanhas nacionais de 1994 e 1998 mudaram completamente a ordem das coisas no interior do PT: cúpula e marketing desconstruíram as decisões coletivas.

Ao se acomodar ao pensamento médio brasileiro - sem qualquer intenção de questioná-lo ou mesmo assumir um papel pedagógico da ação política - o PT ganhou em musculatura eleitoral, mas perdeu em termos de vigor criativo e empolgação.

A base passou a ser menos exigente e mais idólatra. De sujeito da construção do PT, passou a ser objeto das manipulações marqueteiras.

Criou-se um encaixe entre cúpulas centralizadoras e de baixa capacidade de direção política e base pouco politizada e de alta passividade militante. Tudo favoreceu a entrada de propostas programáticas de tipo social-liberal (preocupação com políticas sociais e mercado).

PT se tornou, de fato, o fiel do sistema partidário brasileiro. Explico: com alta desigualdade, o maior partido político brasileiro (escolhido como de sua preferência por 25% dos eleitores) se tornou um canal das demandas sociais organizadas.

O passado do PT e suas relações atávicas com pastorais sociais, intelectuais de esquerda, movimentos sociais nacionais, movimento sindical e ONGs progressistas criou o perfil institucional que dialoga com desvalidos.

Uma das características desta mudança profunda no perfil das direções petistas é a acelerada transição para o que a literatura especializada denomina de "partido cartel". Trata-se de partido que independe do eleitor ou da base social, vivendo dos recursos públicos. Em outras palavras, o partido cartel profissionaliza seus quadros a partir de cargos comissionados; alimenta seus prefeitos com emendas parlamentares ou conquista de convênios com o Estado; faz campanha com fundos eleitorais... enfim, a relação com a base social é efêmera.

Como já afirmei, a base petista (ou neopetista) que se forjou nos anos de gestão lulista se acomodou e até mesmo alimentou esta transformação do PT num partido tradicional. Com baixa formação política e acostumada com vitórias e o poder, passou a refutar todas críticas. Ao ouvirem a trajetória de mudança organizativa e de mecanismos internos de tomada de decisão no PT, os

neopetistas acusam de saudosismo. O que levaria, assim, à extinção de todo estudo histórico. Outro argumento raso é que se não tivessem mudado, não venceriam eleições.

O problema é que as derrotas eleitorais, para os neopetistas, não são fruto de erro de direção e escolhas partidárias, mas resultado de uma campanha de destruição da imagem do partido. A lógica circular vem empacando o PT: nada muda, nada deve mudar, se alguém tem que mudar é o mundo.

Durkheim já havia nos ensinado como a solidariedade mecânica (de natureza grupal) é autorreferente. Fechada em relações afetivas e defensivas, qualquer crítica ao grupo ou membro do grupo cria um fechamento ainda maior dos seus membros. A bolha, enfim, é seu habitat.

Mas, mesmo assim, o PT se mantém como partido-líder ou partido-âncora do sistema partidário. Vejamos: Datafolha de 2017 indicava o PT como o de preferência de 21% dos eleitores. No ano passado, pesquisa do Atlas Política indicava se manter nesta posição (com 15%). Tendo 21% ou 15% da preferência dos eleitores brasileiros, o fato é que o segundo partido da preferência aparece com 5%. Mais: o PT é o único partido que, desde 1989, chegou no segundo turno (quando ocorreu) de todas as eleições para Presidente da República.

Ainda mais: com Haddad - um candidato sem força eleitoral até mesmo na cidade em que foi prefeito - o PT venceu

na maioria dos municípios brasileiros em 2018. Demonstrou, portanto, capilaridade e interiorização. Uma potência eleitoral consolidada.

Assim, PT é o partido mais consolidado e enraizado do sistema partidário brasileiro. Sistema, é verdade, que vem demonstrando fortes rachaduras, com cada vez menor impacto junto ao eleitorado. Então, o que estaria acontecendo? Minha hipótese é: PT se acomodou.

Como um camaleão, de partido rebelde se tornou um partido da Ordem. O passado lhe confere um perfil aguerrido; os governos lulistas criaram a imagem de partido com preocupação social; mas, na sua definição estratégica, não é mais um partido da mudança social ou política.

Acomodado, criou regras e controles internos que impedem a renovação de quadros e limitam drasticamente a disputa no seu interior. Daí ter se tornado mais um partido de "cabeça branca".

Assim, PT se tornou a expressão viva do sistema partidário brasileiro. Um partido potente porque acomodado ao ideário conservador e pragmático de uma base eleitoral desconfiada e pouco exigente (que deseja sobreviver e se inserir numa sociedade profundamente desigual).

Um alto dirigente petista me disse recentemente que percebe que PT tem garantido entre 20% e 30% dos votos nacionais. Tem força eleitoral, mas não

gera mais paixões. Não é mais o partido da mudança. Esta é a minha tese.

## 39. A TRANSIÇÃO INACABADA DE 2015

Há quem sugira que entramos em parafuso com a crise de 2008. Há quem sugira que tudo começou em 2013. Eu proponho que nossa transição para lugar nenhum começou em 2015. Toda periodização elege um critério. O meu é a ascensão e queda da extrema-direita no nosso país. Com efeito, a crise econômica de 2008 (subprime nos EUA) provocou um abalo nas estruturas da ordem social da Europa e provocou uma explosão migratória que teve ápice em... 2015, minha data de referência de quando entramos no túnel do tempo defeituoso.

Em 2014, a direita ultranacionalista já atingia entre 25% e 30% dos votos no Reino Unido, na França e na Dinamarca. Contudo, em 2017, Marie Le Pen se projetava nacionalmente na França; em 2017, foi a vez da Alternativa para a Alemanha; em 2018, a União Cívica Húngara.

Michael Lewy, num artigo de dezembro de 2015, analisava a ascensão do conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. O autor sugere uma subdivisão dessas forças extremistas europeias:

- a) Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista:

como o Aurora Dourada, da Grécia; o Jobbik, da Hungria; o Setor Direito, da Ucrânia; o Partido Nacional Democrata, na Alemanha.

- b) Partidos semifascistas, caso da Frente Nacional, da França; do FPÖ, da Áustria; e do Vlaams Belang, da Bélgica, cujos líderes fundadores tinham ligações estreitas com o fascismo histórico e com as forças que colaboraram com o Terceiro Reich
- c) Partidos de extrema-direita que não possuem origens fascistas, mas compartilham do seu racismo, xenofobia, retórica anti-imigrante e islamofobia, como a italiana Lega Nord, o suíço UDC (União Democrática do Centro), o britânico Ukip (Partido de Independência do Reino Unido)

No Brasil, o Instituto Vox Populi identificou o ápice do discurso fascista e pró-regime militar em dezembro de 2015. Este foi o momento em que o discurso histórico de extrema-direita teve maior repercussão na formação da opinião pública. A partir daí, declinou lentamente.

Este período de reverberação do discurso de extrema-direita prosseguiu até o final do primeiro semestre de 2016. Que fique claro, extrema-direita é rejeitada pelo conservadorismo e não man-

tém relações com certa literatura que já surgia no Brasil desde 2012.

O pensamento conservador aceita mudanças, desde que não sejam bruscas e, por este motivo, rejeitam discursos revolucionários e reacionários (este último, caso da extrema-direita).

O importante é notar que se conservadores e ultraconservadores decidiram atacar a esquerda numa grande ofensiva desde 2015, ao longo deste ano perderam o controle e deram lugar ao discurso extremado que os colocou na mesma cesta dos corruptos e elites.

O começo do fim de Aécio Neves está vinculado a esta segunda onda que encobriu a que ele fez de tudo para gerar. Os ataques nas redes sociais eram intensos, criando o famoso efeito manada. A listagem de personalidades "comunistas" crescia, envolvendo qualquer crítico.

Até que começou uma primeira reação no segundo semestre de 2016, vinda das articulações entre centrais sindicais. As manifestações da extrema-direita começaram a demonstrar menor volume que as sindicais. Finalmente, em abril de 2017, ocorre a maior greve geral da história do Brasil. Mais de 150 cidades registraram paralisações, envolvendo adesão de 40 milhões de pessoas.

Contudo, a partir do segundo semestre de 2017, muitas lideranças sindicais acusavam o golpe da reforma trabalhista enviada pelo governo Temer ao Congresso Nacional. A reforma atin-

gia duramente as fontes de recursos financeiros de todo movimento sindical. Também se dizia, nos bastidores, que havia movimento em vários partidos de esquerda para iniciar a preparação para a eleição de 2018. O fato é que a mobilização sindical iniciada no segundo semestre de 2016, refluiu a partir do segundo semestre de 2017, logo após a greve.

Minha tese é que a vitória de Bolsonaro não foi fruto da ascensão da extrema-direita. Foi, antes, um ruído. As forças de extrema-direita estavam dispersas naquele momento, com atos isolados. Lula figurava em primeiro lugar nas pesquisas para a Presidência em agosto de 2018.

O casuísmo vergonhoso que levou à prisão e impedimento da candidatura Lula embaralhou as cartas naquele processo eleitoral. PT demorou para indicar o candidato oficial. Somente em 11 de setembro PT anunciou oficialmente que Haddad seria o novo candidato do partido.

Mesmo assim, com um candidato sem grande expressão nacional, o PT chegou ao segundo turno. Até a fatídica facada, Bolsonaro oscilava ao redor de 20% de intenção de votos. A partir deste acontecimento, chegou a 26%. Haddad aparecia com 8%.

A tese que estou defendendo procura alinhar uma interpretação que cria uma perspectiva para a falta de sustentação popular do governo Bolsonaro após

sua eleição e a sua ida, cada vez mais clara, em direção ao Centrão.

Bolsonaro se elegeu com 55% dos votos válidos. Em dezembro de 2018, o IBOPE revelava que 75% dos brasileiros tinham expectativas positivas em relação ao seu governo. Contudo, após a posse, a queda de aprovação foi despencando.

Caso a extrema-direita estivesse em ascensão, qual seria o motivo para não sustentar o governo federal que teria apoiado e por qual motivo não continuou nas ruas, procurando desestabilizar as instituições que procuravam domar Jair?

Esta é minha tese: a eleição de Bolsonaro foi um repique em meio à um momento de crise política generalizada em nosso país que envolveu até mesmo as forças de extrema-direita.

A movimentação atual de Bolsonaro em direção ao Centrão - e a tímida reação de apoiadores de 2018 -, além do silêncio ensurdecido do "gabinete do ódio" indicam a fragilidade das forças extremistas do Brasil, assim como a fragilidade da tese da ascensão dessas forças.

## 40. NORDESTE SEDIA O MELHOR JOGO DE XADREZ DO BRASIL

Vários governadores disputam, neste momento, a liderança no maior

celeiro de gestores de centro-esquerda do país. São, ao menos, três governadores em disputa na região: Flávio Dino (Maranhão, PCdoB), Rui Costa (Bahia, PT), e Camilo Santana (Ceará, PT, mas fortemente vinculado aos Ferreiro Gomes).

Todos apostam em candidaturas à prefeitura da capital do seu Estado, mas poucos estão se saindo bem, embora tenham alta aprovação de seus governos. Todos com aprovação acima de 70% pelos eleitores de seus respectivos estados.

Esta guerra surda pode dizer muito sobre o que teremos em 2021 e 2022 em termos de alianças no campo de centro-esquerda e embates com o bolsonarismo. Lembremos que esse bloco (onde participam outros governadores, como o do Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte) tem no seu calcanhar os deputados do Centrão, agora aliados de Bolsonaro. Em junho deste ano, foram eles que receberam Jair Bolsonaro quando decidiu inaugurar parte da Transposição do Rio São Francisco. Bolsonaro esteve em Salgueiro, em Pernambuco, além de Juazeiro do Norte e Penaforte, na região do Cariri, sul do Ceará. Os governadores Paulo Câmara (PSB-PE) e Camilo Santana (PT-CE) não participaram da solenidade. Na oportunidade, Capitão Wagner (Pros), Pedro Bezerra (PTB), Roberto Pessoa (PSDB), Dr. Jaziel (PL) e Domingos Neto (PSD) chegaram juntos com Bolsonaro em Penaforte. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) também estava presente, assim como os ministros Augusto Heleno (Segurança Institucional), Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), Rogério

Marinho (Desenvolvimento Regional) e Tereza Cristina (Agricultura).

A eleição nas capitais dos Estados governados por esses três expoentes da política nordestina revela seus potenciais e dificuldades a partir de 2021. Mais que isso, indica rearranjos das composições políticas em seu território.

A última pesquisa Datafolha (de 5 de novembro) realizada em Fortaleza indica empate técnico entre Capitão Wagner – que se afirma bolsonarista – e o candidato do PDT (que todos afirmam ser apoiado pelo governador Camilo Santana). Wagner em queda, com 29% de intenção de voto e Sarto, com 26%. Luizianne Lins, do PT, aparece com 18% de intenção de voto, mas já chegou a 25%. O candidato do PT/PDT era o bancário moderado Nelson Martins (PT), apoiado pelos Ferreira Gomes e pelo governador. Até Luizianne Lins parecia apoiar a candidatura de Martins. Contudo, o falecimento de seu pai o jogou numa profunda depressão que o obrigou a sair da cena política.

Em Salvador, o governador Rui Costa (que até pouco tempo liderava o Consórcio Nordeste) possui duas candidaturas declaradas: a do PT (com Major Denice) e a do Podemos (deputado federal Bacelar). Na última pesquisa IBOPE, Bruno Reis (DEM) aparece com 61% das intenções de voto, Major Denice (PT) com 13% e Bacelar com 1%. O fato é que Rui Costa não se sairá bem desta eleição na capital baiana e já se comentam mudan-

ças na sua composição de governo para o final deste ano ou início de 2021.

Em São Luís, o candidato do governador Flávio Dino amarga um quarto lugar, segundo pesquisa IBOPE. À sua frente, três candidatos do centro-direita/direita: Eduardo Braide (Podemos), com 36% de intenção de voto; Duarte Júnior (Republicanos), com 22% e; Neto Evangelista (DEM) com 16%. Rubens Júnior (PCdoB) aparece com 7%.

Como se percebe, a liderança nos seus Estados depende de um jogo acirrado que exige muito cálculo. Assim como em seus territórios não há como governar e garantir a sua liderança com seus próprios partidos, os governadores não conseguem consolidar sua imagem nacional se não ampliarem seu escopo de alianças para além de seus Estados.

É aí que entram as disputas de Recife (onde João Campos, do PSB, aparece com 31% de intenção de votos pelo Datafolha e Marília Arraes, do PT, com 21%). O PSB aparece bem em Maceió, onde seu candidato, JHC, está empatado com Alfredo Gaspar de Mendonça (MDB) em 24% de intenção de voto. Embora em terceiro lugar, o candidato do PSB também se destaca na eleição em João Pessoa. Ricardo Coutinho aparece com 10% de intenção de voto, atrás de Cícero Lucena (PP), com 21%; e Nilvan Ferreira (MDB), com 15%.

Já em Aracaju, é o candidato do PDT que aparece em primeiro lugar, com 34 %.

Em Teresina, o candidato do governador petista Wellington Dias aparece em quarto lugar nas intenções de voto (com 6%); situação similar do candidato do PT em Natal (Estado governado pela petista, Fátima Bezerra), que aparece em quinto lugar, com 5% de intenção de voto.

O jogo de xadrez é dos mais complexos, envolvendo uma situação de disputa interna nos estados governados pelo centro-esquerda, mas, também, uma disputa entre partidos (PT, PSB, PCdoB e PDT) e entre personalidades muito distintas.

Esta é, possivelmente, a região do Brasil que exige as estratégias e atenção política mais afiadas. A disputa é quase por centímetros e, dependendo do que ocorrer em 2021 nessa região, poderemos imaginar o arco de alianças do campo centro-esquerda em 2022.

## **41. SEM DIREÇÃO, PETISTAS SE VIRAM NOS 30 NESAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS**

Tivemos algumas novidades no campo da esquerda nessas eleições municipais: as candidaturas coletivas que passaram ao largo das direções partidárias.

Foram ao menos 30 candidaturas coletivas registradas nessas eleições municipais. Todas surgidas no campo da esquerda, em especial, petista. Na au-

sência de direções partidárias firmes e atuantes, os militantes geraram alternativas.

As candidaturas coletivas deste ano geraram covereanças. Isto significou que um nome era registrado, mas, na prática, vários co-candidatos faziam campanha por seu nome (com o número geral registrado) e suas agendas. Em diversas situações, a candidatura coletiva era composta por gente que não tinha a mesma identidade partidária. Isso é uma imensa novidade no país: a organização transpartidária, transtemática, heterodoxa.

Tivemos mais de 25 candidaturas coletivas vitoriosas nas eleições municipais deste ano.

Houve, ainda, o surgimento de candidaturas a partir de uma organização paralela. Este é o caso do "Representa", uma articulação de jovens no interior do PT. O Representa priorizou 138 candidaturas, em todos os estados do país e elegeu 25 (18,1%)

Uma corrente interna do PT acusou o golpe com o surgimento do Representa. Artigo assinado por Gilberto Azeredo Gomes ganhou o título "Representa Quem?". Sugerindo se tratar de um coletivo que procura lançar novas "Tabatas", sustenta: "Sob o argumento de "qualificar" a política, todos eles compartilham de alguns pressupostos, em maioria de cunho liberal: a aversão aos partidos políticos, a infidelidade programática (...)".

Gostaria de chamar a atenção para duas situações que essas novidades carregam.

A primeira, de cunho sociológico. Elas procuram traduzir a imensa fragmentação social que estamos vivendo neste século XXI. De alguma maneira, expressam a forma das "redes sociais". São ramificações que formam um mosaico. Algo como "construindo a unidade na diversidade". Evidente que este tipo de organização plural e em mosaico se contrapõe à estrutura verticalizada e monolítica da forma-partido. Podem estar inaugurando uma nova forma.

Mas, também é um sintoma: as direções partidárias deste campo político perdem controle sobre a ação na base. As lideranças se multiplicam e, sem guarda, estruturam caminhos próprios, paralelos aos da trajetória partidária, sem rupturas formais.

O importante é percebermos uma mudança significativa que pode apontar novas configurações políticas ou de organização política neste complicado século XXI.

## 42. O PT NA ENCRUZILHADA, COMO EM 1983

Muitas movimentações internas já ocorriam no PT quando o desastre eleitoral se prenunciava. Algumas lideranças diziam que preferiam aguardar o final das eleições para não serem acusados

de contribuir para a derrota eleitoral. Mas, foi José Genoíno que saiu à frente.

Em suas recentes entrevistas, Genoíno coloca o dedo na ferida. Numa delas, criticou duramente os governadores do PT no Nordeste. Genoíno mira na recente fala do ex-governador Jacques Wagner: "Esse pessoal do PT que quer aposentar o Lula, é para poder preparar o caminho para um grande acordo. Por exemplo: faz um acordo no Congresso Nacional para que o país tenha um Banco Central independente".

A burocracia e líderes da corrente majoritária do PT se defendem. Não consegue entabular argumentos coerentes ou minimamente profundos. Reproduzem uma leitura matemática das eleições em que a derrota evidente é apresentada como vitória.

Em outra entrevista, Genoíno é ainda mais direto: "o PT enfeita o bolo das elites".

Em Belo Horizonte, o ex-candidato a prefeito, Nilmário Miranda sugere que "estávamos apanhando nas cordas. Agora estamos reagindo perto do centro do ringue." Avaliações de quem se acostumou a sustentar um clima de euforia entre militantes, sem muito compromisso com uma leitura crítica ou com a necessária correção de rumos. A corrente majoritária petista errou e desgastou o partido. Sua postura defensiva vai além.

Parte da bancada federal do PT, vinculada à CNB (a corrente majoritária), já esboça aliança com Rodrigo Maia em

seu projeto de reeleição para "não ficar de fora da mesa diretora no próximo período". As correntes minoritárias divergem. Querem proposta e candidatura próprias.

O que ocorre com esta direção ou corrente majoritária, afinal? Parece estar em ponto morto. Desde a ofensiva da direita, com apoio do Centrão que ingressou nos governos lulistas, a CNB não consegue sair do enredo que construiu. A CNB foi responsável pela subordinação do partido - e da militância - ao lulismo, ao governo federal. Em nenhum momento sugeriu uma ofensiva partidária autônoma, uma avaliação de pontos críticos ou lacunas dos governos petistas. Ao contrário: em 2013, a juventude petista publicou apoios às manifestações de junho que, logo em seguida, foram rechaçadas pela corrente majoritária. No ano seguinte, algumas correntes da juventude petista esboçaram um documento que citava o esgotamento da primeira geração. Novamente, os jovens rebeldes do PT foram calados. Para quem ainda acredita que 2013 foi contra o PT, recordo que a Juventude do PT declarou apoio aos protestos contra o aumento das tarifas de transporte, incluindo o da de ônibus, feito pelo então prefeito Fernando Haddad. Nota da juventude petista publicada no período afirmava: "o governo do Estado e a prefeitura da capital, ao elevarem o preço da tarifa de ônibus, trens e metrô, prejudicam a locomoção de jovens e trabalhadores". E "conclama a militância petista a participar ativamente das manifestações".

Retomo 2013 para sugerir que esta narrativa defensiva da corrente majoritária do PT vem de longa data. Ao invés de dar a volta por cima, procurou um inimigo externo para alinhar a militância de base. Procurou, com todas as suas forças, coibir qualquer crítica interna.

Agora, não há mais como fugir. Derrotada da maneira mais vexatória possível na capital mineira e capital paulista, vencendo em apenas 4 cidades das 15 que disputou no segundo turno, com candidaturas de correntes não majoritárias se destacando, não há como negar os erros.

Numa moral de esquerda mais clássica, seria o caso das direções partidárias que fracassaram de maneira incontestável na condução dessas eleições colocarem à disposição seus cargos. Para que provocassem um intenso debate interno e o filiado decidisse sobre os rumos partidários. Em 1983, logo depois do fracasso eleitoral do ano anterior, surgiu um manifesto procurando colocar o partido novamente nos trilhos. O "Manifesto dos 113", como ficou conhecido internamente, destacava os desacertos das direções do partido. Parece que é o caso atual.

Genóino foi o primeiro líder histórico do PT a atingir o ponto fraco. Espera-se que várias outras lideranças se somem à necessária leitura crítica dos erros cometidos há anos que acabaram se cristalizando numa derrota eleitoral evidente.

Muitas das direções atuais, altamente burocratizadas e sem conseguir esboçar qualquer elaboração de estratégia que coloque o PT na ofensiva política ou até mesmo disputar a agenda nacional, tentam se defender. Derrotados resistem admitir a derrota.

Lá no fundo, todos dirigentes e lideranças petistas sabem da responsabilidade do seu partido na construção de um projeto nacional democrático e na liderança do bloco de esquerda do país. A tentação para a defesa de cargos e hegemonia ser prioridade ainda é grande.

Dizem que "o uso do cachimbo entorta a boca". Hábitos de lideranças que se acostumaram a usar o rolo compressor para se impor acabam por viciar práticas. Admitir erros para aqueles com boca torta exige um esforço hercúleo. Exige mudança de comportamento. E coragem.

### **43. A HEGEMONIA DO CENTRO E A CAPTURA DE FUNDOS DA SAÚDE E EDUCAÇÃO**

Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, publica nota em 15 de dezembro, que revela a tentativa de desvio de recursos públicos do Fundeb para a iniciativa privada: quase 16 bilhões. Não se trata de uma "ajuda" ao Sistema S ou às escolas filantrópicas. Trata-se de dispu-

ta por recursos públicos pelos empresários<sup>45</sup>.

O texto de Daniel Cara informa que "Em 2019, conforme análise de dados da Receita Federal produzida por João Marcelo Borges (FGV), concluiu-se que as entidades filantrópicas e confessionais receberam 6,37 bilhões de dinheiro público (...) e o Sistema S recebeu R\$ 21 bilhões."

Fica nítido que está em curso um alinhamento dos setores empresariais para abocanhar fundos públicos da educação e saúde.

Na saúde, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) publicou as "Diretrizes para um modelo de atenção integral em saúde mental no Brasil". O documento é um nítido ataque aos fundos públicos da área da saúde mental. O ataque procura voltar ao passado, focando no isolamento da pessoa com sofrimento mental em hospitais. Quem ganha com isso? As corporações da área psiquiátrica e proprietários de manicômios são os grupos de interesse.

Então, parece claro que há uma orquestração do empresariado na captura de recursos públicos da saúde e educação. Se não conseguem revogar o orçamento público vinculado às duas áreas, decidiram atacar pelos flancos.

Nesta manobra e focalização na saúde e educação, o empresariado conta

com um aliado de peso: o Centrão. Este bloco de centro-direita movimenta-se politicamente na captura do Estado e comando da política nacional. Vou usar alguns termos caros à ciência política para explicar.

Gramsci fazia uma analogia entre as ações militares e ações políticas. O autor italiano articulava a guerra de movimento com a guerra de posição, ações de avanço pontuais com ocupação de espaços "entrancheirados". Gramsci dizia: "A verdade é que não se pode escolher a forma de guerra que se quer a menos que se tenha imediatamente uma superioridade esmagadora sobre o inimigo". Este é o caso: quem avança não é Bolsonaro, mas o Centrão. E avança sobre o Estado e recursos públicos, com movimentos determinados na busca da ampliação de seu poder. Então, temos iniciativas e avanços tópicos ao longo deste ano em que o Centrão negociou com o general Luiz Eduardo Ramos o ingresso no governo federal para "pacificar" a relação com o Congresso. A aliança foi bem além deste armistício

Com a vitória do Centrão nas eleições municipais, este bloco se transformou no que Poulantzas - também empregando conceitos gramscianos - denominou de "bloco no poder": uma unidade conjuntural de comando do mundo político por frações da elite.

---

45 A denúncia ocorria às vésperas da votação da regulamentação do novo Fundeb no Senado que, ao final, reverteria as decisões privatistas da Câmara de Deputados. A opinião de Daniel Cara, citada neste artigo, pode ser acessada aqui: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/so-o-senado-federal-pode-salvar-o-fundeb/>.

Gostaria, então, de sugerir que a estabilidade do apoio popular (em 37%)<sup>46</sup> ao governo federal deve-se ao Centrão e às suas orientações e movimentações recentes. Bolsonaro não é o centro da política nacional. O Centrão é tão hábil e hegemônico que já lança pontes para a centro-esquerda. A candidatura de Arthur Lira para a presidência da Câmara de Deputados é parte central desta consolidação da hegemonia do Centrão. Não se trata de trocar Maia por Lira, mas de forjar um acordão entre Centrão, Bolsonaro, militares e centro-esquerda.

PSB, PDT e PT são alvos nítidos deste avanço do Centrão no cenário político. Merece atenção.

Atenção nos movimentos do Centrão, mas, principalmente, nos movimentos de deputados de centro-esquerda. Aí está o futuro dos recursos públicos em saúde e educação.

---

46 Este índice de aprovação cairia para menos de 30% no final de janeiro de 2021.

# ANO 2021

## 44. A CAMINHO DO CENTRÃO

A bancada federal do PT resistia. E continuou resistindo. Mas, por uma pequena maioria de 4 votos, decidiu apoiar Baleia Rossi, do MDB, aliado do DEM, para a presidência da Câmara dos Deputados. Foi um alívio para o PSB e para Ciro Gomes que devem estar unidos em 2022 numa chapa com o Centrão. Ao menos são os acordos em curso nos bastidores da política das elites partidárias, aquela que não envolve nunca a opinião do cidadão, do eleitor.

Em seguida, mais rápido do que um raio, foi composta formalmente a aliança de 11 partidos, liderada pelo DEM. O centro-esquerda, incomodada

com sua imagem externa, divulgou uma carta para justificar os seus aparente 119 votos (aparente, já que 41 desse bloco são contra o apoio e, como o voto é secreto, espera-se defecções no dia de votação pela presidência da Casa). O que diz a carta assinada pelo PT, PSB, PDT PCdoB e Rede?

*“Lutar pelos direitos do povo brasileiro, pautando projetos que garantam efetivamente o direito à vida e à saúde, por meio do adequado enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, garantindo: o acesso universal à vacina; a renda emergencial e/ou a ampliação do Bolsa Família; a geração de emprego e o fim do arrocho salarial; a segurança alimentar, com apoio à agricultura familiar e assentamentos da Reforma Agrária, garantido comida barata*

*ao povo; tributos sobre a renda dos mais ricos; defesa dos direitos das classes trabalhadoras, com liberdade para organização e modernização de entidades sindicais.”*

Cá entre nós, é preciso uma dose cavalgar de fé no Centrão – aquele que votou pela reforma da previdência e pela reforma trabalhista – para acreditar que esta agenda será a pauta de Baleia Rossi. Parece mais panfleto de chapa que se candidata à presidência de algum diretório municipal de uma cidadezinha do interior. Na falta de inspiração, lasca uma agenda ampla o suficiente para a grande maioria não entender nada.

Antes, lembremos os 23 deputados federais do PT – a maior bancada da Câmara de Deputados – que foram contra o apoio ao Baleia: Afonso Florense, Arlindo Chinaglia, Bohn Gass, Célio Moura, Frei Anastacio Ribeiro, Helder Salomão, Henrique Fontana, Jorge Solla, José Ricardo, Joseildo Ramos, Marcon, Maria do Rosário, Natália Bonavides, Odair Cunha, Padre João, Paulo Teixeira, Pedro Uczai, Reginaldo Lopes, Rogério Correia, Rui Falcão, Waldenor Pereira, Zé Carlos e Zeca Dirceu. Nomes de peso, deputados que comandaram o partido – como Rui Falcão -, com amplo trânsito e respeito em processos de negociação política – como Elvino Bohn Gass -, deputados com muito destaque em seus Estados – como Maria do Rosário, Odair Cunha, Reginaldo Lopes, Paulo Teixeira,

entre outros. Os vitoriosos decidiram divulgar aos quatro cantos que “agora vai”.

“Quem deu golpe viu que deu ruim”, se adiantou a presidente oficial do PT, Gleisi Hoffman, revelando mais do que imagino que desejaria. Essa falta de habilidade política de Gleisi me assusta. A frase é mais um ato falho que uma declaração positiva. Chamou a atenção para a aliança com os golpistas, com o corpo ainda quente estirado no chão.

Mas, o que os partidos de centro-esquerda ganham com este apoio ao Centrão?

Lembremos que a aliança dos 11 partidos possui teóricos 280 votos, que sem os 50 votos do PT ainda superam e muito os 160/170 votos de Arthur Lira. Então, se não havia tanta necessidade deste apoio direto do PT, as vantagens negociadas devem ter sido extraordinárias. Vejamos.

O discurso oficial é de que a aliança derrotará Bolsonaro na Câmara e defendendo as instituições e, ainda, o centro-esquerda ganha a 1ª. Secretaria na Mesa da Câmara<sup>47</sup>. A 1ª secretaria é responsável por decisões administrativas, como a organização das despesas da Casa, distribuição de gabinetes, funcionários, passagens, um verdadeiro paraíso para as burocracias partidárias. Mas, qual o peso deste cargo na definição de pauta da Câmara? O que a luta pelas instituições e derrota de Bolsonaro

47 Ao final, o presidente eleito na Câmara de Deputados foi o deputado Arthur Lira, que desmontou o acordo com Rodrigo Maia que entregava a 1ª secretaria da Mesa Diretora desta Casa. O PT perdeu o posto para o PL e ficou com a 2ª Secretaria, mesmo tendo a maior bancada federal do país.

ganha com esta função? O que garante em relação às pautas até aqui caras para a esquerda como impeachment de Bolsonaro, a não independência do Banco Central e da não privatização dos Correios ou Petrobrás?

Analisemos quem é Baleia Rossi para entender melhor se se trata efetivamente de ataque frontal à Bolsonaro.

Luiz Felipe Baleia Tenuto Rossi, mais conhecido como Baleia Rossi nasceu em junho de 1972. É empresário e presidente nacional do MDB. Vinculado à Michel Temer. Rossi foi ministro da Agricultura dos governos petistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, entre 2010 e 2011. Pediu demissão diante de denúncias de irregularidades na pasta. Em 2014, foi eleito deputado federal e dois anos depois virou líder do MDB na Câmara, quando se aproximou de Rodrigo Maia (DEM-RJ). Lembremos que Michel Temer, padrinho de Rossi, é cotado substituir Araújo no Ministério das Relações Exteriores. Também pode refrescar a memória o fato do MDB ter convidado Bolsonaro para se filiar na sigla. O convite foi feito em outubro do ano passado pelo senador Eduardo Braga (MDB-AM).

Baleia foi anunciado como candidato de Rodrigo Maia em 23 de dezembro. Até aquele momento, também era cogitado o nome de Aguinaldo Ribeiro (PP-PB) para disputar o cargo.

Então, fica a dúvida: apoiar Baleia não é apoiar Temer que além de ter par-

ticipado do golpe está sendo cotado para ser ministro de Bolsonaro?

Este tortuoso caminho das forças de centro-esquerda do país indica pouca coerência ou uma dubiedade estratégica que faz recordar daqueles enredos de espionagem em que vários personagens aparecem de um lado e do outro da disputa, muitas vezes tantas vezes de um lado e de outro que acabam zonzos e nauseados.

Deve ter algum sentido para este jogo de esconde-esconde. Eu, sinceramente, só percebo garantia de visibilidade e algum poder na Câmara de Deputados, talvez, na composição do comando de algumas comissões permanentes. Talvez. Parece mais coisa de disputa interna ou de movimentações pouco nobres no caminho de 2022, de maneira rebaixada, acanhada, derrotada.

Décadas atrás, o PT descortinou uma nova forma de fazer política pela esquerda. Ao invés dos acordões, ações de massa vinculadas à agenda de luta popular; ao invés de ingressar em frentes amplas por baixo, ofensivas de rua, atropelando aliados à direita, como foi na Campanha das Diretas. Desta maneira, cresceu. Cresceu porque estava sempre com um cordão de segurança, atado às lutas sociais. Agora, no apagar das luzes de sua história de lutas, algo em torno de metade mais quatro de seus deputados, uma maioria raquítica, quase invisível, decide se aliar numa carreira de jockey ameaçado. Uma maioria que parece ver o que não enxergamos, nós, mortais

que só vemos cavalo de corrida pela televisão. Viram que “quem deu golpe viu que deu ruim”, algo que não tínhamos percebido. Não tínhamos percebido que Temer, Rodrigo Maia e Baleia haviam feito *mea culpa*. Não tínhamos percebido que se tornaram nossos novos aliados.

Não percebemos nada.

Nós, que ainda acreditamos que Bolsonaro não é apenas adversário, mas inimigo. Nós apenas vemos que a aliança dos 11 partidos selou uma aliança para 2022 em que o Centrão será protagonista. A aposta, parece, é de um novo golpe no comandante do Executivo Federal que será desfechado sob a liderança do Centrão. Mais uma vez. Aquele Centrão que derrubou Dilma Rousseff. Porém, até o novo golpe, o Centrão fará o que sempre fez: o “toma lá, dá cá”.

## 45. A INESPERADA OFENSIVA CONTRA BOLSONARO

Muitos previam que em algum momento transbordaria o copo até aqui de raiva. Bolsonaro abusou e todos nós sabemos. Incompetente como gestor, humilhado politicamente pelo Centrão, restou o grito do macho alfa, mesmo combatido. Ameaçou, como sempre, e recuou, como costumeiramente faz. Mas, o outro lado do país, aquele que é majoritário, umas três vezes maior que o apoio que Bolsonaro parece possuir, continuava resignado. Resignação, tal-

vez, não descreva exatamente o cenário. O lado de cá resolveu ser espectador. Olhar a paisagem e fazer seu julgamento. O passo mais radical passo a ser assinar e divulgar manifestos e petições.

Mas, de repente, logo no início de janeiro, a economia começou a dar sinais de que perdeu o freio na ladeira. Inflação alta e uma sucessão de notícias de empresas fechando e demitindo, tendo a Ford à frente, saindo de mala e cuia do Brasil. Como humilhação em tempos de cólera é pouco, a Ford trocou o Brasil pela Argentina de Maradona e dos peronistas. E ficamos aqui, chupando o dedo.

Quase simultaneamente, estoura a tragédia de Manaus. Não adiantou apenas as mortes por Covid com o vírus já em mutação, cuja contaminação é mais rápida que até então. Desgraça pouca é bobagem, dizem. Foi preciso acabar o oxigênio nos hospitais e pacientes morrerem um atrás do outro. A Venezuela, aquele país odiado pela grande imprensa brasileira e que foi ameaçado de receber mais uma Força Expedicionária Brasileira, decidiu socorrer os brasileiros do Amazonas.

É humilhação que não acaba mais. E desespero. O bolsonarista raiz, aquele que se pensar acaba sofrendo uma enxaqueca, começou a disseminar desejos não realizados, como uma tal distribuição de verba pública para o país inteiro que não foi usada corretamente, segundo o padrão bolsonarista de qualidade. Não adiantou. As notícias ruins soterraram qualquer tentativa de resposta ao

estilo 2018. Foi-se o tempo que o bolsonarista era estilingue.

O fato é que uma onda, ainda que tímida, começou a se formar no horizonte. Uma onda anti-Bolsonaro. Panelaços convocados e realizados (contra Bolsonaro), manifestos de médicos contra a ausência de ação articulada do governo, pressão de todos os lados pelo início da vacinação (seja da China, Cochinchina, Coréia, Inglaterra ou Paquistão) e até o início do aumento de deputados a favor da abertura do processo de impeachment do nosso presidente. Nunca, o Adeus Presidente! ficou tão palpável desde sua posse.

A cereja do bolo foi a primeira vacina contra Covid19 ser dada à uma enfermeira paulista, tendo ao lado, como padrinho, o governador João Dória. Imagino Bolsonaro espumando e gritando e o ministro da saúde procurando alguma desculpa para se escorar. Se havia algum plano de iniciar o ano tomando a iniciativa, tal possível plano de Jair já deve estar engavetado.

Feita a narrativa dos últimos dias, acredito que seja o momento de baixar a bola, olhar o jogo com a cabeça empinada e refletir sobre a melhor jogada que se prenuncia.

Vou sugerir uma leitura sobre o impeachment. Não acho que seja provável, mas, não custa analisar.

O Brasil vem sendo governado pelo Centrão. Ele tomou o governo Bolsonaro para si, tomou o Congresso e dizem que parte do STF pensa como ele. Ora, se o Centrão manda e desmanda, para que derrubar Bolsonaro neste momento? Para energizar um governo bolsonarista tendo um Mourão à frente? Duvido. Não faz o estilo do Centrão. Centrão gosta de estar no governo como um gato preto de olhos amarelos bem abertos, perscrutando tudo e se fartando da comida que algum desavisado tenha deixado à mão. Centrão é um gato com pouco ônus e muito bônus na vida. Até acredito que dará um puxão de tapete em Bolsonaro. Mas, logo no início do ano? Duvido. Se der, será no final deste ano ou em 2022. O risco é demasiadamente alto.

Mas, digamos que o volume de petições e envio de mensagens aos deputados e senadores seja cavalariço. Café da manhã, almoço e jantar recheados de mensagens exigindo o impeachment. Digamos que os deputados do Centrão decidam testar e ameaçar Bolsonaro com um pedido ao estilo "Capitólio contra Trump".<sup>48</sup> Uma chantagem de

---

48 No dia 6 de janeiro, pouco antes da certificação, pelo Congresso Nacional dos EUA, da vitória de Biden sobre Trump, nas eleições nacionais o Capitólio foi invadido por uma multidão de fanáticos apoiadores de Trump. Seguindo orientações dadas pelo próprio Trump alguns momentos antes da invasão num discurso feito à luz do dia, os invasores tomaram o Capitólio e impediram a realização da sessão. Reafirmavam o discurso de Trump de que as eleições foram fraudadas em alguns Estados. Ao final, mais de 90 invasores foram presos e Biden foi confirmado como novo presidente dos EUA na madrugada do dia 6 para o dia 7. A Center for Responsive Politics (Centro pela Política Responsiva) denunciou que a campanha de Donald Trump teria destinado US\$ 2,7 milhões (R\$ 14,7 milhões) a protagonistas da invasão do Capitólio.

início de ano para fazer Jair se aprumar. Digamos que os parlamentares do Centrão tomem gosto de aparecer o tempo todo na Globonews e decidam derrubar Bolsonaro. E aí? Quem vai governar? Alguma mudança fundamental na vida do trabalhador de aplicativo ou moradores das periferias e favelas do Brasil? Alguma Madalena será libertada do seu cativeiro pós-moderno? Duvido.

Sem uma esquerda organizada e determinada, coesa a partir de um programa de reconstrução nacional, não há como o Centrão deixar de ser Centrão. Aliás, Centrão rima com Mourão.

Lembremos que todas as campanhas políticas democratizantes no Brasil contemporâneo tiveram uma esquerda determinada, organizada, focada e com pé na rua. Foi assim com a Campanha das Diretas e até mesmo durante a Constituinte. Evidente que os mais novos acham que a esquerda só chegou ao poder quando cedeu os dedos, anéis, cabelos pretos, sapatos e camisetas com estrelinhas. Não é verdade. A esquerda cresceu e se tornou confiável à maioria dos brasileiros quando teve personalidade e se definiu como força antissistêmica. Aliás, Bolsonaro também venceu se declarando um outsider antissistema. Por que antissistêmico faz tanto sucesso no Brasil? Porque somos a sétima nação deste planeta no ranking de desigualdade social. Como venerar um sistema que só dá esperança para uns poucos, deixando à mingua milhões?

Mas, alguém que decidiu fazer MBA em lulismo decidiu que a correlação de forças é desfavorável para qualquer mudança e a saída é recuar. Se um dia o Centrão veio para o bloco lulista de maneira subordinada, agora seria o momento para trocar gentilezas e propor que a esquerda se subordine ao Centrão. Como uma baleia encalhada, revela seu potencial nas areias da praia, mas é logo cercada por uma plateia admirada que não revela nenhum temor de sua antiga força, ameaça e majestade.

Impeachment é um péssimo instituto legal. Não tem nada de democrático porque começa adotando o princípio da eleição indireta dos EUA: não é o eleitor, o mandante do mandato eletivo, que retira o mandato do eleito, mas outro eleito por ele. Assim, o eleitor fica na arquibancada jogando laranjas e chinelos no juiz e nada mais. É a “elite política” que decide sobre o futuro do governante. Tudo me faz achar que impeachment é a prostituta das chantagens. Algo descarado que faz o presidente da Câmara dos Deputados se sentir como uma deusa Fortuna, decidindo sobre a vida do governante e dos brasileiros. É um tal de “olha que eu coloco o pedido de impeachment para apreciação, hein?” de dar náuseas como se engolíssemos umas dez colheradas de sopa recheadas de doce de leite.

Não. Sem uma esquerda determinada e com pé na rua, não vai dar. Se é para ter Centrão mandando, que não se faça de donzela pedindo para o

povo desdentado exija o impeachment. É zombar da ingenuidade do brasileiro.

Um último lembrete: alguns esquerdonets postaram nas redes que agora João Dória vai aparecer como Salvador da Pátria. Pode até ter sentido este tipo de alerta. Porém, lembremos que até dezembro do ano passado, os partidos de centro-esquerda possuíam 1.100 prefeitos e 11 mil vereadores. E nada fizeram. Poderiam ter criado governos paralelos, comitês da crise espalhados por todo país. Somente o PT teve seis ministros da saúde (gestões Lula e Dilma). Eu não vi nenhuma articulação do partido – vários ex-ministros se desdobraram, individualmente, em ações solidárias – para que este capital político e de conhecimento fosse colocado à serviço dos brasileiros que morreram aos borbotões infectados pelo COVID19. Nem vou contar o número de secretários municipais de saúde que PT, PSB, PCdoB e PDT possuem e que não criaram um “cordão de solidariedade” e gestão compartilhada. Nada.

Então, caros, melhor deixar João Dória ter seus 15 minutos de fama. Não há motivos para jogarmos pedra em quem dá a primeira vacina do país contra COVID19 à uma enfermeira, negra, moradora de Itaquera, onde fica o estádio do Timão. Nesse caso específico, os primeiros serão realmente os primeiros.

## 46. A “MANSIDÃO” POLÍTICA DA MAIORIA DOS BRASILEIROS POBRES

Um comportamento político que parece marcar a conjuntura brasileira neste momento (o Brasil, vale lembra, é uma caixinha de surpresas quase diária) é o que denominaria de “mansidão popular”, uma certa desconexão com o mundo fora do seu quadrado. Vou expor algo a respeito.

1. Há uma série de pesquisas recentes que indicam um hiperindividualismo e comunitarismo espraiado pelos centros urbanos de nosso país. Comunidades que valorizam a família, o círculo mais íntimo de amizades e instituições que as apoiam diretamente em momentos de sufoco, como igrejas e bombeiros;
2. No caso das expectativas em relação ao futuro, parece ocorrer uma crença cega na melhoria da vida, não como fruto de uma ação coletiva, mas por iniciativa e esforço pessoal. Esta é a conclusão de recentes pesquisas sobre confiança nas nossas instituições e a realizada nas favelas;
3. Não podemos afirmar que a população brasileira é estruturalmente mansa ou apática. Temos casos e casos na nossa história que revelam revol-

- tas, rebeliões e protestos com multidões. Mas há certo traço de "carnavalização da política", termos empregado por Boaventura Santos. Por carnavalização, Boaventura sugeria a projeção do que os brasileiros fazem durante o carnaval (que se avizinha): transgridem por alguns dias, mas sem romper com a ordem. Na verdade, é algo mais complexo. A ordem, nestes dias, parece "dilatada" e suas fronteiras se expandem. Uma espécie de acordo tácito em relação à moral vigente: os foliões sabem que naquele período é possível ir além e as instituições recuam na observação de algumas regras de comportamento. Uma espécie de "Noite de Crime" tupiniquim;
4. Se transpormos o que ocorre durante o carnaval para os recentes protestos de massa no Brasil, temos um paralelo não totalmente similar. De um lado, as manifestações nunca atingem o campo institucional. Os manifestantes ocupam as ruas para logo mais retornar às suas casas. De outro lado, uma repressão desmedida das PMs, esse órgão de repressão pouco eficaz no combate aos crimes, mas cada vez mais preparado para dispersar e intimidar mobilizações de cidadãos;
  5. Suponho que a este cenário, se somem as frustrações de quem imaginou que seria realmente inserido pelo consumo e valorizado pelo que é (e compra) e, agora, percebe que retornou à vida de penúria. Ora, ninguém sofre sem perspectiva e continua com saúde mental. Assim, para viver na frustração é preciso criar uma utopia. E esta utopia tem que ter relação, ao menos algum vínculo narrativo, com a vida atual. Caso contrário, se torna um salto no escuro, um discurso messiânico desesperado. Mas, não é desespero que se vê nas periferias;
  6. O que se vê nas periferias é um otimismo escrachado. Algo que perpassa o funk, o vestuário dos morros, o discurso positivo e acolhedor das igrejas evangélicas. Não se trata de desespero, mas algo parecido com orgulho e projeção deste orgulho. É daí que me parece que surge o individualismo exacerbado e a aparente passividade das massas no Brasil, neste momento. Primeiro, um orgulho dos iguais, dos excluídos, que se separa de tudo o que tem a ver com as promessas não realizadas dos poderosos;
  7. Este orgulho ressentido gera grande rejeição das institui-

ções e promessas dos representantes políticos de sempre. E um fechamento em núcleos familiares ou de agentes sociais que estão o tempo todo presentes na sua vida e se revelaram efetivamente solidários;

8. A presença é algo importantíssimo no trabalho pastoral e missionário. Tem lastro na parábola do Bom Pastor. O que faz da presença missionária um elemento da história religiosa ou espiritual do brasileiro.

Termino esta breve digressão sugerindo que essa aparente "mansidão" popular se baseia numa revolta surda, acanhada, não explosiva. Ela se movimenta nos pequenos espaços de convivência social e se alia aos próximos, aos que estão sempre presentes em sua vida.

## 47. A SINA DO BRASIL

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, num ensaio que dedicou às suas filhas, em determinado momento escreveu: "não posso evitar a história". Afirmava que a história havia decretado que ele era polonês e judeu e, com tais imposições arbitrárias, uma alta dose de incerteza em relação ao futuro.

Quando li essas palavras que parecem uma narração realista, pensei no decreto que a história acabou impondo a todos nós, brasileiros. Bauman, como sociólogo – e filósofo – sabia que não nascemos com essência, já que nossa inteligência nos "decreta" que somos responsáveis por nossas escolhas e omissões. Sartre dizia isso, afinal, que somos atormentados por nossas escolhas, por nossa liberdade. O que Bauman queria sugerir é que não temos como nos livrar do passado e da história dos vínculos sociais e da cultura em que estamos mergulhados.

Também não acredito que estivesse inaugurando um outro tipo de determinismo. Fernand Braudel já havia alertado para esta armadilha fácil. Numa proposta de currículo de história para alunos de ensino médio na França, o historiador francês havia manifestado suas reservas para qualquer determinismo geográfico ao afirmar que é possível que várias comunidades tenham desafios semelhantes apresentados pela natureza – são muitas civilizações e culturas que nasceram em meio ao deserto ou às margens de rios ou mares –, contudo, as respostas que deram nunca foram as mesmas. Pela inteligência humana, criamos e construímos nossas escolhas, nossa essência moral. Bauman sabia disso. Sugeriu que a questão da imposição da história não é a de proteger fronteiras, mas de construir fronteiras, construir realidades. A história de cada nação ou comunidade, afinal, impõe um roteiro, uma estrada, muitas questões que temos que

responder ao longo de nossa trajetória comum.

Então, quais seriam as questões postas por nossa história de brasileiros? Gostaria de destacar quatro dessas questões capitais ou fundacionais do Brasil.

A primeira, é a escravidão ou o pensamento estamental. Não conseguimos pensar como sociedade moderna. Parece haver uma sina nacional de sempre nos referirmos ao outro pela marca da casta em que cada um nasceu. Pobre é pobre e negro no Brasil. Negro brasileiro, portanto, tem esta marca que o aproxima da construção simbólica que a Europa construiu para o judeu – da Rússia à Polônia de Bauman, passando por vários outros países que alimentaram este preconceito. O Brasil adotou vários traços de cultura – ou ideário – estamental. Pensamos nossa sociedade organizada em segmentos amarrados à sua origem, algo bem distinto da lógica da sociedade em classes sociais: existem vestimentas, lugares para frequentar, alimentação, dialetos ou gírias específicas, enfim, uma série de marcas que definem o “lugar de fala e de existência”.

A segunda questão dada pela imposição de nossa história é, talvez, derivada da anterior: a combinação paradoxal da violência privada e a mansidão pública. Somos um país violento. Segundo o professor José de Souza Martins, da USP, somos campeões mundiais de linchamento. A violência doméstica, contra mulheres e crianças, é assustadora. O Brasil é o 5º país em mortes violentas

de mulheres no mundo, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Perdemos para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia em número de casos de assassinato de mulheres. Em comparação com países desenvolvidos, aqui se mata 48 vezes mais mulheres que o Reino Unido, 24 vezes mais que a Dinamarca e 16 vezes mais que o Japão ou Escócia.

Em nosso país, a cada 60 minutos uma criança ou adolescente morre em decorrência de ferimentos por arma de fogo. Nas últimas duas décadas, mais de 145 mil jovens, com idades entre zero e 19 anos, faleceram em consequência de disparos, acidentais ou intencionais, como em casos de homicídio ou suicídio.

Contudo, o grau de resiliência dos brasileiros em relação aos desmandos e arbitrariedades de governos e autoridades públicas parece patológico. As rebeliões e respostas de massa são raras num país que é, segundo a ONU, o sétimo em desigualdade social em todo planeta. A hipótese explicativa possível é o congelamento da desigualdade social e a cultura estamental que alimenta a noção que aqui vivemos num deserto sem fim, numa lógica circular em que filhos ou netos de ricos fatalmente serão ricos e membros da elite, assim como filhos ou netos de pobres serão também pobres e marginalizados socialmente. Se nada muda, se as elites sempre governam o país com nenhuma sensibilidade social, mas muita malandragem, por qual motivo seria crível uma rebelião popular alterar tal realidade? Então, a saída parece

ser individual, familiar e com muita reza braba para que alguma saída mística esteja ao alcance das preces.

Do outro lado da ponte, surge a terceira questão: nossas elites forçam - através da violência institucional ou de discursos que prometem a eterna receita de crescimento do bolo para a sua divisão posterior - uma conciliação de interesses. Com o fim da ditadura militar, a conciliação veio pelo alto, construindo o acordão que ficou conhecido como Nova República, um acordão que definiu limites para a esquerda e a direita, mas que foi quebrada com Jair Bolsonaro e os bolsonarista. Agora, nova promessa de estabilidade da política - e da desigualdade social e marginalização da massa de brasileiros - a partir de um impeachment de Bolsonaro que levaria ao bloco que já está no poder, no interior do governo Bolsonaro. Talvez, nós sejamos a única nação que entenda esta lógica *lampedusiana* de mudar para que tudo fique como sempre esteve.

Temos, ainda, a quarta questão: a luta pela sobrevivência e pela alegria como estratégia comunitária. Somos resilientes em demasia e para adoçar esta marca doentia, nos tornamos um povo alegre. Alegre pela dança, pela música, pela sexualidade, pela ironia, pela gargalhada. Uma alegria que flerta com a violência. Lembremos que até os blocos de carnaval fossem reeditados pelas mãos de Villa Lobos, durante o Estado Novo, eram proibidos porque não “condiziam com a civilização” ou porque na disputa de estandartes de cada bloco carnavala-

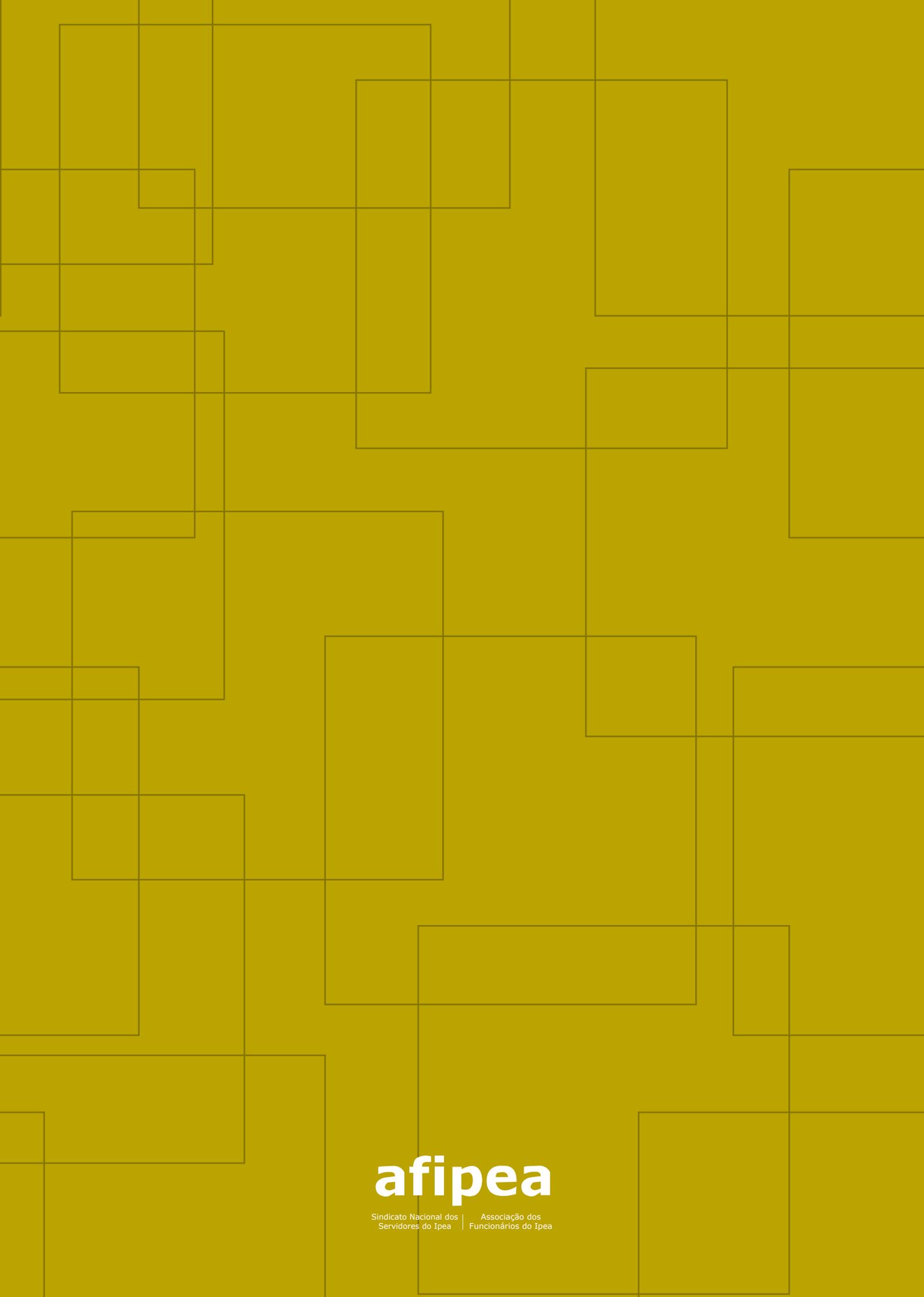
lesco, saíam alguns machucados ou até esfaqueados. A alegria exagerada e a violência andam juntas no Brasil, quando não abrem portas para o preconceito e o bullying explícito.

O que estou sustentando não é niilismo, mas a necessidade de alterarmos esses traços de nossa história que Bauman afirmou que não conseguimos nos livrar. Minha tese é que nossa saída é pela mudança do traço cultural que é oriundo da presença cotidiana do mundo escravagista que nos divide em desigualdades cristalizadas. Aqui, nos diferenciamos do mundo líquido que o sociólogo polonês identificou nesse século XXI: no Brasil, a desigualdade social é sólida, uma tradição, tão coesa e palpável que não se corta facilmente.

Talvez, pela educação em massa, pela formação do espírito cidadão, pela ousadia da produção artística, enfim, pelos meios que movem corações e mentes, mudemos esta tragédia.

Contudo, pelo impeachment, este instituto legal criado pelas elites para fortalecer seu poder sobre um possível governante que saia dos trilhos da nossa cultura estamental, nada será alterado.

Com o impeachment, estaremos de volta ao Dilema de Sísifo, este esforço para mudar para que tudo fique como sempre foi.



# afipea

Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea | Associação dos Funcionários do Ipea